

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Lara Tejada Stahlberg

Mulheres em campo:
Novas reflexões acerca do feminino no futebol

São Carlos

2011

Lara Tejada Stahlberg

Mulheres em campo:
Novas reflexões acerca do feminino no futebol

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade
Federal de São Carlos para obtenção
do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

São Carlos

2011

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S781mc

Stahlberg, Lara Tejada.

Mulheres em campo : novas reflexões acerca do feminino no futebol / Lara Tejada Stahlberg. -- São Carlos : UFSCar, 2013.

125 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2011.

1. Antropologia social. 2. Esportes. 3. Futebol profissional. 4. Mulheres. 5. Futebol – torcidas organizadas. I. Título.

CDD: 306 (20^a)



antropologia social

ufscar

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós Graduação em Antropologia Social

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Lara Tejada Stahlberg

24/08/2011

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Marcos Pazzanese Duarte Lanna
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. José Paulo Florenzano
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Agradecimentos

O final de um trabalho é o momento em que temos a sensação do dever cumprido e fazemos a avaliação do que poderia ter sido feito de maneira diferente. Os pensamentos sobre o que poderíamos melhorar se misturam com a ponta de orgulho que sentimos de nós mesmos. Contudo, esta reflexão jamais estaria completa se não viesse acompanhada de um profundo agradecimento a todos aqueles que tornaram possível esta conquista.

Em primeiro lugar agradeço à minha mãe, que apesar de ser minha mais profunda e contundente crítica, me ensinou a ver meu potencial e jamais aceitar qualquer coisa aquém da excelência em tudo o que realizei. Ao meu irmão, pela paciência e apoio indispensáveis. Aos meus avós, minha madrinha e outros membros da família, tios, tias, primas e primos, de perto e de longe, que sempre se fazem presentes, cada um à sua maneira.

Às amigas, irmãs e parceiras Sayonara, Gabriele, Lauriani, Cristiane, Amanda e Marcela, que nem sempre compreendem bem o meu trabalho, mas me ouvem falar e sofrer por futebol mais do que gostariam, se alegraram e se alegram com minhas conquistas. A outros amigos como Júlio, Carol, Bruna, Amanda, Ana Carolina, Clarissa, às companheiras de casa, de circo, aos companheiros de graduação e mestrado também um sincero agradecimento.

À família Barth, pelo acolhimento e carinho e ao meu namorado, Barthinho, meu confidente, meu mestre budista, meu amigo incondicional que me deu muitos empurrõezinhos e sempre acreditou neste trabalho.

Agradeço também aos professores do Departamento de Ciências Sociais, em especial os integrantes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Obrigada Kike, meu orientador há tanto tempo, pelas oportunidades e pela paciência. Aos Professores Doutores Marcos P.D. Lanna e José Paulo Florenzano, por terem gentilmente aceitado fazer parte de minha banca examinadora.

À CAPES, pelo apoio financeiro sem o qual a pesquisa não poderia ter sido realizada.

Meu profundo agradecimento àqueles que em toda a minha vida sempre foram meus pilares gêmeos, que me deram apoio, conselhos, carinho e incentivo em tudo. São aqueles que, cada um a sua maneira, me vestem o corpo e a alma e sem os quais nada disso poderia ter sido realizado. São eles meus avós Penido e Rosa.

Por último e sobretudo, ao meu maior exemplo, meu maior professor, crítico, amigo e confidente, meu fã número 1. É aquele que me ensina todos os dias o valor do trabalho duro, do conhecimento e que, não importa o que aconteça, não existem batalhas perdidas e jamais devemos deixar de lutar, meu pai.

A todos aqueles que de alguma maneira possibilitaram a realização deste trabalho e que neste breve espaço não é possível citar.

Obrigada.

“Nenhum dos momentos que as pessoas descrevem como os melhores nas suas vidas parecem análogos para mim. O nascimento de uma criança deve ser extraordinariamente tocante, mas não tem o crucial elemento surpresa e em alguns casos dura tempo demais; atingir uma ambição pessoal – promoções, prêmios, ou o que seja – não tem aquele fator do último minuto ou a sensação de impotência que eu senti naquela noite. E o que mais pode possivelmente prover este tipo de surpresa? Ganhar uma enorme aposta, talvez, mas ganhar grandes somas de dinheiro afeta uma parte completamente diferente da psique, e não tem o êxtase *comunal* do futebol.

Não existe, literalmente, nada que consiga descrevê-lo. Exauri todas as opções disponíveis. Não consigo me lembrar de mais nada que eu tenha cobiçado por duas décadas (o que mais *existe* que possa ser cobiçado por tanto tempo?), nem tampouco consigo me lembrar de algo que tenha desejado tanto como homem e como menino. Então, por favor, seja tolerante com aqueles que descrevem um momento esportivo como o melhor de todos. Não é que nos falte imaginação, nem que tenhamos tido vidas tristes ou vazias; é apenas o fato de que a vida real é mais cinza e entediante, e contém menos potencial para o delírio inesperado.”

– Nick Hornby

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	6
Abstract	7
Apresentação	8
Introdução	12
O futebol e a participação feminina – breve percurso histórico	12
Mulheres e esporte: questões metodológicas	19
Entrando em campo.....	24
Parte I – O Universo Torcedor	29
Capítulo 1 – Torcedoras em campo	29
1.1 – Os estereótipos.....	31
1.2 – As formas de sociabilidade.....	39
1.2.1 – A sociabilidade nos estádios: existe uma forma “feminina” de torcer?	39
1.2.2 – Do gramado ao teclado: sociabilidade virtual e o caso do Orkut.....	46
Capítulo 2 – Brasil x Argentina	60
2.1 – Dois países, uma paixão	60
2.2 – Novas paixões: mulheres podem resgatar o “orgulho nacional”?.....	63
Parte II – As profissionais do esporte	71
Capítulo 3 – Dentro de campo	72
3.1 – As psicólogas.....	72
3.2 – As profissionais da arbitragem.....	79
3.2.1 – A FPF e as mulheres do apito	79
3.2.2 – O silêncio do apito: Silvia Regina e Ana Paula Oliveira.....	85
Capítulo 4 – As jornalistas	91
Considerações finais	103
Referências bibliográficas	107
Sites da <i>Internet</i> consultados	110
Anexos	112
Anexo I - DECRETO-LEI N. 3.199 - DE 14 DE ABRIL DE 1941	112
Anexo II – Apresentação e regras da comunidade <i>Mulheres que amam futebol do Orkut</i>	121

Resumo

O futebol historicamente foi reconhecido como uma arena demarcada pela masculinidade, mas não qualquer masculinidade, uma masculinidade que se não exclusiva, é predominantemente heterossexual. Isso se justificaria pela maneira como se constituiu a prática do jogo, caracterizada por uma performance bastante definida e voltada para aquilo que seria inerente a uma condição do que se entende idealmente como ser “homem”. Nesse contexto, a própria conformação dos corpos para a prática do futebol em muitos países, em especial no Brasil, induziu a ideia de que esse seria um esporte pouco adequado e desejável ao corpo feminino. Deste modo, às mulheres restou o papel de, no máximo, espectadoras, e a entrada no universo do futebol foi restrita àquilo que era considerado apropriado a uma mulher. Entretanto, temos assistido a uma crescente e contínua “subversão” deste espaço e representação subversão esta que vai desde o número de mulheres que frequentam os estádios até as profissionais que se inserem nas mais diversas áreas do esporte, de modo que se o futebol pode ser entendido como uma instituição, que para alguns autores expressaria no plano simbólico a sociedade brasileira, compreender o papel ocupado pelas mulheres neste universo e de que maneira este espaço é conquistado pode ser igualmente relevante. Nesse sentido, o estudo dos papéis assumidos pelas mulheres no futebol, seja como jogadoras, árbitras, jornalistas e torcedoras pode revelar diferentes nuances de um novo espectro de representações formuladas por novos e antigos atores que operam nesse espaço.

Palavras-chave: Antropologia das práticas esportivas – Futebol profissional – Mulheres – Torcidas

Abstract

Football has been known as an arena marked by masculinity, but in a very particular manner, mainly heterosexual. That could be explained through the way the game has been constructed, in a defined performance focused on what would be inheriting to a condition of what is ideally understood to be a man. In that context, the conformation of the bodies to the practice of football in many countries, especially Brazil, induced the idea that it is a sport that is neither suitable nor desirable to the female body. Therefore, the women have been reduced to spectators and their entry in that universe restricted to what could be considered appropriate to a woman. However, we have witnessed a continuous “subversion” of that space and its representations, which goes from the amount of women in stadiums to the number of women who have professionally inserted themselves in many areas in the sport, insofar as if football can be understood as an institution that for some thinkers expresses the Brazilian society on the symbolic plan, understanding the role played by women in that universe and in what way that space is occupied can be very relevant. In that sense, the study of such roles, as players, referees, journalists and supporters may reveal different nuances of a new spectrum of representations formulated by old and new actors that operate in that space.

Keywords: Anthropology of sport – Professional football – Women – Football fans

Apresentação

O futebol tomado como uma dimensão para se compreender a sociedade brasileira não é uma problemática exatamente nova nas ciências humanas, em especial na antropologia. De fato, desde a década de 1970 muitos trabalhos vêm sendo produzidos acerca desta temática, muito por conta de uma demanda internacional por trabalhos sobre o futebol brasileiro (Lopes, 2004). Os ensaios de Roberto DaMatta (1982), um dos pioneiros neste campo, *dramatizam* o futebol tratando-o como uma das diversas esferas através das quais a sociedade se revelaria para si própria¹. Diferentemente de parte do que se vinha escrevendo anteriormente aos seus trabalhos, o autor não concebe o futebol como o “ópio do povo”², e colocado em oposição à sociedade, mas sim em relação imbricada à esta. O futebol aparece como um fato totalizante e poderoso catalisador ritualístico daquilo que definiu como sendo os dilemas da sociedade brasileira, sobretudo o convívio tenso entre a ordem da igualdade e da hierarquia expressa no plano jurídico e político, relacionadas a universalidade das regras e toda a noção centrada em categorias nativas, tais como, a do “jeitinho”³ que, ainda segundo este autor, consistiria num mecanismo central para a compreensão das relações sociais no Brasil. Tal como o carnaval e outras instituições contíguas, o futebol seria uma zona em que a dimensão temporal não se define como fundamental, suspensa nos ciclos rituais, o que permite ao indivíduo apreender a realidade de uma maneira distinta, enfrentando ou esquecendo-a. Nas palavras do autor, trata-se de um tipo de abordagem antropológica que visa:

Localizar mecanismos *sócio-lógicos* que às vezes estão explícitos ou em certas sociedades para construir e ampliar um sistema universal de tradução de sistemas humanos naquilo que é a linguagem ou teoria antropológica (DaMatta, 1997:20).

¹ Para uma verificação dessa bibliografia que tematiza a relação entre futebol e “identidade brasileira” consultar o levantamento bibliográfico sobre os modelos analíticos em Toledo (2001).

² DaMatta explica que o futebol muitas foi analisado como alienante, como algo que mascararia outras relações e dimensões da vida social; para ele, ao contrário, o futebol revela formas e dinâmicas das relações sociais.

³ Cf. DaMatta, R. “Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Não se trata, obviamente, de excluir a importância da dimensão histórica, mas levar em consideração que as instituições, embora se instituem e se desenvolvam no processo histórico, adquirem uma dada persistência, e que mesmo em sociedades como a nossa, em que o tempo adquiriu uma maior centralidade ideológica, tal como sugere autores como Lévi-Strauss ao definir, ainda que metafóricamente, as sociedades ditas ocidentais de “quentes”⁴, existem no interior dessas mesmas sociedades grupos, valores e instituições que se perpetuam para além do torvelinho e ritmo das transformações históricas, como sugere DaMatta.

Assim, o futebol representaria um lugar privilegiado para a análise da sociedade, por conta da “descoberta de implicações e consequências que este domínio do social que classificamos como ‘esportivo’ permite vislumbrar” (DaMatta, 1982: 24). Ele permite dramatizações porque os rituais, no sentido utilizado por DaMatta (1997) são os momentos privilegiados nos quais a sociedade tomaria consciência dela mesma, expressando aquilo que ela tem de mais profundo, seus “valores eternos”, de modo que cada geração busca em seu arcabouço histórico aquilo que considera de mais fundamental nestes valores. Os ritos serviriam como um modo de atualização e cristalização daquilo que a sociedade tem de imutável, aquilo que está para além do momento histórico. O autor trata os rituais como *dramatizações* da sociedade por ela mesma, momentos em que determinadas ações ou relações são colocadas em foco. Desta maneira, nas situações rituais, ações cotidianas são colocadas em destaque ganhando um valor simbólico muito maior distinto do usual.

Mas de que maneira exatamente isso ocorre? Existem várias formas distintas de se compreender a relação entre o futebol e a sociedade brasileira. Toledo (2002), por exemplo, parte de uma perspectiva semelhante a outros autores, de que o futebol produziria nos jogos uma “situação ritual”⁵, articulando três pontos de vista fundamentais a partir dos quais ele analisa o futebol profissional, quais sejam, os profissionais – jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos etc. –, que são aqueles que viabilizam a prática

⁴ LÉVI-STRAUSS, C. “Raça e História”. In: *Antropologia Estrutural Dois*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

⁵ O futebol poderia ser entendido no Brasil como um fato social total (Mauss, 2003), na medida em que em que envolveria dimensões sociais de todas as ordens, como jurídicas, religiosas, etc., operando tanto no nível individual quanto num nível social mais amplo. É nesse sentido que em Toledo (2002): “a dimensão simbólica do fenômeno social ‘futebol brasileiro’ é postulada e sobretudo investigada pelo autor em seus mecanismos de articulação com outras dimensões da vida social, demonstrando, pelas vias escolhidas, os modos pelos quais se produzem os consensos e os dissensos acerca do futebol” (Guedes, 2003: 179). O futebol é um ritual de massas, e essa dimensão ritual é fundamental para outros autores como Vogel (1982) por entender as formas rituais como representações da sociedade de si e para si mesmas. O ritual seria importante para a compreensão dos pontos que articulam o social. O futebol é escolhido por ser tão disseminado em nosso país, e através dele revelam-se afinidades e discordâncias, não sendo esta afinidade limitada por distâncias sociais, tecendo redes de relações entre diversos segmentos.

esportiva profissional dentro e fora de campo; a crônica especializada ou os especialistas, que produzem um discurso decodificado da prática do esporte para os torcedores, os quais podem ser tomados como narradores de um terceiro ponto de vista sobre o jogo, ou mais, aqueles que conferem outro conteúdo “vivido” ao esporte.

Em que pese diversificação temática e mesmo analítica, outras abordagens ainda estão à espera de maior sistematicidade, é o caso das questões de gênero e aquelas voltadas mais especificamente para a questão da mulher dentro do futebol masculino, foco da presente pesquisa.

A mulher geralmente aparece em estudos que tratam de outros esportes ou de questões ligadas à problemática do corpo⁶, mas no que se refere ao campo do futebol masculino⁷, ainda existem poucas pesquisas que abordam a inserção das mulheres como partícipes do *ethos* esportivo, seja na dimensão profissional ou mesmo no domínio da fruição do espetáculo. Essa ausência se dá, sobretudo, nos trabalhos que tratam especificamente da relação entre futebol e o *ethos* nacional, como Vogel (1982), Souza (1996), e outros. Todavia creio ser importante citar trabalhos como o de Archetti (2003), que visa exatamente mostrar a importância da masculinidade na formação da identidade nacional no contexto argentino, ou os de Conde & Rodríguez (2002), Cox & Thompson (2001), que tratam mais especificamente da participação da mulher dentro do futebol.

A relação entre gênero e futebol vem sendo cada vez mais trabalhada nas Ciências Sociais como um todo, sendo ainda pequeno o número de sociólogas mulheres que se interessam pelo tema do futebol propriamente dito, cabendo citar o exemplo dos trabalhos de Simoni Guedes (1977 e outros) como estudos pioneiros. Os estudos sobre esporte em geral focam-se na prática de determinadas modalidades de alguns esportes, como o voleibol⁸ ou mesmo o próprio futebol, mas as mulheres raramente aparecem dentro de estudos que tratem de uma visão mais ampla do futebol, em especial do futebol masculino, e quando aparecem é em um lugar que aparece gravitando em torno da condição masculina hegemônica (Bourdieu, 2005) e da concepção biologizante de homem e não em relação a este, como se esperaria em uma perspectiva mais claramente de gênero.

⁶Boschilia & Meurer (2006) sobre a participação da mulher no esporte moderno ou Paim (2004) quando trata de visões sobre a mulher no esporte. Existem ainda trabalhos feitos fora do país com ênfase na relação entre esporte e gênero, como Vertinsky (1994) ou Heras (1994).

⁷ Diferencio aqui futebol masculino e feminino pois a prática deste esporte por mulheres – seja no futebol ou no futsal – vem sendo tratada em estudos das mais diversas áreas, como a Educação Física, Sociologia e Antropologia, mas as diversas formas de inserção no universo predominantemente masculino do futebol profissional no Brasil ainda foi pouco explorada. Para trabalhos sobre mulheres que jogam futebol ver Carneiro (2007); Lovisoló, Moura, Bento & Santos (2009); Gantús e Esqueda (2010), etc.

⁸Cito como exemplo os estudos de Rojo (2006) sobre o hipismo e de Oliveira (2010).

Quando DaMatta trata da centralidade do futebol na sociedade brasileira a problemática da identidade esbarra nos limites de uma masculinidade hegemônica heterossexual. É interessante notar que apesar de vivermos num país onde a projeção simbólica do futebol abarca muitos domínios da vida social, a participação da mulher em qualquer de suas dimensões se limita a uma entrada que “se deu por ‘infiltração’, ‘sub-repticiamente’, pelas bordas” (Lovisoló, Soares & Bartholo, 2006)⁹. É interessante notar também que o ingresso cada vez maior das mulheres nas mais diversas esferas do futebol não o torna por si só um espaço onde as representações sejam menos masculinas, ao mesmo tempo em que não se pode afirmar que se trata de um esporte predominantemente masculinizado simplesmente porque atrai homens.

O interesse desta pesquisa é mostrar que muito provavelmente o futebol atrai o público feminino apesar desta “atmosfera masculina”. Nossa hipótese é de que existe uma série de estratégias adotadas por essas mulheres como forma de se inserirem no âmbito do futebol de modo a que sua participação seja reconhecida como legítima. Além disso, creio que o fato do futebol estar mais permeável ao ingresso das mulheres não alterou substantivamente as representações de masculinidade que ditam seu *ethos*, pelo menos há o prenúncio de outro ideário que marca a presença desse “novo ator” e investigar o impacto simbólico desse fato é tarefa da presente pesquisa.

⁹ Ressalto aqui que apesar de a brasileira Marta, eleita a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA em 2007, mas não tínhamos no Brasil um campeonato nacional até o final do mesmo ano, quando foi criada a Copa do Brasil de Futebol Feminino.

Introdução

O futebol e a participação feminina – breve percurso histórico

Para entender as razões pelas quais a participação da mulher neste esporte se configurou de uma determinada maneira, é necessário compreender um pouco como o futebol se constituiu como esporte e como a mulher foi-se introduzindo neste cenário para, a partir daí, localizarmos a presente pesquisa. Trato aqui especificamente da *mulher* não como condição biologizante ou pré-determinada, mas como aquela que ocupa a categoria da feminilidade hegemônica, em um campo de tantas feminilidades possíveis e em disputa. Não é o objetivo deste trabalho discorrer sobre as diversas outras formas de feminilidade não por estas não serem relevantes, mas porque o ambiente heteronormativo do futebol parece ainda bastante refratário às outras experiências e manifestação de gênero que não reifiquem a diferenciação biológica dos gêneros¹⁰.

Como se sabe, grande parte dos esportes praticados hoje no mundo teve sua origem na Inglaterra, mas nenhum deles teve tamanha projeção como o futebol. Como mostra Norbert Elias (1992), o próprio termo inglês *sport* foi bastante difundido e utilizado para designar esse tipo específico de passatempo. Essa difusão não se deu apenas com o esporte, mas também a sua prática e um determinado conjunto de regras manteve-se pouco alterado conforme migravam entre os países, o que ocorreu principalmente entre os séculos XIX e XX. Segundo o autor, esse tipo de passatempo se desenvolveu por conta das necessidades de lazer sentidas à época e em diversos países. A hipótese de Elias é que a forma pela qual a sociedade faz uso de seu tempo livre é um reflexo da evolução do trabalho, uma forma de “pacificar” o lazer e os passatempos da classe trabalhadora, tendo como objetivo o aumento das formas de autocontrole, de modo que este seria concomitante com aquilo que ele chama de “processo civilizador”. Com o passar do tempo, as regras foram tornando-se mais rígidas – visando sempre permitir o maior grau de “igualdade” e “justiça” entre os participantes –, assim como a vigilância sobre a aplicação das mesmas.

Entretanto, o que exatamente o termo *sport* designa? Nas palavras de Elias:

¹⁰ Torcedores e cronistas inclusive tiram sarro e reprovam atitudes que podem ser consideradas homoeróticas. O caso do jogador Richarlysson, por exemplo, é bastante ilustrativo. Sua maneira de falar, penteado, etc., eram vistos como atitudes claramente homossexuais e isso parecia ser um problema. A torcida do São Paulo F.C., onde jogou até 2010, não cantava seu nome no momento da escalação dos jogadores antes das partidas, ao contrário do que ocorria com todos os outros jogadores.

Se falarmos de ‘desportos’, todavia, continua a empregar-se o termo de maneira indiscriminada, quer num sentido lato, em referência ao confronto de jogos e aos exercícios físicos de todas as sociedades, quer num sentido mais restrito, em relação ao tipo específico de práticas de jogos que, como o próprio termo, teve origem em Inglaterra e daí se propagou a outras sociedades (Elias, 1992B: 192).

Essa definição nos remete a uma ideia que é muito importante. Apesar de o termo ser empregado de maneira quase indiscriminada, na qual frequentemente nos encanta comparar o que entendemos hoje por esporte à ideia dos jogos da Grécia Antiga, temos que ressaltar que existem diferenças históricas fundamentais no que diz respeito às regras, desempenho e ao próprio *ethos* implicado numa noção supostamente universalizada de esporte. O autor toma uma postura crítica em relação a certos estudos ao afirmar que existe uma tendência em buscar a legitimidade dos estudos sobre o esporte num passado remoto, selecionando fatos que possam corroborar essa tese da continuidade, ao invés de se questionar sobre a razão pela qual essa forma de lazer tomou determinados caminhos em detrimento de outros.

Para Elias e Dunning (1992) as origens do esporte que conhecemos hoje como futebol remontam ao fim da idade média na Inglaterra, por volta do século XIV. Registros acerca de uma forma de jogo com este nome e que se utilizava de uma bola, referem-se aos decretos que proibiam a sua prática¹¹. Entretanto, pelo pouco que se sabe, a semelhança muito provavelmente termina por aí. Os documentos falam sobre jogar “com uma bola de futebol”, e não sobre “jogar futebol”. De qualquer maneira, sabe-se que o futebol medieval era parte de uma luta violenta entre grupos vizinhos, um ritual geralmente praticado nos dias santos. Esse tipo de futebol era fonte de conflitos intensos, mas que somente poderiam ser deflagrados em momentos específicos. Esse tipo de jogo era uma forma de divertimento das populações camponesas e eram promovidos pelos donos de terras, que frequentemente não eram nobres.

Existem registros de alguns tipos desse esporte, dentre os quais um chamado *hurling*, expressão que designava o ato de lançar a bola com força. Existiam duas variações comuns, o *hurling to the countrie* e o *hurling to goals*, no qual algo entre quinze e trinta

¹¹ Os esportes praticados com bola à época eram conhecidos por serem muito violentos, e por este e outros motivos eram proibidos (sem sucesso) pelas autoridades.

jogadores de cada lado, em pares, tinham o objetivo de lançar a bola em uma meta, designada por dois arbustos afastados entre si. As regras não eram escritas e nem havia autoridades centrais, mas as regras existiam, sendo que o *hurling to goals* era o que tinha as regras mais regulamentadas. Esses exemplos servem para demonstrar que alguns tipos de esporte semelhantes ao futebol têm uma origem bastante longínqua – por mais que existam diferenças – e desde sempre com forte apelo popular.

Para analisarmos um esporte como o futebol, cabe fazer uma adequação para qual o sentido que se quer emprestar a este fenômeno, reavaliando suas especificidades em cada sociedade. Segundo Fritz Stemme, a importância de se analisar o futebol é grande, pois “adquiriu função sócio-psicológica, histórica e sociológica altamente desenvolvida que o processo não pode mais ser revertido. Futebol está integrado na sociedade através de todo o mundo” (Stemme, *apud* Souza, 1996: 5).

No Brasil, o futebol chega ao final do século XIX. Segundo Souza (1996), o esporte inicialmente era praticado exclusivamente por ingleses e pelos filhos da aristocracia urbana, que frequentemente ia para a Europa, sendo considerado um esporte da elite. Para a classe burguesa nacional, os propósitos iniciais do futebol eram bastante semelhante àqueles da Europa, um processo de “desportivização” das formas de lazer, bem como uma forma de distinção social. Passa a ser profissionalizado já em 1916, com a criação da Confederação Brasileira de Desporto (CBD), que abarcava também esportes como o atletismo, tênis, vôlei, remo, pólo aquático, entre outros¹². Costa (2006) mostra que a presença de moças da elite nos jogos de futebol era desejável para que se desse ao esporte uma atmosfera de elegância que o tornaria apropriado às classes altas¹³. No início do século XX, o futebol foi se popularizando, e as indústrias privadas incentivavam a participação da classe operária nas atividades desportivas, principalmente o futebol.

Deve-se notar que a introdução do futebol no Brasil (e em outros países da América Latina) se deu de maneira muito semelhante ao que aconteceu na Inglaterra, acompanhando aqui o processo de industrialização e urbanização da mesma forma como ocorreu no velho continente. Segundo Roberto DaMatta (1982), é fundamental a noção de que o esporte evolui juntamente com a sociedade. É considerado como uma atividade moderna porque era praticado por uma sociedade moderna, numa reprodução ritual do princípio ético burguês (DaMatta, 1982: 36). Mesmo assim, Souza ainda nos lembra que a introdução do

¹² Em 1979 é criada a Confederação Brasileira de Futebol, responsável desde então pela organização do esporte no Brasil.

¹³ A presença de mulheres volta a se tornar “desejável” ao final da década de 1990 quando a “invasão” das torcidas organizadas de futebol havia afugentado o público médio dos estádios por conta da violência. A volta das mulheres às arquibancadas será analisada em um capítulo posterior.

esporte no nosso país veio acompanhada de um forte discurso higienista e de “regeneração da ‘raça brasileira’” (Souza, 1996: 17).

É também fundamental que se explique uma diferenciação básica que Roberto DaMatta (1982) faz ao analisar o futebol no Brasil. Segundo ele, enquanto a acepção que os ingleses têm do futebol é a de um esporte¹⁴ ou *sport*, a idéia do futebol no Brasil é a de *jogo*, que remete às dimensões mais imponderáveis da sorte e azar. Apesar de a dimensão da técnica e da habilidade ser decisiva numa partida de futebol, a sorte entraria como um fator simbólico enredado a outras classificações sociais, temática trabalhada pelo autor quando este fala sobre o do bicho no livro *Águias, Burros e Borboletas* (1999) no qual, juntamente com Soarez, analisa-o como outra grade classificatória de grande impacto no imaginário popular no Brasil¹⁵.

Assim, da mesma forma que o imponderável é um dos aspectos que determinaria “que bicho vai dar” envolvendo diversos personagens (o apostador, o *bookmaker* que respalda a aposta e até mesmo a sorte e o azar, o futebol aqui se joga “em diversos planos”, o do jogador, da torcida e o jogo do “outro mundo”, do plano “místico”. É nesse sentido que dizemos que o futebol pode ser analisado e entendido como um evento *total*, no sentido maussiano do termo.

É importante entendermos aqui que DaMatta trata o futebol, assim como o carnaval, como um “rito de inversão”, “momento em que se pode totalizar todo um conjunto de gestos, atitudes e relações que são vividas e percebidas como instituindo e constituindo o nosso próprio coração” (DaMatta, 1997: 30). Isso porque:

No carnaval, deixamos de lado nossa sociedade hierarquizada e repressiva, e ensaiamos viver com mais liberdade e individualidade. Essa é, para mim, a dramatização que permite englobar numa só teoria, não só os conflitos de classe (que são compensados e abrandados no carnaval), como também a invenção de um momento especial que, guarda com o cotidiano brasileiro uma relação altamente significativa e politicamente carregada (*Idem*, p. 40)

¹⁴ O dicionário Houaiss da língua portuguesa define esporte como “atividade física regular, que envolve treinamento metódico e respeito a certas regras”, ou “cada um dos jogos que tem regras específicas [...] ou o conjunto deles”, e jogo de azar como “aquele que depende só ou mais da sorte que da habilidade ou cálculo do jogador”.

¹⁵ “O jogo do bicho é um sistema classificatório de caráter totêmico que, paradoxalmente, surge no mundo urbano e caracteriza um processo de modernização singular e contraditório, por não se conformar aos padrões derivados da experiência inglesa, francesa ou americana, que até hoje são tomados como universais e exemplares” (DAMATTA, Roberto e SOÁREZ, Elena. 1999:38-39)

A sociedade brasileira é percebida pelo autor a partir de uma dualidade estrutural que se apresentaria de maneira dialética (e não contraditória), na qual a individualidade ocupa um lugar mutável que pode ser substituído por outras entidades sociais. O futebol surge como uma das oportunidades na qual o brasileiro pode experimentar certas individualidades, tais como o convívio anônimo imerso na massa torcedora, numa espécie de inversão hierárquica na qual todos experimentam a festa apenas como brasileiro.

Em outras palavras, no dualismo cultural brasileiro, que expressa o individualismo e o holismo hierarquizante ao mesmo tempo e de modo dialético, o futebol também aparece como experiência moderna, quer dizer, vinculada ao polo individualista e ao credo universalista das regras iguais para todos. Perder e ganhar, por exemplo, são aspectos inerentes ao jogo e que alternam o tempo todo a posição dos dois lados que disputam uma partida, diferentemente do que ocorre com o outro polo holista das hierarquias que, no limite, embasam outros fenômenos como o “jeitinho” que citamos anteriormente.

Essa “brasilianidade” é experimentada ao se construir uma identidade em oposição ao adversário. É o momento em que são colocados em campo atributos daquilo que significa ser brasileiro – a raça a união, a luta para escapar do ciclo de derrota – e que culmina no êxtase da vitória. Isso é ainda mais claro se colocarmos estes fatores em termos técnicos: o futebol europeu, que se caracteriza pela primazia do jogo coletivo e o “*fair-play*”, contrasta claramente com a maneira mais individualista de jogo praticada no Brasil¹⁶. Assiste-se aqui ao conflito entre a vontade individual e o destino, entre um sistema fechado de regras e as possibilidades de modificação pela vontade individual. O destino é uma categoria mediadora entre o plano individual e as forças tendentes, e as regras fixas do futebol permitem que se enxergue quais são essas forças (time *versus* adversário, o que se pode *versus* o que não se pode controlar).

Assim, um dos fatores que aqui causa fascínio no futebol é que ele é uma metáfora da vida, já que a luta se reflete na própria sociedade brasileira, na luta para se “escapar do ciclo da derrota e da pobreza” (DaMatta, 1982:27) e, é desse modo que DaMatta justifica a opção do futebol como esfera explicativa da sociedade brasileira, por sua capacidade de provocar dramatizações, um evento total que ao mesmo tempo revela e oculta valores, operando paralelamente à sociedade e não em oposição a ela, como se costumava afirmar.

¹⁶ Lembrar que falamos de uma visão ideal que temos do futebol praticado no Brasil e por brasileiros. Considerando nosso país o berço do “futebol-arte”, em que a genialidade e a técnica individual se sobrepõem à disciplina tática do futebol inglês ou italiano, por exemplo.

O que percebemos é que, apesar de tratar de aspectos aparentemente totais e dramatizações das sociedades analisadas, trata-se de generalizações masculinizantes que deixam de lado outras questões, como as relações de gênero e de que maneira estas operam na sociedade. A inversão hierárquica apontada por DaMatta exclui completamente as mulheres ou qualquer outra faceta do feminino, de modo que se o futebol é aspecto fundamental para pensar a sociedade brasileira. Nosso objetivo neste trabalho é tentar compreender de que maneira se dá a inserção da mulher no futebol, ou, em outras palavras como se dá inserção de uma faceta do feminino num universo que se entende como essencialmente masculino, a partir de um ponto de vista bastante específico.

A participação feminina no esporte de uma maneira geral sempre foi difícil para a maioria das mulheres. Sua participação sempre se deu em modalidades esportivas bastante específicas e dependendo de alguns poucos espaços que lhe eram propiciados. Lovisolo, Soares e Bartholo (2006) mostraram que a participação das mulheres no futebol não aconteceu de forma organizada, mas por meio, como já aludido, de algo como uma “infiltração”. Leda Costa (*op.cit.*) comenta ter havido temor de que o futebol se tornasse uma maneira de masculinizar as mulheres, o que culminou no decreto-lei 3.199, de 1941¹⁷, que proibia a prática do futebol para as mulheres por não terem corpo adequado a esse esporte. Na verdade, a entrada da mulher nesse universo tão claramente masculino “estremecia a barreira entre os gêneros”.

A internacionalização da ideia de que a prática do futebol feminino era algo desejável se refletiu no *boom* de jogadoras e campeonatos. Em países como EUA, China e Alemanha, tem havido um largo investimento no futebol feminino, com a criação de ligas profissionais e versões femininas para os principais campeonatos; enquanto no Brasil a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) somente reconheceu a modalidade na década de 1980. Claro, nos EUA o futebol feminino é uma prática muito mais conhecida que a masculina, mas o fato de as jogadoras brasileiras terem que pertencer a ligas profissionais fora do país é um algo a ser resolvido. Na linha de argumentação de Costa, vale lembrar que, se o Brasil é o país do futebol, é o país do futebol masculino. A popularização do futebol da qual Souza trata, também deve vir acompanhada de ressalvas:

¹⁷ “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” (Decreto-lei No. 3.199, de 14 de Abril de 1941. **Capítulo IX**, “Disposições gerais e transitórias”, **Artigo 54**). Texto na íntegra no Anexo I.

[...] a popularização do futebol no Brasil foi acompanhada da sua institucionalização e profissionalização, o que permitia sua prática **por qualquer pessoa (homem)** em qualquer recanto do país (Souza, 1996:16 – grifos meus).

Se para DaMatta o futebol é um rito de inversão que permite aos espectadores experimentarem uma sensação de igualdade que abole as hierarquias, isso não é verdade quando se pensa na relação entre os sexos. Não apenas a mulher, mas a dimensão do feminino como um todo fica obliterada no seu modelo, ou seja, é um modelo que se pretende explicativo (não apenas) da sociedade brasileira e deixa de lado diversos aspectos de diferentes atores, assim que nosso objetivo neste trabalho é partir da premissa de que se o autor está correto em dizer que o futebol pode ser e é uma dimensão explicativa da qual podemos partir, é de fundamental importância compreender o papel da mulher neste universo, não apenas como uma espectadora à margem do processo, mas como parte integrante e ativa não apenas na modalidade específica do futebol feminino, mas dentro do esporte como um todo.

As inversões hierárquicas não dão conta da complexa dimensão do gênero. Poderíamos pensar, a título de exemplo, no fenômeno travesti e como inversões carnalizadas do feminino tão seguidamente reificadas no senso comum e em boa parte da literatura são problematizadas em trabalhos como o de Don Kulick (2008), para quem o projeto travesti estaria distante de uma inversão carnavalesca. Por um lado, o autor retrata que a vida difícil das travestis que se prostituem em nada condiz com o estereótipo de alegria e festividade comumente associadas a elas e, por outro lado, elas incorporariam uma versão do feminino que lhes é própria dentro do campo das feminilidades históricas e estariam assim distantes de uma caricatura de mulher:

[...] as travestis desenvolveram maneiras de negar o desejo de adquirir a feminilidade natural das mulheres. A mais evidente é sua afirmação de que não se consideram mulher, nunca desejaram ser mulher e jamais cogitaram a possibilidade de se submeterem a uma cirurgia de mudança de sexo [...]. As travestis têm seus próprios encantos. (Kulick, 2008: 212).

Costa (2006) mostra, finalmente, como a representação do feminino no meio do futebol ainda está associada a estereótipos comumente atribuídos às mulheres como

“charme”, “graça” ou sensualidade. Para que seja aceitável, o futebol feminino também precisaria ser “belo”. Entretanto, talvez subliminarmente, maior do que o temor da masculinização das mulheres seria a feminilização do masculino – mais um reflexo do temor da quebra das hierarquias entre os sexos. A autora afirma, portanto, que não basta dizer que o futebol é de domínio masculino, mas um tipo definido da ideia do que é socialmente esperado e aceitável de um homem.

Mulheres e esporte: questões metodológicas

Antes de compreendermos melhor de que maneira as mulheres se inserem dentro da questão do esporte, em especial do futebol, é importante compreender de que maneira pretendemos tratar a temática específica de mulheres dentro de um universo que é fundamentalmente masculino. Para tanto, é preciso notar que não é possível realizar um estudo de tal natureza de uma maneira que não seja relacional e é por isso que partiremos primeiramente de uma análise metodológica do uso de categorias de gênero a serem utilizadas ao longo deste trabalho.

Scott (1995), Nicholson (2000) e Piscitelli (2002) mostram que a categoria gênero tem sua gênese no movimento feminista, num momento especial de efervescência teórica do movimento, entre as décadas de 1960 e 70. A ideia era que incluir a mulher no campo dos estudos acadêmicos, enfatizando não apenas que deveria tratar-se de um novo objeto, mas fazer uma releitura daquilo que já havia sido escrito, em especial no que concerne à História, mas incluindo a figura da mulher, visando entender qual o papel que têm as mulheres na história. Nesse sentido, “a maneira pela qual a história iria, por sua vez, incluir a experiência das mulheres e dela dar conta dependia da medida na qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise” (Scott, 1995: 73). É claro que não pretendemos tratar o pensamento feminista de maneira “pasteurizada” e una, mas apenas partiremos de uma de suas ideias centrais, como a ideia de que a mulher ocupa na sociedade um lugar subordinado em relação aos homens e que essa subordinação não é natural – ao contrário, é socialmente construída –, apesar de aparentemente universal (Piscitelli, 2002: 9).

Piscitelli aponta ainda para dois focos centrais do pensamento feminista, ambos focados na subordinação: o feminismo socialista (este mesmo dividido em duas vertentes) que aponta para a origem da subordinação na diferenciação das classes e do trabalho; e as

feministas radicais, para quem o cerne da subordinação feminina se encontra na reprodução. É nesse contexto que ganha força o conceito de patriarcado, em que se pensa que o que torna as mulheres parecidas, aquilo que lhes é natural é mais importante do que o que as diferencia, sendo o corpo feminino o foco da opressão patriarcal. De fato, o que fazem as feministas radicais é partir do pressuposto de que a opressão é universal e presente nas mais diversas instituições, para que assim se possa compreender aquilo que é particular.

O conceito de patriarcado foi caindo em desuso na medida em que se percebeu o quão particular e contextualizado (politicamente, inclusive) ele é, sendo que conforme foi surgindo uma efervescência acadêmica no campo do feminismo, dando lugar ao termo *gênero*.

Segundo Nicholson, o termo começa a ser utilizado ainda no cerne do movimento feminista como uma forma de tratar questões que à época já se percebiam ser socialmente construídas e não apenas baseadas nas diferenças biológicas percebidas entre homens e mulheres. De acordo com Scott, o uso da categoria gênero tem o objetivo de se dissociar da idéia fortemente política à qual o pensamento feminista estava atrelado, dando maior legitimidade acadêmica àquilo que era produzido sobre a temática na década de 80. Mais do que isso, separar as categorias gênero e mulher significa ir além das definições biologizantes, pretensamente objetivas, lembrando que o papel da mulher é um papel que se constrói histórica e socialmente, papel este que não pode ser analisado sem que o faça, necessariamente, em relação aos homens, ou seja, é um termo que pode ser utilizado também quando se trata das relações entre os sexos. Assim,

[...] o uso de 'gênero' enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade (Scott, *ibidem*, 76).

O sistema sexo/gênero foi conceitualizado por Gayle Rubin como os arranjos que transformam aquilo que é natural em produto social. A ideia da autora era compreender de que modo esses arranjos operam para se chegar a como se dá a opressão das mulheres, bem como das outras 'minorias sexuais'. Segundo ela, quando se pensa a diferença entre os sexos, a natureza oferece dados que mostram que aquilo que entendemos como diferença é algo cultural. O que a autora busca, portanto, é partir dos pressupostos teóricos de autores como Freud e Lévi-Strauss, seus métodos, para chegar a conclusões diversas, que visariam, como já dito, desnaturalizar a diferença entre os sexos. Desse modo, as mulheres são

apenas um foco de entrada para pensar outra gama de questões que concernem às diferenciações sexuais. É indo um pouco nesta direção que Scott define o conceito gênero como “um elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (*op.cit.*, p. 86).

Podemos perceber que as autoras demonstram que este conceito passou por várias críticas e reformulações, cada uma destas baseadas em distanciamentos teóricos para novas questões. Esses distanciamentos fazem com que se possa pensar os processos de diferenciação e as relações de poder não apenas centradas nas mulheres, mas em outras sexualidades. Assim, Piscitelli propõe uma reaproximação da categoria mulher, diferente daquela inicial do feminismo dos anos 70, mas uma ideia da mulher que não tem um sentido definido, mas um sentido que é dado a partir de uma rede de características que podem ser descobertas. A vantagem dessa reformulação é pensar as mulheres em contextos específicos, reforçando a ideia de que elas mesmas não são iguais, o que não apaga suas semelhanças. Isso permite adotar uma nova perspectiva sem se abrir mão do aspecto político desses estudos.

É nesse sentido que pretendo fazer a análise deste trabalho: o que busco aqui é pensar a mulher dentro do universo do futebol e os diferentes papéis sociais que esta pode assumir, papéis estes que variam não apenas de acordo com o contexto, mas de acordo com diferentes estratégias e que visam diferentes objetivos, pois como afirma Nicholson,

Enquanto procuramos o que é socialmente compartilhado, precisamos ao mesmo tempo procurar os lugares onde esses padrões falham. Meu argumento, portanto, sugere a substituição de propostas sobre mulheres como tais, ou até sobre mulheres ‘nas sociedades patriarcais’ sobre mulheres em contextos específicos (Nicholson: 2000, p. 34)

As mulheres sempre tiveram seu lugar na sociedade bastante demarcado e diferenciado do lugar masculino. Sua posição, como mostra, por exemplo, o trabalho de Bourdieu (2005), sempre foi de relativa inferioridade em relação à do homem, e essa dominação perpetua-se ao longo do tempo. No esporte, algo semelhante também acontece. As mulheres, inicialmente se encontravam limitadas a algumas modalidades, até que foram criadas categorias para elas em modalidades como o vôlei, o basquete e também o futebol. Mesmo assim, tal participação permanece restrita, em especial em esportes como o futebol, considerado um domínio masculino no qual a mulher “pode” participar em determinadas

circunstâncias (como acompanhando o parceiro ou no período da Copa do Mundo) e desde respeitando determinadas regras de conduta, atendendo às expectativas daquilo que se considera adequado a uma mulher.

Como já foi dito anteriormente, o futebol foi escolhido por ser considerado, já há algumas décadas, um espaço privilegiado para a compreensão da sociedade brasileira, como aponta DaMatta (1982), pelo fato de ser uma experiência na qual quebram-se as barreiras hierárquicas, aproximando à experiência da igualdade no que ele chama de “rito de inversão” e, assim como no carnaval, têm-se uma idéia mais clara de identidade nacional, dramatizando a vida social.

Bourdieu já apontava que o espaço da mulher no esporte, assim como na política e em outros campos considerados “sérios” da vida social, idealmente é de um “apêndice” do homem, pois por sua frivolidade não poderiam se interessar verdadeiramente por tais assuntos. Um caso paradigmático no campo do simbolismo no interior dessa hierarquização é o da “grã-fina de narinas de cadáver”, personagem do dramaturgo, escritor e cronista esportivo Nelson Rodrigues que a retratava como mulher de alta classe social que acompanhava os jogos com o marido e perguntava incessantemente “quem era [é] a bola” (1993). Desta forma, apesar de muito se explorar a questão da masculinidade¹⁸ no esporte e mais profundamente em esportes como o futebol, a questão do lugar da mulher continua sendo um campo que chama pouca atenção.

Este cenário tem passado por significativas mudanças com o aumento do número de mulheres que frequentam os estádios e de profissionais do esporte envolvidas diretamente com o futebol. As mulheres não mais se resumem a repórteres de campo, psicólogas e algumas poucas fisioterapeutas, ou mesmo um rosto legitimado pela estética dominante que apresenta umas poucas notícias nas tradicionais mesas-redondas aos domingos à noite. Cargos que antes eram exclusividade de homens, como repórteres, apresentadores e comentaristas esportivos, foram os primeiros a serem ocupados, sendo seguidos pelas posições de árbitros e auxiliares de arbitragem. Profissionais como Soninha Francine da ESPN Brasil e Folha de S. Paulo ou Marília Ruiz, do diário esportivo *Lance!*, ganharam espaço e o respeito de nomes consagrados da crônica esportiva e o reflexo disso pode ser visto até mesmo nas arquibancadas¹⁹.

¹⁸ Em especial como esta é constituída.

¹⁹ A aceitação masculina acerca destas profissionais não se dá de forma sempre pacífica. Apesar de respeitadas por seus colegas de trabalho, como vemos na coluna de Xico Sá, na Folha de S. Paulo, em que diz que a conquista de espaço por estas mulheres é um avanço e mostra de uma natural competência, ainda são comuns os pontos de vista como o do colunista da revista *Contigo!*, citado anteriormente.

Ainda assim, é um cenário que muda lentamente, os homens ainda olham com desconfiança e as torcedoras precisam afirmar-se como tal para ganharem espaço. É por esse motivo que o ciberespaço ganhou muita força como ponto de encontro de mulheres de todos os cantos do país que encontraram aí uma maneira talvez um pouco mais livre para expressarem-se. Sites de relacionamento como o *Orkut* se tornaram popular *locus* de discussão feminina sobre o esporte²⁰.

Elas encontraram uma maneira de tentar provar que as mulheres não se encaixam apenas nos comuns estereótipos de “torcedora de modinha”, aquela que diz torcer por um time que esteja em boa fase, mas que em realidade pouco acompanha o futebol, “maria - chuteira”, aquela que vai ao estádio ou aos centros de treinamento com interesse exclusivo nos jogadores, e não no jogo, ou “mulher-macho”, aquela que gosta de futebol e é vista como masculinizada e/ou homossexual, estereótipo mais frequentemente associado àquelas que jogam futebol²¹. É uma forma de provar ao “mundo exterior”, que vai além dos grupos que elas frequentam, que elas realmente gostam, se interessam, e entendem de futebol.

Tentar provar que seu interesse é verdadeiro passa, para essas mulheres, por diversas dimensões, como questionamentos sobre nomes de jogadores, história do clube, esquemas táticos e, claro, sobre as regras do futebol propriamente ditas. Esses questionamentos vão desde o número de regras até esclarecimentos acerca delas, sendo o mais comum a relacionada à regra do impedimento. Isso por conta de uma suposta incapacidade tanto de abstração, por se tratar de uma das regras “menos claras” do esporte, já que a maioria dos homens acredita que quem não joga não pode compreender o esporte e suas regras.

Dentre as mulheres entrevistadas nesta pesquisa, a maioria delas afirma que existe um grupo restrito de homens com os quais elas podem efetivamente discutir futebol, seja numa mesa de bar, no trabalho, no colégio ou mesmo no estádio, pois, em geral, suas opiniões não são respeitadas em círculos masculinos até que elas provem ser “merecedoras” de serem ouvidas. É comum, aliás, que quando estão “ganhando” uma discussão de um rapaz ele simplesmente tente encerrar o argumento com afirmações como “ah, mas desde quando mulher entende de futebol”.

²⁰ A partir da análise de comunidades do *Orkut*, pude perceber que o número de mulheres que expressa sua paixão pelo futebol é cada vez maior, por encontrarem nesse espaço um *locus* seguro para essa expressão. Por meio de comunidades moderadas, ou seja, na qual existe uma pessoa ou grupo de pessoas que controla não apenas quem participa da comunidade, mas o teor das conversas, as mulheres puderam encontrar um lugar em que discutem futebol sem ser necessariamente alvo de desconfiança não apenas de homens, mas também de outras mulheres. A sociabilidade virtual será discutida mais profundamente no Capítulo 1.

²¹ Todos estes estereótipos serão melhor analisados no Capítulo 1 deste trabalho.

Assim, por mais que o comportamento dos homens em relação às mulheres não seja homogêneo e muitos homens se recusem a afirmar que são machistas, dizem respeitar as exceções (pois meninas que realmente se interessem e compreendam o futebol estão, para eles, longe de ser a regra), a maioria ainda diz que as exceções não devem ser consideradas e sua atitude em relação às torcedoras e profissionais do esporte, como me foi confirmado pelas entrevistadas, é muito menos condescendente do que o é com os homens, especialmente em suas falhas.

Entrando em campo

Dando continuidade à pesquisa que venho realizando desde a iniciação científica²², apoiado em uma área específica da antropologia – a antropologia das práticas esportivas – é importante explicitar de que maneira tentei adequar a metodologia às fontes escolhidas e o objeto. Minha intenção nesse trabalho pode ser explicada por algumas das colocações de Goldman (1999), quando afirma que de alguma maneira a antropologia sempre esteve ligada às chamadas “sociedades complexas”, “ou, para ser mais preciso, com a sociedade na qual teve origem como campo de conhecimento” (Goldman, 1999: 96). Além disso, a temática do futebol, de uma maneira geral, e da mulher, de maneira mais específica, apresenta algumas particularidades, de modo que esbarramos com alguns entraves que já eram de certo modo, previstos quando do início da realização deste trabalho.

Partimos de um estudo teórico aprofundado em áreas da antropologia e sociologia do esporte, que serviu de base teórico-metodológica e comparativa para a pesquisa de campo e observação participante, buscando adequá-los da melhor maneira possível, pois como afirma Peirano (1995):

[...] a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia os conceitos estabelecidos pelo senso comum no confronto entre a teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda (Peirano, 1995: 43).

²² Pesquisa esta que veio a se tornar minha monografia de conclusão de curso e foi publicada em 2009 com o título “Jogando em vários campos: torcedoras, futebol e gênero” in COSTA, C.A. & TOLEDO, L.H. (orgs.) *Visão de jogo: Antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

Nesse sentido, com uma familiarização ainda maior com os trabalhos já publicados, o trabalho de campo foi feito ao longo da pesquisa, frequentando-se os estádios de futebol em partidas dos mais diversos campeonatos – como o Campeonato Paulista da 1ª. e 3ª. divisões, o Campeonato Brasileiro da 1ª. divisão, a Copa Libertadores da América, etc. –, clubes – como o São Paulo F.C., a S. E. Palmeiras, o Sport Club Internacional, o São Carlos Futebol Ltda., entre outros – e divisões, de modo a apreender o comportamento das mulheres em estádios de futebol em diferentes situações. Isso inclui uma preliminar observação em jogos de campeonatos inclusive de outros países, mais especificamente a Argentina – onde pude assistir a uma partida da Copa Libertadores da América, disputada pelo C.A. Boca Juniors –, além de outras partidas do Campeonato Nacional de Apertura, também na Argentina, para efeitos de possíveis comparações entre torcedoras brasileiras e argentinas, como veremos adiante.

Goldman afirma ainda que devemos atentar para o fato de que:

[...] a tradição de sua disciplina permite ao antropólogo ter acesso a certas dimensões não muito claras de sua própria sociedade, seja porque evitadas pela investigação teórica usual, seja porque excluída pelas práticas sociais dominantes, seja em virtude das duas razões. (Goldman, *ibidem*: 118).

Caberia assim voltar à referência que o autor faz a Delaporte, que afirma que os estudos de “longa duração” antes realizados em “comunidades” devem ser aqui substituídos pelos estudos de “longuíssima duração” a partir da “observação flutuante”, na qual posso me aproveitar de minha própria situação como mulher e torcedora para me colocar em contexto de pesquisa sempre que o objeto venha à minha atenção. Ainda segundo Goldman, a tarefa do antropólogo e do historiador seria desvendar tramas que não são exatamente ocultas ou inconscientes, mas não são exatamente evidentes.

Ocorre, entretanto que ao se fazer pesquisas nos estádios, é fundamental atentar-se para o fato de que estes estão inseridos em um contexto mais amplo, qual seja, a cidade que os rodeia. Assim que, como afirma Magnani (2002) um olhar “de fora e de longe” não daria conta de apreender diversos aspectos e nuances, dado que suprime os atores, colocando as cidades como grandes entidades para além de quem mora nelas:

[...] os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos, etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) de todo o intrincado processo urbano. (Magnani, 2002: 15)

Assim, se a antropologia caracteriza-se por sua maneira de pensar um objeto que não é previamente definido, mas é um “outro” que é construído por nós mesmos (como [já] afirma Merleau-Ponty), essa maneira tem de estar de acordo com um ponto de vista que ele chama “de perto e de dentro”, que tem a possibilidade de apreender padrões de comportamento de múltiplos atores, não se limitando o modelo etnográfico a uma técnica, mas ao uso de diversas delas dependendo das circunstâncias e objetos. Esse olhar “de perto e de dentro” percorre um trajeto que é dado pelos arranjos sociais dos próprios atores.

É claro que a etnografia deve ser feita sempre tendo em foco uma ambição totalizadora: “uma totalidade consistente em termos da etnografia é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo ser descrita em seus aspectos categoriais” (*Idem*, p. 20). Assim, o que se procura, segundo ele, seria distinguir planos intermediários nos quais não se está tão perto que se veja apenas o particular, e nem tão longe que se enxergue apenas um todo homogêneo.

No caso do presente trabalho, o distanciamento ou mesmo anonimato propiciado pela grande quantidade de pessoas presentes aos estádios representava um entrave ao aprofundamento das questões inicialmente propostas, em especial se levarmos em consideração a dispersão das mulheres dentro dos mesmos, afinal o número de mulheres presente em uma partida de futebol ainda é consideravelmente inferior ao número de homens.

As observações em estádios foram feitas ao longo de toda a pesquisa, e a primeira coisa que notei foi que seria muito difícil fazer minhas observações nas partidas do time para o qual eu mesma torço. A separação da chave torcedora/pesquisadora dificultava tanto minhas observações quanto a minha capacidade de fruir um espetáculo que já me era muito familiar. Esta familiaridade, por outro lado, facilitou a observação de outras mulheres por identificar alguns aspectos que já tinha observado nas minhas experiências como torcedora, como perceber que em cada um dos presentes do estádio podemos observar intencionalidades diferentes em relação àquela experiência – seja para torcer a favor/contra

uma das equipes em campo, para acompanhar amigos/namorados/familiares, obter alguma forma de ascensão social ou, como no meu caso, fazer uma pesquisa. São cálculos sociais, intenções e interesses que extravasam o jogo em si e que diferem da dimensão dos profissionais, como veremos adiante.

Percebi então que teria dificuldade em abordar as torcedoras no campo de jogo, e a alternativa encontrada foi tentar descobrir de que maneira essas mulheres se relacionavam umas com as outras num contexto “futebolístico” mais específico, como se conheciam, se encontravam, discutiam aspectos do esporte. Foi assim que nos deparamos com a *etnografia virtual*, realizada em sites de relacionamento e através de programas de comunicação em tempo real. Pudemos observar que mulheres do país todo se agrupam em comunidades virtuais que tratam desde temas mais genéricos como o desempenho de determinados clubes ou o andamento de alguns campeonatos, até mais específicos, como a análise de uma partida ou a transferência de um jogador, passando por questões como preconceito, estrutura de estádios, a situação do futebol brasileiro, etc.

Essas mulheres criaram fóruns de discussão virtual no qual além de se expressarem de maneira mais “segura”²³, estabelecem contato com mulheres com interesses semelhantes aos seus, frequentemente transcendendo as relações do ciberespaço para relações no “mundo real”, encontrando-se para irem assistir a partidas, etc. Assim, parte da pesquisa se focou em acompanhar as temáticas discutidas por essas mulheres – e também alguns homens – e analisar quais as formas de sociabilidade estabelecidas e vividas dentro desse contexto.

Juntamente com essa dupla imersão no universo torcedor – nos estádios e no ciberespaço –, em que busquei apreender as visões de homens e mulheres sobre o lugar da mulher no futebol, procurei fazer entrevistas com outras mulheres inseridas no esporte, como jornalistas e psicólogas para também esboçar uma análise sobre o ponto de vista das profissionais que trabalham dentro do futebol masculino.

Finalmente, creio ser também importante acompanhar a recepção do futebol pelas mídias. Isso porque a mídia é o meio pelo qual o futebol é vinculado para “uma massa mais alargada de torcedores”, fora dos estádios (Toledo, 2002). Como explica Toledo, é desta maneira que se pode estabelecer uma relação entre os diversos planos fora do ritual do futebol, experimentado em sua forma máxima dentro dos estádios, no momento do jogo.

²³ As comunidades permitem ou não o acesso de homens aos seus fóruns, dentro de conjuntos de regras bastante definidos que visam reprimir o preconceito – especialmente masculino – contra mulheres que acompanham e apreciam futebol. Estas formas de sociabilidade serão detalhadas mais adiante.

Pretendo desta maneira que a combinação de diferentes métodos de pesquisa nos leve a uma análise que vá para além do mero discurso ou da simples descrição, o que é, em última análise, o grande objetivo do empreendimento antropológico.

Assim, a partir do modelo de Toledo (2002), a primeira parte deste trabalho, *Torcidas*, está centrada no ponto de vista das torcidas (Capítulo 1 – *Torcedoras em Campo*), quem são as torcedoras, quais os estereótipos nos quais são enquadradas, quais os preconceitos que sofrem e de que maneira buscam fruir do espetáculo esportivo a partir das arquibancadas, construindo uma experiência e formas de sociabilidade que lhes são próprias. Em seguida, faço uma breve comparação entre a experiência de torcedoras no Brasil e na Argentina (Capítulo 2 – *Brasil x Argentina*), enfatizando a influência de ideias bastante definidas sobre a construção da masculinidade e uma identidade nacional através do futebol.

A segunda parte do trabalho discorre sobre *As Profissionais do Esporte*. No Capítulo 3, *Dentro de Campo*, analiso de que maneira se dá a inserção da mulher no futebol a partir da dimensão das profissionais inseridas no esporte de maneira direta, como no caso específico das psicólogas (Capítulo 3, item 3.1) e profissionais de arbitragem (*Idem*, item 3.2), ou pelo viés da crônica especializada, no caso das jornalistas (Capítulo 4). Finalmente, apontaremos brevemente casos de outras mulheres que ocuparam ou ocupam posições de destaque no futebol nas Considerações Finais.

Parte I – O Universo Torcedor

Capítulo 1 – Torcedoras em campo

A importância dos torcedores para compreender o futebol é algo indispensável e muito vem sendo escrito²⁴ acerca desta temática. Entretanto, este é, também, um dos aspectos em que muito pouco vem sido dito sobre a participação feminina, o que dificulta o acesso a dados históricos sobre o tema. Alguns poucos trabalhos vêm sendo desenvolvidos no Brasil²⁵, na Argentina²⁶ e sobretudo na Inglaterra²⁷.

Em *Offside: The Position of Women in Football* (1999), Donna Woodhouse e John Williams explicam que Assim como ocorre com o futebol feminino, quando se trata de torcedoras parte-se do princípio de que seu interesse é recente, datando do início da década de 1990, em especial após as finais da Copa do Mundo da Itália. Certamente o interesse foi maior a partir daí, mas a história das mulheres como torcedoras na Inglaterra data de muito antes, pois desde quando o esporte começou a ser praticado existem mulheres presentes nas arquibancadas.

Em meados do século XIX, as mulheres entravam gratuitamente nos estádios, o que foi abolido provavelmente quando a presença em jogos de alguns clubes passou das centenas para os milhares. Já no período entre as duas grandes guerras, quando o esporte foi ganhando uma melhor estrutura, o número de mulheres nas partidas também foi aumentando.

O preconceito masculino em relação às torcedoras também vem de longa data. Segundo os autores, o futebol na Inglaterra era visto como uma válvula de escape das responsabilidades domésticas, algo que era concedido a poucas mulheres, que não deveriam se “intrometer” em assuntos que eram essencialmente masculinos. Já após a II Guerra Mundial, começaram a ser formados comitês femininos nos football supporters’ clubs, organizações de torcidas de determinados clubes, mas mais como organizadoras de eventos para levantar fundos do que de fato como vozes inteligentes sobre o esporte. Eram as “Football Beauty Queens”, rainhas da beleza, sendo que havia até uma eleição da torcedora

²⁴Cf. Toledo (1996), entre outros.

²⁵Cf. Costa (2006).

²⁶Cf. Conde e Rodriguez (2002).

²⁷Cf. Coddington (1997) e Williams e Woodhouse (1999), entre outros.

“top” do ano – leia-se a mais glamourosa. A vitória na Copa do Mundo de 1966 trouxe uma mudança na atitude, como mostra a torcedora Tina Evans:

More women started coming in the late 60s/70s. It was younger women wanting to go with their boyfriends. Before then it was the younger men who went off to watch their football on Saturday afternoons and didn't dream of taking their girlfriends with them. But in the 60s and 70s were more rebellious years and all of a sudden, I suppose, the girls started saying, 'Why can't I come?'. (Tina Evans, *apud* Woodhouse e Williams, 1999: 56).

Quando tem início a era dos *hooligans*, as torcedoras começaram a sentir receio de assistir às partidas por conta dos episódios de violência e sua frequência nos estádios foi diminuindo. Nos anos 1980, quando começam a aparecer dados mais concretos sobre o número de mulheres presente nos estádios, pode-se perceber que as mulheres representavam algo entre 15% e 20% dos torcedores e estes números vêm crescendo anualmente após os esforços de eliminar a violência nos estádios. Coddington (1997) mostra que este crescente número de torcedoras resultou em alguns esparsos esforços para atrair as mulheres inglesas para as arquibancadas, como a campanha vinculada pela *Football Association*, ou FA, o órgão equivalente à CBF no Brasil, durante a disputa da Eurocopa de 1996:

The message was clear: being a female football fan doesn't mean you have to leave your femininity or your independence at home. The campaign also reflected the reality that the fastest growing group of fans are young single women. Given the viewing figures for Euro 96, there is a potentially huge, untapped audience of female fans out there, waiting to be captured by their local club. (Coddington, 1997:212).

Os esforços, entretanto, pararam por aí, dado que não houve um trabalho coordenado entre a FA e os clubes, um jogando para o outro a “responsabilidade” de atrair mulheres aos estádios, pois enquanto a FA atesta que é de interesse dos clubes atrair mais fãs, os clubes ainda partem da premissa de que torcedores não podem ser criados, eles já nascem assim.

Ainda assim, apesar de a presença das mulheres parecer algo cada vez mais intenso, elas ainda são vistas com desconfiança, pois nem mesmo conseguem fruir o espetáculo da

mesma maneira que os homens. Dougie e Eddie Brimson (1996) afirmam que as mulheres gostam, não amam ou adoram o futebol, mesmo porque não jogam nos níveis mais altos do esporte e, portanto, não têm condição de compreender de fato a paixão masculina.

O quadro inglês se parece muito com o que percebemos no trabalho feito no Brasil. Ao conversar com torcedores, percebi que o ingresso de mulheres no espaço do futebol não é algo exatamente problematizado, ou mesmo questionado, no cotidiano destes homens. A mulher passa a ser uma questão apenas quando “invade” o espaço que eles consideram como essencialmente deles e é desta e outras questões que trataremos a seguir.

1.1 – Os estereótipos

O fato de a sociedade ter como perspectiva dominante a masculina faz com que essa visão seja sempre tida como natural ou neutra, sendo que na verdade é apenas uma perspectiva. Bourdieu (2005) chama de “reconhecimento” o fato de as mulheres internalizarem a perspectiva masculina e terem-na como suas próprias. No caso do futebol, pude perceber que por mais que as mulheres lutem por seus espaços, e de fato consigam ter alguns progressos, existe algo com o qual elas constantemente têm de lidar e, frequentemente, lutar contra: os estereótipos. Vastamente popularizados no imaginário social brasileiro acerca do futebol, percebi durante minha pesquisa que a visão estereotipada sobre algumas mulheres que de alguma maneira se interessam pelo futebol não é algo que venha dos homens, mas as mulheres que entendem a si mesmas como as “verdadeiras” torcedoras definem a si mesmas mais a partir daquilo que elas não são do que pelas características que, para elas, definem o perfil da mulher que acompanha, “entende” e gosta de futebol. Nessa definição pela negação, existem três tipos ideais básicos nos quais as mulheres se viam forçosamente classificadas: a mulher masculinizada, a “maria-chuteira” e, mais recentemente, a “torcedora de modinha”.

Esta é uma ideia que nos remete ao estudo sobre estigmatização feito por Goffman (1988). O autor entende que existem padrões pressupostos por cada sociedade e que compõem uma identidade hegemônica esperada, ideal, porém inatingível, e que separa os “normais” dos “desviantes”. O que está dentro do padrão permanece na invisibilidade e o que se distingue deste torna-se uma marca, que pode vir a se tornar um estigma. Um dos tipos de estigma que Goffman destaca é o tipo tribal de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem, mas também é possível falar de estigmatização

quando tratamos de marcações de gênero, e a “mulher masculinizada” dentro do futebol é um – dentre muitos – exemplos claros disso.

A mulher masculinizada é o tipo mais “clássico” de mulher estereotipada que gosta ou pratica futebol. Por ser um esporte amplamente reconhecido como masculino, uma mulher que se interesse pelo esporte só poderia, nesta visão, se assemelhar a um homem. Isso acontece por que a socialização da mulher se dá, como afirma Bourdieu, através de uma forte imposição de limites, sempre relacionados ao corpo, e que existem como uma forma de justificar fisicamente a diferença entre os sexos. Além de uma postura masculina, essas mulheres são geralmente vistas como homossexuais.

Em um dos tópicos da comunidade do *Orkut*²⁸ “Mulher também gosta de futebol”, fica claro que o estereótipo mulher masculinizada é mais comumente sofrido por aquelas que efetivamente praticam o esporte, ou seja, a prática corporal leva à masculinização e à homossexualização. Gostar de futebol é algo distinto de praticá-lo de modo que a relação deste esporte com a corporalidade feminina evidencia aspectos simbólicos que são acessados ou pelas mulheres (ou interditados a elas) através do corpo. Quando indagadas se já haviam sido ofendidas por gostarem de futebol, grande parte das meninas respondeu sim e que seria mais fácil perguntar quem nunca foi ofendida. Uma das usuárias da comunidade afirmou:

Sempre sou chamada desses apelidos de mal gosto como, macho-fêmea, machão, maria João. Eu chorava muito por causa disso mas agora nem ligo mais. Dane-se quem disse. (F.)

Ofensas como “maloqueira” ou “macho-fêmea” são algumas das mais comumente utilizadas, principalmente pelos homens. O mesmo vale até para a habilidade de uma garota como jogadora. Uma das garotas, que preferiu deixar sua identidade anônima respondeu:

Eu faço futsal no colégio. Já tem uns meninos que me conhecem agora quando vai uns babacas jogar vira um saco, pois quando o professor me escolhe pra ficar no time deles eles começam a rir e eu tenho que tirar a bola deles pra pelo menos triscar na bola! É um saco esses machistas!!

²⁸ O perfil das torcedoras que utilizam a Internet como meio de sociabilidade, em especial no ambiente das torcidas, que são e como se relacionam será abordado no próximo item “As formas de sociabilidade”.

Esta visão, entretanto, vem sendo mudada aos poucos pelo exemplo da jogadora Marta. Alagoana de Dois Riachos, a jogadora iniciou sua carreira profissional no Vasco da Gama, do Rio de Janeiro no ano 2000, atuando a maior parte de sua carreira fora do Brasil, em especial na Suécia e nos Estados Unidos, onde atualmente defende o Western New York Flash. A jogadora sustenta hoje o Record (entre homens e mulheres) de premiações como a melhor do mundo pela FIFA com cinco prêmios consecutivos. Principalmente após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, ficou conhecida como “Pelé de Saias” (apelido que ficou mais forte depois de suas duas passagens pelo Santos F.C.) e “Rainha Marta”, nome dado ao memorial em sua homenagem inaugurado este ano nos arredores do Estádio Rei Pelé em Maceió, Alagoas.

Marta é o ícone de uma geração vitoriosa do futebol feminino²⁹, que vem ajudando a associar a mulher que joga futebol como algo positivo e vem mudando aos poucos a visão de masculinização da jogadora, que se enquadra em uma das diversas linhas tênues, entre a masculinidade e a feminilidade, que funcionam como marcadores da posição na qual a mulher deve se enquadrar, pois se por um lado a mulher que joga bola é vista como masculina, por outro o jogo feminino é tido como “chato”, “lento”, “entediante” em comparação com o masculino exatamente por não estar associado à explosão e à força física que seriam atributos exclusivamente masculino. Entretanto, deve-se destacar que este é um estereótipo que está mais claramente associado às mulheres que praticam a modalidade amadoristamente ou profissionalmente e não às torcedoras, um dos temas deste trabalho.

Já o estereótipo mais claramente associado ao da mulher que não pratica este esporte é da “maria-chuteira” Um tópico criado sobre o assunto na comunidade “Mulheres que amam futebol”, o MAF, pela usuária M. explica de maneira bastante clara o que homens e mulheres veem como uma maria-chuteira e de que maneira aquelas que se autodefinem como as “verdadeiras torcedoras” se diferenciam destas:

RÓTULO CRIADO PELOS HOMENS PARA MULHERES Q
CORREM ATRAS DOS JOGADORES, QUE ACHAM ALGUM
JOGADOR BONITO OU QUE SÓ NAMORAM JOGADORES
CERTO? errado! os homens criaram esse termo por conta da mulher
agora também gostar de futebol e por nem todos os homens terem o corpo
de um jogador de futebol! [...]. Futebol pra mim é uma paixão mais sou

²⁹ Falaremos mais sobre esta geração do futebol feminino mais adiante.

mulher e é lógico que naum sou cega e vejo as pernas de fulano ou como ciclano é bonito mais isso naum é coisa de maria chuteira notamos pq como mulheres isso nos atrai!!!! entaum **chega de rótulos e vamos viver um mundo do futebol sem preconceitos!!!** (grifos meus).

Esse depoimento deixa bem claro que a maria-chuteira é uma categoria de acusação, que existe preconceito em relação a essas mulheres e que estas são vistas como um problema para aquelas que fruem do futebol. Esse talvez seja o rótulo do qual as mulheres tentam mais enfaticamente se livrar. Muitas dessas mulheres veem a figura da maria-chuteira como uma alteridade e toda e qualquer atitude que possa se assemelhar a elas é, desde o vestuário até a maneira de agir, pois se envolver romanticamente com um jogador é visto com desconfiança já para estas outras mulheres, o interesse em beleza, dinheiro e/ou popularidade dos jogadores não é condizente com o interesse no jogo em si.

Existem exemplos bastante claros, como Suzana Werner, modelo e atriz que namorou o jogador Ronaldo (“o Fenômeno”) e hoje é casada com o goleiro Júlio Cezar da Internazionale de Milão, ou Milene Domingues, conhecida como a “rainha das embaixadinhas”, ex-mulher do mesmo Ronaldo. São mulheres que foram vítimas de uma forma de preconceito que é estabelecido no interior do próprio gênero mulher, pois quem julga a atitude destas mulheres com desprezo não são apenas homens, mas mulheres que buscam se auto-afirmar como as “verdadeiras” interessadas no futebol, ou de alguma maneira reivindicam seu espaço como o único espaço legítimo de participação feminina.

Mas seria toda mulher que se interessa por um jogador uma Maria-chuteira? Estariam todas elas frequentando estádios com o objetivo de atrair os jogadores e utilizar de seu envolvimento romântico como uma estratégia de ascensão social? E, se sim, haveria algum mal intrínseco em se interessar e se relacionar com os jogadores de futebol? Certamente que não. Frequentando estádios e observando alguns comportamentos, veiculados inclusive pelas diversas formas de mídia, pude perceber que existem diferenças bastante marcadas entre as fãs de jogadores de futebol.

O caso do desaparecimento da jovem Eliza Samudio trouxe à tona um mundo em que glamour, orgias e sexo convivem cotidianamente entre os jogadores da elite do futebol profissional do Brasil. A jovem se dizia amante e mãe de um filho do ex-goleiro Bruno do Clube de Regatas Flamengo e teria se relacionado com diversos outros jogadores, sendo muito conhecida nos bastidores do futebol. Ela própria não se definia como uma maria-chuteira, pois dizia que quem se interessava por ela eram os jogadores e não o contrário.

Seu caso ficou conhecido quando foi dada como desaparecida em junho de 2010, sendo que três semanas depois a polícia recebeu denúncias anônimas de que ela teria sido, juntamente com seu filho, brutalmente assassinada a mando de Bruno no sítio dele em Minas Gerais, após ter sido mantida em cativeiro. O jogador está preso na Penitenciária Nelson Hungria em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte e, juntamente com outros envolvidos, foi condenado em dezembro de 2010 pela justiça do Rio de Janeiro a quatro a seis meses de prisão por quatro anos e seis meses de prisão por cárcere privado, lesão corporal e constrangimento ilegal e irá a júri popular para responder por homicídio triplamente qualificado.

O caso teve enorme repercussão na mídia e chamou a atenção para as formas de envolvimento entre jogadores e as chamadas *marias-chuteiras*. Segundo reportagem publicada na revista *Marie Claire* em novembro de 2010³⁰, existe um grupo de mulheres (todas loiras de corpos esculturais vestidas em roupas que valorizam suas formas) se utilizam de diversas estratégias para se aproximarem dos astros de futebol. Estas estratégias passam desde buscar o perfil dos atletas em redes sociais até contatos com empresários, passando pela frequência nos centros de treinamento e a estratégia que mais parece funcionar, qual seja, ir às mesmas “baladas” (casas noturnas) que os jogadores. Evidentemente este é um projeto de ascensão social ao qual não são todas as mulheres que têm acesso. Frequentar estas casas noturnas é algo custoso, assim como manter a beleza, que certamente parece ser uma das formas de se acessar este universo.

Ainda na referida reportagem, um ex-dono de uma das casas noturnas frequentadas pelos jogadores disse que o perfil das mulheres que se envolvem com os jogadores passou por mudanças nos últimos anos, pois se até o final da década de 90, elas buscavam engravidar para conseguir uma boa pensão, hoje são atrizes, modelos e *funkeiras* que ainda não conseguiram visibilidade e que querem associar sua imagem à do jogador para alavancar suas carreiras. A fala de homens e mulheres em relação àquelas que classificam como *marias-chuteiras* vem, como podemos perceber, é uma fala carregada de condenação e estigmatização destas mulheres. É provável que este tipo de estratégia não esteja restrita ao ambiente do futebol ou mesmo às mulheres, mas a atenção midiática que os próprios jogadores atraem colocam estas mulheres em foco e julgar suas atitudes é algo que parece ter se tornado algo corriqueiro, naturalizado.

³⁰ *Marias-chuteiras: Orgias, prostituição e crime no lado B do futebol. Revista Marie Claire. São Paulo, v. 236, p. 121-128, Novembro de 2010.*

Este comportamento difere claramente de meninas às quais frequentemente é atribuído o título de maria-chuteira, talvez até por falta de uma denominação mais apropriada. São meninas, geralmente adolescentes, que vão aos treinos abertos buscando autógrafos ou uma foto com seus ídolos. “Deslumbradas” pelos jogadores, gritam e acenam, cultuam estes personagens dentro de um assemelhado *star system* esportivo, próximo àquele observado no universo de atores, modelos e astros da música. Estas meninas, que claramente não buscam um relacionamento com os jogadores e, se o fizessem, certamente não seria como estratégia de ascensão social, se assumem como “verdadeiras” fãs, não necessariamente de futebol, mas do futebol destes “meninos”³¹, em geral jogadores que atuam em posição mais avançada (meias, atacantes), que façam gols e defendam equipes vitoriosas. A essas meninas, preferi chamar “as meninas do alambrado”, em referência ao local no qual se colocam nos estádios e centros de treinamento.

Dentre todas que foram percebidas por mim na “grande categoria” de marias-chuteira, as mais difíceis de classificar foram aquelas que parecem se colocar entre os dois universos descritos acima. O mesmo que ocorre nas divisões de elite parece acontecer, em “menor escala”, também em divisões de base até do futebol no interior como me foi relatado por outro pesquisador³², que acompanha o time do São Carlos F.C. Segundo ele, em partidas de campeonatos sub-15, sub-17, entre outros, realizados em cidades do interior de São Paulo, existe uma série de meninas que ficam à espera da atenção dos futuros astros ou promessas do futebol local:

Ao final dos jogos, enquanto esperava o time juvenil se aprontar para o retorno a São Carlos, presenciei um fato interessante: a presença de garotas no estádio, por vezes chamadas no ambiente futebolístico de “marias chuteiras”. Havia duas garotas que assistiram à partida da equipe juvenil e se posicionaram logo na saída dos vestiários após o jogo. Os garotos do time sub-15 logo perceberam sua presença e mudaram o comportamento: alguns mudaram o penteado (cabelos espetados, gel, penteado moicano), outros arregaçaram as mangas das camisas para exaltar os braços que, embora ainda franzinos, apresentam certo torneamento condizente com a malhação semanal que lhes é imposta; falavam ao celular, ouviam músicas em seus aparelhos de MP3 e

³¹ Os “alvos” da afeição destas meninas geralmente são os jogadores mais jovens, da mesma faixa etária das meninas, e mais habilidosos, em evidência na mídia. Exemplos destes jogadores são Neymar e Ganso, do Santos F.C. e Lucas, do São Paulo F.C. ou Alexandre Pato, ex-jogador do S.C Internacional e atualmente defendendo o A.C. Milan, da Itália.

³² Ver PALMIÉRI, J.C., 2009 (Dissertação de Mestrado).

circundavam as garotas. Alguns chegaram a flertar com elas, recebendo tratamento irônico dos colegas. As garotas estavam à espera de jogadores do time do Independente. Percebi uma postura um pouco mais ‘adulta’ do time juvenil (sub-17): muito embora não tenha dado tempo de um contato um pouco maior com as garotas como ocorreu com o time infantil, eles não deram muita importância àquela presença e tão logo se arrumaram após o jogo, adentraram ao ônibus prontos para o retorno a São Carlos, o que ocorreu de modo muito mais prático que em Leme. (Palmiéri, J.C. sobre o comportamento das garotas e garotas no interior de São Paulo – comunicação pessoal).

Eu mesma presenciei atitudes semelhantes nos jogos da Copa São Paulo de Futebol Júnior, em especial quando se tratava dos jogadores da base de equipes da elite. O comportamento destas garotas certamente remete ao das marias-chuteiras da “balada”, buscando relacionar-se com os jogadores, mas ao mesmo tempo é muito semelhante ao das “meninas do alambrado”, que admiram, são fãs dos jogadores. Parece-me que estas meninas admiram os ídolos locais, que ganham *status* em suas cidades e bairros conforme estes vão se destacando e avançando em direção ao futebol profissional, mais do que estarem adotando uma estratégia que visa alcançar objetivos pessoais posteriores.

Por fim, a categoria nativa quem vem sendo relatada mais recentemente para atribuir significado a algumas formas de torcer é a “torcedora de modinha”. D., 18 anos, torcedora do São Paulo Futebol Clube, me explicou que esse é o termo utilizado para designar meninas que embora não assistam aos jogos e não conheçam os jogadores, falam que seu time é o melhor e comemoram vitórias ou títulos conquistados pelo clube em questão. Segundo ela, hoje é um preconceito muito comum vindo de homens que acham que essas mulheres não entendem o esporte, só querem ver os jogadores e só se interessam no suposto status advindo da vitória de seu time. Fica claro que existe uma linha muito tênue que diferencia uma maria-chuteira de uma torcedora de modinha, mas me parece que esta última se concentra mais em uma “suposta” admiração por um time, enquanto a primeira tem um interesse maior nos jogadores.

Mas quem é que impõe os estereótipos e o que estes nos dizem sobre como as torcedoras são enxergadas por outras mulheres, homens ou como enxergam a si mesmas? A partir de ideias sobre o que uma verdadeira torcedora não é – ou pelo menos não deveria ser, na visão de homens e mulheres –, as mulheres pesquisadas mostraram que foram

construindo uma identidade – também específica de gênero – que lhes é própria a partir da negação, sendo que esta é negociada o tempo todo. Entendemos aqui identidade no sentido de que ao invés de os indivíduos “terem” um gênero, estes possuem “identidades de gênero”, as quais são construídas socialmente por homens e mulheres, já que:

A identidade não pode ser pensada de forma deslocada do contexto das relações nas quais estas oposições estão sendo permanentemente feitas, desfeitas e refeitas, na medida em que os indivíduos deslocam-se pelo entramado da vida social. (Rojó, 2006: 4).

Essa diferenciação das torcedoras demonstra como suas identidades vão se construindo em oposição não apenas aos homens, mas a outras mulheres dentro do universo do futebol, e esse processo está longe de ser algo simples. Mesmo dentro das teorias de gênero, dar conta daquilo que as mulheres têm de diferente é algo que vem sendo discutindo desde a década de 1970, quando se percebeu que apenas diferenciar mulheres e homens, endossando alguma forma de determinismo biológico, não era suficiente, de modo que

A tarefa passou a ser a criação de uma teoria que permitisse diferenças entre mulheres, que tornasse pelo menos teoricamente possível a ideia de um futuro sem sexismo e que ainda justificasse reivindicações transculturais relativas às mulheres. [...] Assim, sugiro pensarmos o sentido de ‘mulher’ como capaz de ilustrar o mapa de semelhanças e diferenças que se cruzam. [...] Ele implica, na verdade, uma compreensão desse projeto como esforço necessariamente coletivo a ser feito por muitas, e em constante diálogo. (Nicholson: 2000, p. 27-36)

Parece-me claro que se trata de um campo de disputas simbólicas pela legitimidade de quem é ou não uma torcedora de fato, disputa essa que se reflete nas formas de sociabilidade entre estas mulheres. Isso é intensificado pelo fato de as torcedoras sempre terem seu interesse no futebol questionado e, mesmo quando se aceita que esse interesse existe, sua capacidade de compreender o jogo em si é quase sempre colocada em dúvida, seja por homens ou por outras mulheres. Por diversas vezes me deparei, nas comunidades que estive acompanhando, com questionamentos por parte dos homens acerca do conhecimento das regras do jogo por parte das meninas que dizem gostar de futebol.

1.2 – As formas de sociabilidade

Ao estudar a participação da mulher no universo torcedor, deparei-me com a dificuldade que advém da dispersão do objeto e passei então a explorar outros espaços de sociabilidade na qual o futebol estaria presente e percebi que, além dos estádios, teria de tentar analisar um dos outros espaços nos quais os homens mais experimentam a vivência como torcedor: os bares. Os dias prioritários para a transmissão de jogos de futebol pela televisão aberta³³ são quartas-feiras e domingos. Quando se trata principalmente do Campeonato Brasileiro ou os regionais, o jogo transmitido é de uma equipe daquele estado³⁴ que não esteja jogando em seu estádio. É cada vez mais comum a em cidades dos mais diversos tamanhos, que bares e restaurantes possuam televisores de plasma e LCD, na sua maioria com o objetivo de transmitir partidas de futebol, em especial aquelas que não são transmitidas pela televisão aberta e estão disponíveis apenas no sistema de *pay-per-view*, no qual o cliente de uma televisão por assinatura paga para assistir a uma determinada partida.

Percebi que as mulheres presentes em bares nestes dias começavam a comparecer vestidas com as camisas dos clubes e prestavam atenção à televisão tanto quanto os homens, mas ainda foi difícil compreender de que maneira se relacionavam com o futebol e os outros torcedores, mulheres e homens. Nesse sentido, dada a dificuldade de aproximação direta com as fontes a partir simplesmente da frequência aos estádios, além de acompanhar os jogos, uma de minhas metas foi conviver e acompanhar as torcedoras através do *Orkut*, para compreender este universo e encontrar alguns dos informantes com os quais realizei entrevistas. Neste item tratarei, portanto, das formas de sociabilidade feminina nos estádios e, posteriormente, explicarei de que forma estas meninas se aproximam e criaram laços reais a partir da comunicação virtual.

1.2.1 – A sociabilidade nos estádios: existe uma forma “feminina” de torcer?

A profissionalização do futebol acarretou em diversas mudanças na configuração e atuação de diversos atores dentro do esporte, e com o torcedor não podia ser diferente. O

³³ Mais especificamente a Rede Globo de Televisão e suas afiliadas pelo país.

³⁴ Falo aqui principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e aqueles que têm equipes atuando na primeira divisão do campeonato nacional. Para os outros estados, os jogos transmitidos são, frequentemente, os mesmos transmitidos pela televisão do Rio de Janeiro. Uma exceção a essa regra foi no ano de 2008, quando o S.C. Corinthians Paulista, uma das equipes de maior torcida do país, foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato nacional, tendo seus jogos transmitidos aos Sábados.

torcedor e as torcidas foram tornando-se figuras cada vez mais relevantes no entendimento dessa forma de adesão a uma prática lúdica, de modo que as mudanças pelas quais o futebol passou modificou também o papel do torcedor. Uma destas figuras, segundo Toledo (1996), era o chamado “torcedor-símbolo”, um torcedor que representava todo o time; na década de 1940, estes torcedores ganharam, inclusive, o reconhecimento da imprensa. Dentre esses torcedores podemos destacar duas das figuras apresentadas pelo autor: Elisa do Corinthians e Filhinha do São Paulo Futebol Clube, sendo que esta última teve seu papel “substituído” por Tia Laura quando da sua morte. Essas personagens evidenciam o fato de que a figura do torcedor-símbolo não era exclusivamente um papel masculino ou associado a qualquer masculinidade e tão pouco estas mulheres eram encaradas com desconfiança dentro da torcida não havendo nada que indique que elas eram vistas pelos homens como uma ameaça ao comportamento masculinizante hegemônico dentro de uma torcida.

Toledo mostra que o papel do torcedor era predominantemente apoiar o time, sendo o torcedor-símbolo associado à própria maneira do futebol praticado no Brasil, o que ocorreu numa época de consolidação no plano internacional de um futebol mais competitivo que perdurou pelas décadas de 50, 60 e 70 (Toledo, 1996: 23). Depois da década de 1970 houve uma explosão do gosto pelo futebol, impulsionada no plano local pela construção de muitos estádios em simbiose com os interesses políticos envolvendo cada vez maior da mídia televisiva na definição do espetáculo esportivo, e no plano internacional empenho de organizações mundiais como a Fifa na difusão do futebol por outros continentes.

É interessante notar que a partir da década de 1970 a relação do torcedor e o futebol adquiriu outros contornos, que foram além da mera paixão pelo clube. O futebol definitivamente torna-se um esporte de massa largamente incentivado pelo Estado, pela mídia, vindo a sofrer um refluxo em termos econômicos apenas na década de 80. Esse refluxo foi traduzido na baixa média de público, violência nos estádios [...] (Toledo, 1996:26).

Entretanto, o surgimento das Torcidas Organizadas foi lentamente substituindo o “torcedor-símbolo” e impondo uma nova forma de sociabilidade nos estádios. Estas torcidas estão geralmente associadas à violência nos estádios, desempenhando frente ao clube papéis essencialmente políticos, ora sendo vistos como “verdadeiros braços armados de dirigentes de clubes de futebol” (*idem*, p. 28) servindo aos dirigentes, ora praticamente

como gangues, que têm apenas o intuito de expressar a violência explícita e gratuita. Seja como for, o surgimento destas torcidas acabou trazendo ao futebol do ponto de vista de sua organização a necessidade de separar fisicamente torcedores contrários por conta do gerenciamento desses conflitos generalizados praticados dentro e fora dos estádios. Esse fato é de extrema relevância para este trabalho, pois acabou por acarretar num desinvestimento da presença da mulher como torcedora, consolidando os estádios como arenas da masculinidade. As poucas mulheres que continuaram a frequentar os jogos, em geral, iam acompanhadas de homens – pais, maridos, irmãos, namorados, etc. –, e se restringiam a áreas específicas dos estádios. É interessante notar que, intencionalmente ou não, as câmeras de televisão tendem a focar suas lentes exatamente nas mulheres, ou em crianças e idosos, aqueles cuja presença não é vista como natural. Quando isto ocorre, os comentaristas geralmente usam destas imagens como argumento de que o futebol ainda é um esporte que apela a todo tipo de público, que a violência “não conseguiu” afastar esses torcedores.

Hoje, por conta desses episódios de violência passou a ser até desejada a presença não apenas de mulheres, mas também de crianças e idosos, como forma de ressaltar o caráter inclusivo da Organizada e de romper com o estigma da violência. Em entrevista realizada em 2008, David, membro da torcida organizada do São Paulo F. C. “Tricolor Independente”, existe um número cada vez maior de mulheres que participam ativamente da torcida organizada, acompanhando os homens aos estádios junto com a torcida. É claro que a entrada não é tão simples, muitas delas ingressam acompanhando um namorado ou parente, mas muitas delas apenas conhecem amigos que as levam à torcida. Disso resulta a presença de mulheres de diversas faixas etárias nas torcidas, algo que surpreende o próprio David. Ele informou que durante o encontro do aniversário da torcida na sede da Independente em São Paulo, realizado em 2005, ficou impressionado por ter tido a sensação de que o número de mulheres mais velhas (na faixa dos 50 anos) que fazem parte da torcida de que ele faz parte parecia ser cada vez maior, visto que a grande maioria das mulheres tem entre vinte e trinta anos³⁵.

³⁵ Em entrevista publicada na revista Carta Capital, Heloísa Reis fala um pouco sobre o panorama das torcidas organizadas, a partir de um mapeamento que fez nas três maiores torcidas organizadas de São Paulo (Corinthians, Palmeiras e São Paulo): “O torcedor organizado é solteiro (94%) e católico (62%). Vai ao estádio sempre (40%) ou muito frequentemente (45%) – mesmo que a partida seja televisionada. Neste caso, o faz pela emoção do estádio (52%), por amor ao time (30%) e para torcer em grupo (12%). A maioria trabalha (61%) ou estuda (27%), onde 9% não informou a ocupação e 3% está desempregada, menor que a taxa brasileira, de 8,1%.”. Fonte: “No Anonimato da Multidão”. Carta Capital. São Paulo: Editora Confiança Ltda, Ano X - n° 301 - 27 de Julho de 2004.



Imagem 1: Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi). São Paulo x Atlético Paranaense (19/11/2006). Foto: Lara Stahlberg

Pude eu mesma observar nos estádios que os homens na torcida até tendem a proteger as mulheres presentes, independentemente do “tipo” de torcedora no qual elas são encaixadas. Existem mecanismos de contenção que são postos em prática, como a proteção aos seus companheiros ou mesmo das mulheres, o que se verifica na própria fala das mesmas. Elas percebem quais são os limites e quais as regras que, se transgredidas, resultam na sua exposição. Essa proteção permite encontrar nas arquibancadas dos estádios grupos de meninas, não necessariamente acompanhadas de homens, que produzem estratégias de se colocar nesse lugar, como pude perceber numa partida entre Palmeiras e Botafogo, realizada no dia 09/06/07 no estádio Palestra Itália³⁶. Nesse dia pude assistir a um episódio que retrata bem a ideia de proteção aos “mais frágeis” no estádio.

Por determinação da Federação Paulista de Futebol (FPF), à época foi implantada nos estádios uma medida visando a contenção da violência³⁷, qual seja, que os torcedores

³⁶ O Estádio Palestra Itália, popularmente conhecido como Parque Antártica é um estádio localizado entre os bairros da Barra Funda e Perdizes em São Paulo – SP e pertence à S.E. Palmeiras.

³⁷ Em 2006, a Comissão de Paz no Esporte dos ministérios da Justiça e do Esporte implantou em São Paulo um projeto piloto chamado “Compromisso de Ajustamento de Conduta” no qual torcedores deveriam efetuar um cadastro e receber o “Cartão do Torcedor”, de modo que o acesso a determinadas áreas do estádio seria exclusivo aos portadores desta carterinha. A execução destas medidas é supervisionada pela Secretaria da Justiça do Governo de São Paulo por meio da Câmara Técnica de Consumo do Desporto, do Procon-SP, e com o acompanhamento do Ministério Público Estadual. Hoje, por conta de diversas intercorrências, o procedimento foi alterado e para os jogos da série A1 do Campeonato Paulista de Futebol, a FPF determinou que os associados das torcidas organizadas de São Paulo e Santos podem ir vestidos com as camisas de suas respectivas torcidas apenas em posse da carteirinha, têm uma entrada exclusiva para seu acesso ao estádio e têm um número determinado de instrumentos, faixas e bandeiras que podem levar consigo. As torcidas sediadas em outras cidades do interior paulista devem recorrer à PM local para informações sobre os procedimentos adequados. O cadastramento ocorre periodicamente, em datas específicas para as torcidas de cada equipe que são divulgadas na página da FPF na Internet. Para maiores informações, consultar: <http://futebolpaulista.com.br/torcedor.php?sec=27> (consultado em 07/2011) e <http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI1147496EI1850,00SP+propoe+cadastramento+de+torcidas+organizadas.html> consultado em 07/2011).

que fizessem parte das torcidas organizadas fizessem seu cadastro junto à Polícia Militar (PM). Além disso, deveria ser determinada uma área separada em cada estádio à qual os torcedores membros de Organizadas que estivessem devidamente cadastrados poderiam ter acesso. Não surpreendentemente, não houve um grande número de torcedores dispostos a se cadastrar, restando uma área demasiadamente grande do estádio para um número reduzido de torcedores. A consequência disso foi que grande parte dos torcedores se encontrava disputando espaços não suficientes no restante do estádio. Após perceber o equívoco, a PM resolveu liberar lentamente o espaço disponível e, para evitar tumultos, deu prioridade àqueles torcedores acompanhados de mulheres, crianças e aos idosos. De fato, isso causou descontentamento geral daqueles que também se encontravam em situação desconfortável e a falta de organização – tida como algo corriqueiro nos estádios brasileiros segundo diversos dos entrevistados nesta pesquisa – fez com que diversas famílias fossem separadas dentro do estádio. Felizmente não houve nenhum grande incidente, mas isso ilustra como existe uma preocupação em proteger todos aqueles que não são os “donos” ou frequentadores usuais e “legítimos” desta arena, todos os considerados mais frágeis.

Os estádios de futebol possuem algumas áreas que, apesar de não demarcadas especificamente, são espaços cujos frequentadores sabem “o que vão encontrar”. Exemplo disso é o estádio do Morumbi³⁸, do São Paulo F. C., onde as áreas são separadas em diferentes níveis e cores, variando inclusive o preço dos ingressos, ficando a diferenciação ainda mais evidente³⁹. Estando os setores divididos por cores, os frequentadores mais assíduos sabem, por exemplo, que a arquibancada laranja é frequentada pela torcida organizada Tricolor Independente. Já nas cadeiras numeradas, setor mais caro dos estádios, é onde se veem com maior frequência aqueles grupos que são “afugentados” pela violência, os considerados mais frágeis. A apresentadora e comentarista esportiva Soninha Francine descreve a questão do espaço nos estádios da seguinte maneira:

No Morumbi existe uma diferença entre setores, os preços, arquibancada é uma coisa, numerada é outra completamente diferente. Agora no Parque Antártica, por exemplo, na arquibancada, quer dizer, todo mundo pagou o mesmo preço, muitas pessoas ficam em grupos, procuram pedaços diferentes da arquibancada por causa do estilo, quem vai num esquema

³⁸ O estádio Cícero Pompeu de Toledo, também conhecido como Morumbi é um estádio localizado no bairro de mesmo nome e pertence ao São Paulo F.C.

³⁹ A divisão dos espaços ocorre em **todos** os estádios, sendo o Morumbi um exemplo ilustrativo, tendo em vista que a divisão em diferentes cores e níveis apenas torna isso mais claro.

mais pacífico, quem vai num esquema mais agressivo, é muito interessante de ver. É uma coisa que não é uma divisão prévia, não é estabelecido, mas na prática acontece, cada um vai pra um lado. Na curva atrás do gol é aquele pessoal mais politizado, que questiona mais a diretoria, mas que apoia os jogadores. Do lado direito é quem escolhe um jogador e xinga toda vez que ele pega na bola, é o pessoal mais velho. Na numerada é quem xinga o jogo todo, qualquer um que pegar na bola. Então tem, tem [diferenças], acontece.

Algumas torcedoras acreditam que os diferentes setores do estádio expressam diferentes tipos de conduta, o que se aplica tanto a homens quanto a mulheres.

Olha ..exemplo do ultimo jogo..Grêmio e São Paulo..não tinha mais ingresso p geral..tive q pegar cadeira..o hq não fikei sentada eh lógiko..fikei grudada no muro..tinha duas gurias de cada lado..enqt as duas da minha esqrda estavam cantando as musikas q a geral tava cantando..e eu tava jnt..as outras duas naum estavam nem olhando para o jogo..falando sobre a aula do otro dia..e chamando uma amiga q tava no andar de baixo. [...]na geral nenhuma guria q naum torce realmente..vai ir..pq p começo acha horrivel..pq fikam tds em pé..e não param d cantah um minuto..jah na social..vão fikar sentadas....ou passeando(M., 17, torcedora do Grêmio FBPA).

As numeradas geralmente tem mta mulher q num sabe o q esta fazendo lah! a arquibancada geralmente fica qm eh mais xegado num futebol... e eu realmente prefiro mais perto do campo (M., 17, Torcedora do SC Corinthians P).

O perfil de torcedora que frequenta a arquibancada sempre esteve presente, mas por tratar-se de uma arena masculina, as regras sobre como as mulheres devem se comportar são bastante demarcadas. Conde & Rodríguez (2002) já haviam afirmado que na Argentina a mulher “excessivamente fanática” acaba mal vista por homens e mulheres que julgam seu comportamento como algo não verdadeiro ou pouco feminino. No Brasil não é diferente, sendo sempre mal vista a mulher que se comporta de maneira excessivamente masculina, falando palavrões, gritando etc., como me disse V.:

Sobre falar, é uma opinião minha... sei que arquibancada é um lugar de extravazar... mas a mulher não pode exagerar nos palavrões... Fica feio tb...

Na década de 90, como também mostram as autoras citadas, um dos grupos que apresentou maior aumento nos estádios é o das garotas que vão produzidas ao estádio, com a intenção de seduzir (em especial os jogadores)⁴⁰. Podemos dizer que são o equivalente argentino das marias-chuteiras no Brasil. Elas são aquelas donas de identidades mais demarcadas em relação às outras, porém a velocidade com a qual perdem seu “valor” faz com que sejam ‘rapidamente trocadas’ por outras mulheres, outras marias-chuteiras. Minhas entrevistadas mostraram como estas meninas são realmente mal vistas pelas outras meninas, que se consideram as “torcedoras de verdade”.

Já vi mulher indo ao Maracanã de shortinho e tamancão... blusinha curta, justinha... e depois exige respeito. estádio é lugar de homem... pra mulher conquistar respeito, tem que se dar o respeito primeiro e graças a deus, todas as meninas que entram pra torcida, tem essa consciência e acabam ganhando o respeito dos meninos [...]. Não tem nada a ver a mulher ir pra um lugar onde predomina o sexo masculino de roupa curta e justa, de saínia, top...Nunca vai conseguir o respeito dos cara. Isso é um fato... (V., 35, torcedora do C.R. Flamengo e membro da torcida organizada “Jovem Fla”).

O q eu acho?? Olha td bem..se elas qrem pega guri...mostrando q torcem p esse ou akeli time... mas dae qnd nós torcedoras saímos co ma camiseta..elis devem pensar q somos iguais... acham q não entendemos de futebol (M., 17, torcedora do Grêmio FBPA).

Assim, podemos ver que o estádio é um lugar com regras bastante demarcadas, regras estas que não são necessariamente explícitas, mas que em geral são do conhecimento de todos.

⁴⁰ A partir da análise das autoras podemos perceber que essas mulheres são o equivalente argentino das chamadas marias-chuteiras no Brasil, apesar de não ser apontada no texto uma terminologia específica para estas. Além disso, não existe uma análise mais específica sobre as mulheres que buscam atrair especificamente os jogadores, se freqüentam os treinamentos, as concentrações, etc, como parece ser mais claro no caso brasileiro.

Existe, pelo que pude observar, uma limitação no “quão feminina” as mulheres podem ser nesta arena predominantemente masculina. Se, de uma maneira indireta, os homens limitam o quanto uma mulher pode ou não transgredir convenções de gênero, ou seja, ser masculina – limitando sua liberdade de gritar da mesma maneira ou falar os mesmos palavrões –, as mulheres, também indiretamente, é que determinam os limites da feminilidade. É uma evidência de que existem regras e códigos de comportamento consideravelmente rígidos, de modo que entender estes códigos é de fundamental importância para se compreender o universo do futebol como um todo.

1.2.2 – Do gramado ao teclado: sociabilidade virtual e o caso do Orkut

Ao estudar a participação da mulher no universo torcedor, deparei-me com a dificuldade que advém da dispersão do objeto. Nesse sentido, dada a dificuldade de aproximação direta com as fontes a partir simplesmente da frequência aos estádios, além de acompanhar os jogos, uma de minhas metas foi conviver e acompanhar as torcedoras através do *Orkut*, para compreender este universo e encontrar alguns dos informantes com os quais realizei entrevistas. A opção pelo uso concomitante desses dois meios de comunicação virtual, quais sejam, o *Orkut* e o *MSN* foi devido ao fato de ser conveniente ter em mente que os grupos que se formam no Ciberespaço não necessariamente utilizam apenas uma plataforma de sociabilidade, mas criam seus espaços de sociabilidade pela junção de diferentes plataformas, de acordo com o contexto (Guimarães Jr., 1999); além do mais, é de bom alvitre levar em consideração o fato de a importância do *Orkut* como forma de sociabilidade ter sido apontada como fundamental pelas próprias entrevistadas. Pelo fato de os homens ainda olharem com desconfiança a participação feminina no esporte, as torcedoras tiveram que se afirmar como tal para conquistarem espaço; então o ciberespaço ganhou muita força como ponto de encontro de mulheres de todos os cantos do país como um modo talvez um pouco mais livre para se expressarem, o que o tornou popular *locus* de discussão feminina sobre o esporte.

Apesar de muito recente, a importância do ciberespaço e das Comunicações Mediadas por Computador (CMC) como constituintes de nova sociabilidade tem sido ponto de atenção das Ciências Sociais como um todo, e a Antropologia não é exceção. Ciberespaço é aqui entendido como “um *Locus* virtual criado pela junção de diferentes tecnologias de telecomunicações e telemática, ou seja, um espaço criado pelas

comunicações mediadas por computador” (Guimarães Jr., 1999). O autor aponta que a emergência desse novo *locus* significa uma nova forma de se fazer Antropologia:

Assim, considerando um tipo específico de tarefa antropológica, a saber, a identificação e "tradução" de culturas locais, é conveniente ter em mente que os grupos que se formam no Ciberespaço não utilizam necessariamente apenas uma plataforma de sociabilidade, mas sim que criam seus espaços de sociabilidade pela conjunção de diferentes plataformas, de acordo com o contexto. (Guimarães Jr., 1999).

Essa confluência de meios de comunicação pressupõe a diferenciação de dois aspectos dessa nova forma de relacionamento, que o autor (*op.cit.*) denomina plataformas e ambientes de sociabilidade virtual. Por plataforma ele entende os elementos de *software* ou programas que sustentam a comunicação, enquanto os ambientes são constituídos a partir dessas plataformas.

É o caso do *Orkut*, entendido como uma forma de comunicação virtual “assíncrona” – que não depende da presença dos interlocutores ao contrário do que ocorre com os *chats*, nos quais a comunicação ocorre em tempo real (Máximo, 2000: 04). Além disso, não raro as pessoas que se comunicam por meio do *Orkut*⁴¹ também mantêm contato através do programa *Windows Live Messenger*⁴². O que podemos notar é que essas redes de amizade que surgem em algumas comunidades são formadas entre os membros mais assíduos das comunidades – aqueles que propõem tópicos para discussão, causam “polêmicas”, e o fazem com alguma frequência. Em muitos casos, é possível perceber que os membros “postam”⁴³, ou seja, comunicam-se quase diariamente, sendo a ausência deste ou daquele membro notada, ou manifesta-se alívio quando certa pessoa não escreve há algum tempo.

Ao estudar as listas de discussão por *e-mail*, modalidade também assíncrona e que opera de maneira bastante semelhante ao *Orkut*, Máximo aponta para a existência de alguns tipos nos quais se enquadram os frequentadores destas formas de CMC. Geralmente, as mensagens são enviadas por estes pequenos grupos de participantes mais assíduos, mas há também aqueles usuários classificados como “ouvintes”, ou seja, os que apenas assistem às

⁴¹ Hoje existem outras redes em que ocorre o mesmo, como *Facebook* ou o *Twitter*, que funcionam como formas de se expressar opiniões de forma abreviada e em tempo real.

⁴² Essa característica de múltiplas plataformas que me possibilitou entrar em contato com muitas das minhas entrevistadas – através do *Orkut* – e, posteriormente, realizar entrevistas em profundidade através do *Messenger*.

⁴³ “Postar”, no *Orkut* ou em outras redes significa deixar uma mensagem no fórum de discussão.

discussões e raramente enviam alguma mensagem ou emitem alguma opinião. Um terceiro grupo seria formado por daqueles que emitem mensagens de “acordo” e “desacordo” sem maiores comentários (*Idem*, p. 08).

Assim, o primeiro passo foi mapear as comunidades relacionadas ao tema⁴⁴ e a partir da “convivência” nessas comunidades, – além daquelas das torcidas femininas de cada clube ou outras torcidas organizadas – pude estabelecer contatos com as que viriam a ser minhas fontes, geralmente os (as) donos (as) ou moderadores (as)⁴⁵ de cada comunidade. Coloquei tópicos nas comunidades mais frequentadas com informações a respeito da pesquisa e solicitei às pessoas interessadas em conversar que me adicionassem em seus programas de conversa em tempo real *MSN*. Também sugeri que deixassem mensagens em minha página pessoal do *Orkut*, criada especificamente para a pesquisa, além de observar as discussões realizadas nas comunidades.

Observei primeiramente que nesse ambiente existe certo conjunto de regras que, de forma geral, é válido para todo o ciberespaço e possui variações de acordo com o ambiente tratado. Uma das “regras universais”, por exemplo, é que o uso de caracteres em letra maiúscula significa que o usuário está “gritando”. Esse tipo de regra constitui o que se chama “*Netiqueta*”, uma sistematização dos códigos e regras mais comuns. Para além destas regras gerais de conduta, algumas comunidades do *Orkut* possuem moderação, ou seja, uma espécie de censura que determina quais usuários poderão postar tópicos e opiniões, bem como quais podem ser excluídos e por quais motivos. As regras de cada comunidade são determinadas por seu(s) moderador(es), e variam de acordo com o assunto do qual trata a comunidade⁴⁶. Nas comunidades de torcedoras a existência de regras geralmente é colocada na página inicial, com avisos como: “Existem regras importantes para acesso à comunidade”. Ao entrar na Comunidade Mulheres que Amam Futebol fica implícito que você leu e aceitou as regras e concorda com elas.⁴⁷”

As regras geralmente se encontram em um *link* ou atalho, também na página inicial, e explicam quais serão os tipos de tópicos deletados (ofensivos, repetitivos, que fujam do assunto da comunidade etc.), quais as formas de punição dos membros (como suspensão por um determinado tempo ou banimento), etc. São como um guia de comportamento que

⁴⁴ Os endereços das comunidades na internet, bem como de outras páginas utilizadas como referência neste trabalho, encontram-se no item “Sites da Internet consultados”, ao final deste trabalho.

⁴⁵ O dono de uma comunidade é aquele que a cria, modo a modificar as configurações (como a descrição e o nome), excluir membros, apagar tópicos de discussão, ou até mesmo autorizar a entrada de alguns membros – no caso das comunidades que requerem esse tipo de autorização.

⁴⁶ As descrições e regras das comunidades pesquisadas podem ser encontradas na íntegra no item “Anexos”

⁴⁷ Anúncio postado na página inicial da comunidade “Mulheres que amam Futebol”.

visa garantir neste espaço a liberdade de expressão de mulheres que se interessam por futebol, mas não querem ter de lidar com aquilo que definem por atitudes preconceituosas. O objetivo da imposição das regras é colocado pelas moderadoras da seguinte maneira:

As regras aqui apresentadas terão, como única finalidade, a manutenção da ordem e da qualidade do fórum de discussões da comunidade ‘Mulheres que amam futebol’.

Elas foram criadas, serão aplicadas e poderão ser modificadas única e exclusivamente pela moderação e por seus componentes, escolhidos somente por quem a compuser. (Comunidade “Mulheres que amam futebol”).

Como se refere a comunidades voltadas para o público feminino do futebol é comum existirem regras específicas aos muitos homens que se interessam pelas comunidades, como a que segue:

Homens são bem-vindos, desde que não queiram ter o papel principal; isso pertence às mulheres, e desde que não queiram se sentir superiores. Pois estamos todos aqui pra discutir sobre a mesma coisa: futebol. Portanto, tópicos preconceituosos do tipo: “mulher não entende de futebol”, não serão permitidos e o dono do preconceito será expulso. Isso vale para mulheres preconceituosas também, pois não estamos aqui pra medir o nível de conhecimento futebolístico de ninguém.

[...]

Homens, não queiram aparecer mais do que as mulheres. Vocês são apenas coadjuvantes. Não queremos chegar ao extremo de ter que proibir a participação de vocês. Para o que muitos procuram (se aparecer e tumultuar), essa comunidade não é indicada.

Diante de inúmeras reclamações procedentes das participantes femininas, grupo majoritário e destinatárias principais do objetivo desta comunidade, pedimos aos homens que se comportem no que cerne a comentários machistas, preconceituosos e com imagens cujo cunho é o de mostrar a mulher como objeto sexual.

Qualquer manifestação do tipo será punida com expulsão definitiva do nosso quadro de membros. (Comunidade “Mulheres que Amam Futebol”).

Existem várias maneiras de restringir o acesso de pessoas às comunidades a partir da chamada moderação. No caso das comunidades analisadas, existem aquelas que não permitem o acesso de novos membros sem aprovação, aquelas que não permitem o acesso ativo de não-membros, ou seja, quem não for um membro não pode criar um novo tópico ou comentar um já existente e, finalmente, aquelas nas quais não-membros não podem sequer visualizar o conteúdo dos fóruns.

Existe um grande número destas comunidades que tratam da paixão feminina pelo futebol, como “Fanáticas por futebol” ou “Mulher também gosta de futebol”, cada uma destas com pouco mais de 45mil membros, homens e mulheres. A comunidade com maior número de membros e membros mais ativos é a já citada “Mulheres que amam futebol”, com mais de 250 mil membros⁴⁸. Trata-se de uma comunidade moderada, com conteúdo aberto para não-membros. Esta comunidade foi extremamente relevante para a pesquisa, não apenas pela assiduidade dos membros, mas pelo fato de que se trata do primeiro caso em que observei a sociabilidade virtual que foi transcendida para a sociabilidade no “mundo real”⁴⁹, o que em antropologia urbana sempre levou a denominação “face a face”, algo de que trataremos um pouco mais adiante.

Foi interessante notar que quando do início desta pesquisa a comunidade teve um crescimento extremamente significativo ao longo de cinco anos e, com este crescimento, houve também certa mudança no conteúdo das discussões. Ao buscar tópicos mais antigos, podemos notar que existe uma frequência maior de assuntos como preconceito e a relação das meninas com o futebol. Com o passar do tempo, estas discussões, ainda tão relevantes em outras comunidades, parecem ter sido “superadas”, e o futebol propriamente dito, o futebol masculino profissional jogado dentro e fora do Brasil passou para o foco das atenções:

A internet eh um espaço onde se pode expressar o q se sente sem medo de ofensas... uma liberdade maior pra se criar por exemplo um blog que uma menina fale somente de futebol, o qual pode ser muito frequentado en nenhum problema... (M., 17, torcedora do S.C. Corinthians P.)

⁴⁸ Em 19/07/2011, existiam 255.053 membros na comunidade.

⁴⁹ Compreendamos aqui que por sociabilidade “real” tratamos de uma relação que se dá com a presença física dos atores; isso porque o que pode-se concluir a partir das pesquisas que vêm sendo feitas acerca da sociabilidade através da *internet* é que ela não parece ser menos real ou significativa do que qualquer outra forma de relação, diferenciando-se apenas pelo fato de que a interação pode ser feita a qualquer distância.

É difícil precisar qual a razão para a ausência de tópicos desta natureza, se as mulheres e homens cujos valores são mais abertamente machistas ou porque, dentro do grupo “ativo” da comunidade gênero e preconceito não são uma questão. É como se falar de futebol fosse algo que não trouxesse o masculino incorporado, seja nas técnicas, nos gestos ou nas atitudes. No lugar-comum das discussões da comunidade, falar de futebol significa falar do futebol masculino profissional. O questionamento sobre ser ou não uma prática masculina praticamente não aparece e a distinção aparece quando se fala do mesmo esporte quando praticado por mulheres. “O Futebol” é o futebol masculino profissional praticado por homens; o futebol feminino é aquele praticado por mulheres, profissionais ou não. Assim, podemos perceber que no Brasil a noção de futebol como masculino aparentemente foi naturalizada, da mesma maneira como o voleibol foi naturalizado como uma prática feminina, como mostra Oliveira (2010):

É óbvio dizer que o futebol, no Brasil, é considerado um “esporte masculino”, “esporte de homem” e até mesmo pode soar como um pleonismo colocar as coisas nesses termos. E, por se tratar de um esporte muito popular, serve como paradigma comparativo para todos os outros. Dessa forma, a concepção e a classificação do vôlei como um esporte “para moças”, “de mulherzinha”, “feminino”, ganham sentido numa forma de pensar organizada pelo binômio masculino/feminino, na qual há uma evidente hierarquia entre os elementos [...]. (Oliveira, 2010: 76).

Hoje, a comunidade se apresenta como um fórum de discussão sobre futebol como qualquer outro, com o diferencial de o debate ser feito quase que exclusivamente por mulheres. Fala-se de contratações, resultados, bastidores e todos os outros assuntos relacionados a este esporte e torcidas que se poderia tratar em outras comunidades que não fossem específicas para mulheres. Qual seria então a diferença desta para outras comunidades em que homens e mulheres discutem futebol? Mais do que uma diferença na liberdade de expressão de fato, é uma “sensação de liberdade” por não ter a necessidade de ter um conhecimento profundo sobre o tema, apenas a vontade de exprimir uma opinião sem correr o risco de ser alvo de chacota por ter um conhecimento menos profundo ou “cometer um equívoco” qualquer.

O discurso hegemônico sempre coloca à prova o capital simbólico que está contido na fala sobre o jogo, ou seja, utilizar o vocabulário relacionado ao jogo é uma das diversas maneiras como a sua “competência” é colocada à prova. O discurso pretensamente técnico sobre o jogo é em si masculinizante e adquirir este capital simbólico significa estar apto a socializar-se no futebol masculino. Parece haver, especialmente no discurso dessas mulheres uma “verdade futebolística” no discurso que seria vazia de aspectos de gênero e a única maneira de fruir verdadeiramente o jogo, o que não me parece ser o caso. Sua fala tem mais a ver com formas de observar o jogo que não têm necessariamente a ver com o julgamento estético masculino (estético, pois apesar de se crer técnico, o que o torcedor de fato busca é a beleza do jogo). A fala propriamente dita sobre a liberdade em se discutir qualquer aspecto que seja do futebol fica quase ausente, pois a partir do momento em que é imposta uma série de regras que visa policiar os excessos preconceituosos e/ou masculinizantes, a questão parece ter sido superada, ou seja, a “liberdade” de se exprimir um discurso sobre o futebol é uma “liberdade vigiada” (Foucault, 2007) pelo grupo e que se limita à convivência dentro dele.

O resultado disso foi transcender essa relação para além da internet e promover os chamados *orkontros*, que nada mais são do que encontros de membros de uma comunidade. Esses encontros ocorriam inicialmente nos estádios, quando torcedores de uma determinada equipe iam juntos a partidas de sua equipe do coração, como me foi relatado:

Eu mesma só entrei nessa de organizada por causa do orkut... eu sempre fui torcedora de arquibancada mas não tinha espaço pra entrar na torcida pq não conhecia ninguém e ficava sem graça... mas com o orkut, a gente acaba conhecendo meninas com os mesmos gostos, que participam, que vão aos estádios e ae a gente acaba fazendo novo rol de amigos. (V., 35, torcedora do Clube de Regatas Flamengo e Membro da torcida organizada “Raça Rubro Negra”).

[...] Quando vou [ao estádio] sempre vou com um grupo de amigos Barangada e Anarquia. [...] saum grupo de amigos que se conheceram em um tópico da Comunidade do São Paulo, tópico chamado Bate Papo, eu os conheci em dezembro do ano passado, alguns se conhecem a mais tempo, desse tópico saiu duas comunidade Anarquia Tricolor e Barangas Tricolores, acabou acontecendo um vinculo de amizade entre as

comunidades e quando vamos ao Morumbi sempre vamos todos juntos.
(D., 18, torcedora do São Paulo Futebol Clube).

O depoimento de D. corrobora a idéia que o relacionamento se expande não apenas em outras comunidades, mas também na “vida real”, e cria uma teia de relações que vai além da sociabilidade básica da plataforma inicial. Isso se dá porque, como afirma Máximo, o conjunto de regras operante no ciberespaço não é inédito, mas são adaptações de formas de sociabilidade já conhecidas. A associação das formas de interagir com esse conjunto de códigos e regras é denominado cibercultura, que a autora define como “o conjunto de fenômenos culturais que acontecem no interior destes espaços ou que estejam relacionadas a ele” (*op.cit.*, p. 03).

No caso de V., por exemplo, frequentar as comunidades foi a via de acesso encontrada para a criação de um laço juntamente à torcida organizada Raça Rubro Negra; não se pode afirmar categoricamente que existe uma relação orgânica entre as comunidades e as torcidas, mas a sociabilidade pela internet possibilitou uma expansão das mesmas. Os *orkontros*, entretanto, não são uma exclusividade das mulheres. A mídia veicula já há alguns anos casos de torcedores de equipes rivais que marcam brigas pela Internet. Em 2010, a Operação Hooligans – referência a um tipo de torcedores ingleses, famosos pela violência dentro e ao redor de estádios – da Polícia Militar do Rio de Janeiro prendeu uma série de torcedores suspeitos de ligação com torcidas organizadas que praticavam a violência em jogos de futebol e que, na sua maioria, marcavam seus encontros através de páginas de relacionamento⁵⁰.

No caso da “Mulheres que amam futebol”, houve recentemente um outro tipo de encontro, voltado não apenas para a ida ao estádio, mas membros ativos da comunidade e “simpatizantes”, que encontraram-se para discutir pessoalmente não apenas as ideias debatidas na comunidade, mas qualquer tipo de assunto, como ocorre com membros de comunidades de todos os tipos. Este encontro já teve diversas edições regionais em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas gerais, além de duas edições nacionais, no Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Os encontros ganharam repercussão, inclusive com uma matéria no programa Esporte Espetacular da Rede Globo, que foi ao ar no dia 21/02/2010. O próprio título da chamada da matéria na página da emissora já era bastante sugestivo, como viemos

⁵⁰ Fonte: portal G1.com. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/09/presos-no-rj-integrantes-de-torcidas-que-marcavam-encontro-pela-internet.html> (consultado em 03/07/2011).

apontando ao longo deste trabalho: “Lugar de mulher é na...internet”. Na matéria, que teve a participação de duas repórteres mulheres – Luciana Ávila e Cristiane Dias –, juntamente com um dos comentaristas da emissora, Alex Escobar que afirmou nunca imaginar estar num ambiente daqueles, com tantas mulheres falando de futebol, afinal já na chamada era dito que o comentarista iria “conferir se elas entendiam mesmo do assunto”.



Imagem 2: Integrantes do “MAF” em reportagem do programa Esporte Espetacular. Foto: globo.com

Entretanto, ao contrário do que veiculou a matéria a pesquisa constatou que a presença de homens não apenas na comunidade, mas também nos encontros é cada vez maior. Eles têm assumido papéis mais ativos nas comunidades e vêm propagando a ideia de que a combinação mulheres e futebol, além de “aceitável” vem sendo cada vez mais desejável, como mostra a criação de comunidades de apologia a mulheres que se interessam por futebol, como é o caso da “Eu amo mulher que ama futebol”, comunidade criada por um homem, não moderada e de conteúdo aberto para não-membros:

Não existe nada mais bonito do que uma bela mulher vestida com uma camisa de clube ou seleção de futebol.

Se ela gosta do esporte, e ainda por cima, entende do jogo... maravilha!

Entende a regra do impedimento?

Vai ao estádio? Vibra no meio da torcida? Xinga a mãe do juiz?

Assiste jogo na TV e não fala besteira durante a transmissão? Putz...!

Esta comunidade é aberta a todos os homens que admiram as mulheres que gostam de uma boa partida de futebol.

Mulheres que se encaixam na descrição acima são mais do que bem-vindas também! (Comunidade “Eu amo mulher que ama futebol”).

Esta comunidade possui mais de 50mil membros e percebi que os tópicos inicialmente mais acessados eram aqueles associados a discussões sobre o desempenho de equipes, contratações de jogadores etc. Entretanto, estas questões foram dando lugar a outras que de alguma maneira se relacionavam com assuntos como beleza e feminilidade das torcedoras e não opiniões sobre futebol propriamente dito. Até o dia 27/12/2010, os tópicos “Qual a torcida feminina mais bonita” e “Mulher com camiseta de time” tinham 380 e 120 postagens, respectivamente. O último tópico me chamou a atenção por se tratar de inicialmente de uma menina questionando qual a opinião dos homens acerca do uso de camisetas dos times por mulheres, dúvida esta que foi respondida por homens e mulheres que, na sua maioria, concordavam com o uso. A questão passou a ser que mulheres ficavam ainda mais bonitas “conciliando duas paixões”, o clube de sua preferência e uma mulher bonita, como disse um dos usuários, mas preferencialmente usando os modelos especificamente femininos, por destacarem melhor as “formas”.

Fica claro, portanto, que as mulheres que acessavam essa comunidade primeiramente “compram” a ideia de que a mulher precisa sempre, em primeiro lugar, ser bonita e feminina, como se isso revelasse algum atributo para melhor poder falar do jogo. São homens e mulheres insistindo e reforçando estereótipos sobre a mulher, naturalizando a relação entre mulher e beleza em vez de manifestarem de fato tolerância em relação ao alargamento da percepção do futebol pelas mulheres de modo que a liberdade de gênero, mais do que algo que ocorre de fato é algo apenas aparente.

Observei também um tópico criado por um usuário *fake* sobre o “absurdo” da participação de mulheres no futebol. Visando manter sua identidade anônima, escrevia em um português que parecia ser propositalmente incorreto, dando um tom de chacota ao comentário preconceituoso:

Assim não dá!!!

A muierada istá abandonando as suas tarefas domésticas p/ acompanhar o futibol, como si fosseem homi, usa filhus istão ficandu abandonadus, s/ u carinhu maternal i sem educação, daí us problemas qui poassam nas

iscolas di ondi saem sem saber nada i aondi dispejasm todas as suasd frustrações, tudu pq? Purqui a muierada qué acompanhá us machus qui jogam futebol, ou ainda pior querem ser iguais us machus i jogá futebol tb. Issu teim di acabá i é pur issu qui temus essa muierada aí qui gostã di muié au invés di gostarem di homi!!! U mundu vai acabá mesmu!!!! Muierada vortem a cuidá di suas tarefas domésticas, não abandonem seus filhus, pilotem seus fugões com amor!!!! Inté, i saudações botafoguenses. [sic.] (Brad, usuário da comunidade “Eu amo mulher que ama futebol”).

Seu comentário suscitou, evidentemente, reações de homens e mulheres que discordavam de sua posição mas, diferentemente do que ocorre na comunidade Mulheres que amam futebol, não foram tão efusivas e nem o comentário levado tão a sério, não passando de oito postagens. Ao ver que não tinha obtido apoio, o usuário encerrou sua participação com o seguinte comentário:

Ocês são tudu burru mesmu, ieu é qui falu corretamenti comu iscrevu, essi negóciu di dexá a muierada ir a istádiu assisti futibol istá atrofiandu a menti di ocês i a muierada istá ficandu isperta, já nem querem mais arruamar a casa! Issu é um absurdu! Tem qui se proibidu a entrada di muié nus istádiu!!!! (Idem).

A diferença na reação dos outros usuários em relação a outras comunidades analisadas provavelmente tem a ver com o fato de que é uma comunidade com menos membros e com membros menos “militantes” na questão da participação feminina do que as outras. O próprio fato de ser uma comunidade não moderada e de conteúdo aberto possibilita esse tipo de manifestação, que não foi coibida de nenhuma maneira pelo dono da Mesma. Não se pode, todavia confundir essa ausência de uma atitude por parte do dono da comunidade com apologia ao preconceito, como ocorre em outras comunidades, como veremos a seguir.

Dentre aquilo que observei no *Orkut*, não foi surpreendente notar que existe também um grande número de pessoas que participam de comunidades que relacionam mulher e futebol de maneira preconceituosa como aquelas que objetificam a mulher como “Futebol, Pagode, Mulher e Cerveja”, ou “Futebol Mulher e Cerveja”; bem como comunidades que vinculam o preconceito contra a mulher dentro do futebol de qualquer

maneira, seja como profissional ou. A emergência de comunidades como “Mulher não entende de futebol” ou “Mulher e FUTEBOL não combinam” comprovam isso e são vistas como formas de os homens “desabafarem” contra essa incômoda presença em um espaço que considerado exclusivamente deles. A descrição de uma destas é bastante explicativa:

Se voce, homem, ta cansado de explicar pras mulheres o que eh impedimento toda vez q ta passanu jogo e ela aparece so pra da palpíte, se voce tem q explicar pras mulheres porque tem um homem vestido de preto no meio do campo que nao chuta a bola , se voce fika puto qndo seu time ta perdenu e ainda eh obrigado a ouvir coisas do tipo "nossa ja ta perdenu?!". "esse time seu eh ruim hen"... esse eh o seu lugar. mulheres tbm sao bem vindas... mas nao pra comenta sobre futebol uhahuahuahauha (Comunidade Mulher e FUTEBOL não combinam).

O trecho final da descrição na qual se afirma que as mulheres são bem-vindas é bastante interessante, pelo fato de ressaltar que, apesar de voltado para o público masculino, meninas que concordem com essa posição também têm seu espaço em comunidades como esta. É talvez o único espaço em que as meninas que não concordam com essa “presença feminina” no futebol podem se expressar com um pouco mais de liberdade. Cito como exemplo uma mensagem postada na mesma comunidade acima mencionada:

Acho que todo mundo vai me detonar por eu ser a única mulher nessa comuna de cueca mas enfim,eu tb penso que mulher e futebol não combinam.pelo menos do jeito que todo mundo tá a costumado a ver.uma coisa que eu acho extremamente ridícula é o maldito futebol feminino. putamerda será que essas "mulheres" que jogam não vêem que futebol não é e nunca foi feito pra ser jogado por uma mulher????[...] (J.).

Comentários como estes não são incomuns, principalmente porque são respaldados em comunidades como esta. O trecho mais “polêmico” e comentado do *post* é o que segue:

O problema de muita mulher é sempre se meter onde não é chamada, aí vem com essa desculpa de feminismo, as mulheres conquistando espaço na sociedade. querem conquistar espaço conquistem, mas tenham bom senso. dança do ventre é coisa de mulher e homem nenhum nunca foi se meter la então por que mulher quer se meter a jogar futebol??? (idem).

Isso mostra como as CMC's são mais uma maneira de se naturalizar e divulgar uma mentalidade hegemônica que decorre do próprio *ethos* da sociedade. Claro que é um tipo de comentário que gera reações por parte das mulheres que não concordam com esta posição, de modo que mesmo as mulheres que são alvo de preconceito participam destas comunidades com o intuito de criticar esta posição e gerar um debate. Curiosamente, muitos homens não creem que este tipo de posicionamento seja preconceituoso. O próprio criador da comunidade “Mulher não entende de futebol” me disse que criar uma comunidade como esta “eh um bobagem ..um espaço pras pessoas falarem o que pensam; fazerem piadas, nao eh pra machucar e nem ofender ninguém”, justificando que na própria descrição da comunidade diz que existem mulheres que entendem de futebol, mas como são a minoria, este espaço era dedicado ao assunto, não havendo motivações machistas ou preconceituosas, o que em si me parece contraditório.

A grande maioria das mulheres não busca estas comunidades para “se defenderem”, e só respondem a este tipo de comentário quando lhes é proferido diretamente. A ideia é interessante, pois você não precisa necessariamente “entrar na briga” a todo o momento apenas para defender seu ponto de vista e isso em si não torna essas mulheres menos ativas no combate ao preconceito. Sobre esta ideia, a jornalista Soninha Francine comentou o seguinte:

É um pouco não passar recibo, sabe? [...] Eu vou continuar fazendo o meu trabalho da melhor maneira possível. Porque se for um preconceito muito empedernido provavelmente não há nada que você possa fazer pra mudar ele.”

As mulheres encontraram no mundo virtual uma maneira de tentar provar que elas não se encaixam necessariamente nos comuns estereótipos de torcedora de modinha, maria-chuteira ou mulher-macho de que falamos anteriormente, ou mesmo nas formas sutis e não menos agressivas como essas que centram na relação beleza e futebol ainda que de modo

polido. O que o grupo deseja, na verdade, é uma forma de provar ao “mundo exterior”, que seu modo de ser está bem além dos grupos que frequentam; o que acontece é que elas realmente gostam, se interessam, e entendem de futebol. Muitas das entrevistadas afirmaram que existia um número muito pequeno de homens com quem podiam discutir futebol e que a Internet possibilitou acesso a pessoas para as quais não precisam provar-se merecedoras de sua atenção.

Observa-se, portanto, que existe uma série de atitudes internalizadas por homens e mulheres que traz, ao menos na aparência, a aceitação de que mulheres podem e devem tomar parte em determinado aspecto da fruição do futebol. Entretanto, quando se observa práticas e posturas que vão além do discurso, as aparências dão lugar à visão androcêntrica de que as mulheres devem se comportar de uma determinada maneira – seja na fala, nos gestos, nas atitudes – independentemente de onde estejam. Assim, a mulher que vai ao estádio não pode gritar ou falar palavrões, pois no domínio torcedor elas têm de assumir posturas coletivizadas e sóbrias de torcer.

Percebemos que, na realidade, não se aceita que as mulheres possam/devam/consigam observar, compreender e de fato se apaixonar por uma equipe ou pelo próprio jogo, ou pelo menos não a ponto de se confundir a prática dos gêneros. Quem determina estas regras certamente não são as mulheres que se assumem como apaixonadas pelo futebol. Para além do preconceito, que é facilmente excluído do discurso, nossa hipótese é que o futebol é visto sim como uma prática masculinizada e masculinizante e a “maneira masculina de torcer” (se é que esta existe) seria a única forma “correta” ou aceitável de torcer e, exatamente por ser masculina, sempre deve ser interdita às mulheres de alguma maneira.

Capítulo 2 – Brasil x Argentina

2.1 – Dois países, uma paixão

A literatura em Ciências Sociais, notadamente a Sociologia e Antropologia, vem tratando há algum tempo a temática do futebol tanto no Brasil quanto na Argentina, em especial no que tange a importância deste esporte para a constituição do que se vem convencionando chamar um *ethos* nacional próprio que traça paralelos entre este *ethos* e os respectivos estilos de jogo de cada país.

Assim como no Brasil Pelé é considerado um atleta no qual não haveria parâmetros comparativos, representado como “O Rei”, aquele que personifica com maestria muito daquilo que idealmente se entende como constitutivo das características de um futebol algo semelhante ocorre na Argentina com a figura do “Pibe de Oro”, Maradona. Segundo Archetti (2003), a popularidade do futebol na Argentina em muito se deve ao fato deste esporte trazer à tona os talentos historicamente “naturalizados” dos argentinos – como coragem, rapidez de percepção e presteza –, além de poder ser praticado por jovens de todas as classes sociais (Archetti: 2003, 80).

Segundo o autor, os argentinos falam de uma síntese mítica do estilo argentino de jogar que passa pela transformação do jogo inglês em um estilo chamado *criollo*⁵¹, nascido do contato entre jogadores italianos, espanhóis e nativos, pois “la identidad nacional en el fútbol pertenece a los hijos de los inmigrantes no-británicos: es una forma cultural creada al margen del criollismo nacionalista” (*op. cit.*, pág. 99).

Assim como se crê ter ocorrido com o estilo brasileiro, deixa-se de lado a disciplina tática do futebol coletivo inglês em nome da primazia de um estilo mais individual, ágil, vistoso, com o drible e a “gambeta”, características não apenas dos jogadores de ataque, mas também da defesa. Essa oposição era, para os argentinos, representativa da oposição entre o inglês industrial, trabalhador da máquina e da repetição, e o argentino *criollo* pré-industrial, inventivo, habilidoso, afinal um drible, por exemplo, não é algo que se possa prever ou programar. Ele é parte da improvisação:

El fútbol en la Argentina se considera opuesto a la disciplina escolar. El proceso de criollización implicó un viraje de la escuela a la

⁵¹ *Criollo* aqui é entendido aqui no sentido “nativo” como filhos de imigrantes italianos e espanhóis. Segundo Archetti “los hijos de inmigrantes ‘ingleses’ nunca fueron considerados como criollos, y no transformarse en criollos por jugar al fútbol” (idem, p. 92).

calle y de lo británico a los nuevos híbridos, productos de la inmigración no británica. En este sentido y contra los valores de coraje y fuerza de voluntad, los jugadores de fútbol argentino representan casi lo opuesto: fueran descritos como sensibles, artísticos y grandes improvisadores. [...] los jugadores argentinos representaban algo distinto para los europeos, como ya lo he explicado antes: la encarnación de la gambeta y el individualismo extremo (*Op.cit.*: pág. 109).

Mais que isso, apesar de descenderem de europeus, os argentinos teriam entrado em contato com “substâncias argentinas únicas” que possibilitaram a criação de um estilo único que difere do espanhol ou italiano.

Este estilo acabou por criar um tipo de jogador que veio a ser conhecido como *pibe*. O *pibe* é o jogador ideal, nascido nos “*potreros*” ou estábulos – “territorios donde la libertad y la creatividad se pueden experimentar” –, que desenvolve “naturalmente” as características do futebol argentino, sem ter necessariamente algum tipo de instrução ou treinamento. São os mestres da *gambeta*, que veio a ser entendida como um produto nacional de exportação⁵². O *pibe* seria um jovem de cara suja e cabelos soltos que mesmo ao atingir a idade adulta, nunca perde a sua jovialidade. É geralmente um jogador pequeno, habilidoso e dotado de sensibilidade artística, vulnerável, que não precisa ser, necessariamente, portador de um corpo atlético e forte.

Isso fica muito claro e pode ser encarnado na figura do “Pibe de Oro” Diego Maradona. Descoberto ainda criança, este ícone máximo do futebol argentino era admirado como a jóia preciosa da nação. Além da primorosa maneira de jogar, ele encarnava o estilo físico (pequeno, não tão atlético) e de vida típico de um *pibe*: exagerado, indisciplinado e caótico. O heroísmo das vitórias na Seleção Nacional⁵³ não é apagado pelos seguidos fracassos na vida pessoal – como a sua dependência de drogas como a cocaína – pois esse comportamento imaturo é algo que ele jamais negou, mesmo porque é parte daquilo que se espera de um *pibe*:

[...] un pibe perfecto es creativo, se siente libre de fuertes sentimientos de culpa, es autodestructivo y con el tiempo, un mal ejemplo moral para los demás jugadores. Consciente de esto, Maradona siempre

⁵² Assim como ocorreu com o futebol brasileiro, isso se torna ainda mais verdadeiro quando os primeiros jogadores argentinos passam a ser contratados por equipes européias.

⁵³ Maradona foi campeão mundial duas vezes, uma na seleção de juniores e uma na Copa do Mundo de 1986, disputada no México.

sostuvo que él no era un ejemplo moral para los demás jugadores o para los chicos (idem, pág. 248).

Ao contrário de Pelé, que sempre foi um exemplo de “bom moço” a ser seguido, Maradona teve – e tem – um estilo que mais se assemelha ao de Garrincha, um malandro que beira alguma marginalidade, tido por mau exemplo, sedutor e revelador de características que nos são tão caras.

Entretanto, mais do que a semelhança nas maneiras como o futebol é encarado nestes dois países, o que fica claro é que existe uma figura que é praticamente excluído desta construção simbólica em torno desses heróis históricos mitificados: a mulher. Todo o embaralhamento hierárquico que DaMatta supõe ao definir o sistema ritual brasileiro⁵⁴ fica quase que restrito a inversões que são da ordem das classes sociais, havendo uma constante manutenção das relações entre os sexos e das práticas generificadas. No universo do futebol essa relação se mantém seja a mulher praticando ou simplesmente torcendo por um time ou pela seleção.

No caso especial das torcidas, apesar de uma considerável quantidade de trabalhos densos terem sido produzidos⁵⁵ pouco tem sido feito a título de comparação sobre os estilos do torcer em cada um destes países, e evidentemente, o caso das mulheres torcedoras não é diferente. Os trabalhos de Toledo (1999) e Alabarces (2006) oferecem amplos panoramas sobre as formas de torcer no Brasil e Argentina, respectivamente. Retratam as torcidas organizadas ou “barras”, no caso argentino, e relações com a mídia, a polícia, política etc:

Hacia fines de los 90, entendimos que debíamos privilegiar, en el marco amplio de la cultura futbolística, los fenómenos relacionados con la violencia; comenzamos a indagar en profundidad a las hinchadas argentinas, interrogando sus prácticas, sus articulaciones en identidades poderosas, y a la vez los modos en que eran convocadas y representadas en los medios de comunicación. (Alabarces, 2006:10)

⁵⁴ Para DaMatta, a possibilidade de vivenciar um personagem que se experimenta no Carnaval, é uma chave privilegiada de compreensão, pois “é por meio do rito que se podem atualizar estruturas de autoridade, permitindo situar, dramaticamente e lado a lado, quem sabe e quem não sabe, quem tem e quem não tem, quem está em contato com os poderes do alto e quem se situa longe deles” (DaMatta, 1997: 31).

⁵⁵ Cf. Toledo (1996), Alabarces (2005), entre outros.

Estes trabalhos, entretanto, não se cruzam, e as semelhanças e diferenças entre os dois países ficam mais por conta do senso comum do que de um trabalho propriamente analítico.

O que me parece claro é que tanto no Brasil, quanto na Argentina, o futebol ocupa papel central em relações sociais e políticas, seja no nível da administração das respectivas confederações e clubes, ou no nível do olhar de profissionais e torcedores. É possível traçar um processo de formação de identidades a partir do futebol e, mais precisamente, a partir do que significa ser um torcedor em ambos os países, mas trata-se de identidades nacionais e masculinas por excelência. Falamos aqui o que significa ser um torcedor, homem, heterossexual e aficionado por futebol.

Portanto, o feminino não fica apenas obliterado da análise, mas da própria idéia de que esta construção possa ser qualquer coisa que não masculina, como mostra, por exemplo o trabalho de Archetti, de que falamos acima. Afinal, se as mulheres não são de uma raça futebolística e têm tantos empecilhos à participação como torcedoras, não é de se espantar que a importância e notoriedade que os feitos das mulheres não alcancem a mesma repercussão que os homens. Trataremos desta questão a seguir.

2.2 – Novas paixões: mulheres podem resgatar o “orgulho nacional”?

Uma questão que me chamou a atenção é maneira pela qual o futebol – e como veremos, o esporte de uma maneira geral – opera como articulador da idéia do “orgulho nacional”. A seleção nacional da Argentina foi para a Copa do Mundo de futebol de 2010, disputada na África do Sul, e era tida pela imprensa como uma das favoritas, especialmente por contar com estrelas como Lionel Messi, eleito pela FIFA o melhor jogador do mundo em 2009 e 2010. Entretanto, o elenco estrelado liderado por Maradona não foi suficiente para garantir a conquista do título, de modo que a equipe que representaria o mais alto nível do esporte mais popular do país voltava para casa após uma humilhante derrota para a Alemanha, sem sequer conseguir uma vaga nas semifinais. Maradona foi ovacionado em seu retorno a Buenos Aires, mas isso não tiraria por si só o gosto amargo de mais um fracasso no mundial.

As esperanças estavam agora com uma boa participação da seleção masculina de basquete no mundial disputado na Turquia. A seleção, que chegava para o campeonato com uma equipe forte e, apesar de não passado da quinta colocação, o balanço do campeonato

parecia ser positivo⁵⁶, a recepção aos jogadores foi calorosa, como afirmou o técnico Sergio Hernández:

Los triunfos de los seleccionados mantienen contenta a la gente, pero en nuestro caso se nota que es distinto. Emociona ver la identificación que hay con este equipo, algunos no saben en qué puesto terminamos pero vienen igual a reconocer que jugamos por amor a la camiseta⁵⁷.

O amor à camisa que tanto se cobra da seleção de futebol é reconhecido neste momento pelos entusiastas do basquete, mas isso não seria suficiente para apagar a marca deixada pela derrota no mundial da FIFA.

Isso só viria a ocorrer de maneira inusitada, no mundial de Hóquei na grama feminino, disputado em Rosário em 2010⁵⁸. Com uma equipe que contava com a melhor jogadora do mundo Luciana Aymar e uma campanha sólida durante toda a competição, “Las Leonas” levaram o título após uma sequência de bons resultados em outros campeonatos, o que só engrandecia ainda mais esta conquista. O curioso foi o apoio popular que elas foram ganhando durante a competição.

Desde o início do campeonato a audiência que vinham conseguindo pela televisão aberta chegava a rivalizar com o futebol doméstico, mas conforme iam avançando no certame alcançaram picos que nem as equipes mais populares do futebol alcançavam, chegando a superar em pontos inclusive uma partida da seleção nacional, arrebanhando 14mil torcedores e 20.6 pontos de média de audiência na final contra a Holanda no sábado de 11/09/2010, alcançando pico de 27.1 enquanto a partida mais vista do campeonato nacional até aquele momento, entre Godoy Cruz e Boca Juniors chegava a 17.9 e o

⁵⁶ Após o jogo com a Espanha, que foi encarada como uma verdadeira final, os diários esportivos trataram os jogadores como verdadeiros heróis, como afirma em sua coluna o jornalista Leo Gutiérrez do diário Olé: “Estamos súper contentos porque hemos hecho un tremendo torneo en Turquía. La única mancha fue contra Lituania, porque no jugamos bien y nos encontramos con un rival inspirado. Nunca pensamos en perder de esa forma. Va a doler siempre. Nos volvemos a casa conformes aunque queda algo de bronca por el cruce de cuartos de final. Tranquiliza el juego que mostramos en los dos últimos partidos y el quinto puesto que conseguimos cura un poco esa herida. Lo importante es que nos mantuvimos en lo más alto del básquet mundial” [http://www.ole.com.ar:80/mundial-basquet/argentina/tremendo-torneo-sola-mancha_0_334766629.html, consultado em 10/11/2010].

⁵⁷ Entrevista concedida ao diário esportivo Olé, disponível em http://www.ole.com.ar:80/mundial-basquet/argentina/Bienvenidos_0_335366537.html - consultado em 10/11/2010

⁵⁸ Dentre os esportes praticados na Argentina, o futebol é certamente o mais popular. Entretanto, entre as mulheres o hockey sobre a grama é o esporte mais popular. Em pesquisa realizada pelo Diário Olé, são mais de 40.000 mulheres cadastradas (entre aquelas que jogam em clubes e colégios) e estima-se que existam ainda mais de 10.000 não cadastradas. São 27 entidades distribuídas por todas as províncias. Está também, segundo o vice-presidente da Confederação Argentina de Hockey Sobre a Grama, entre os esportes mais praticados pelos homens, atrás apenas do basquete, rugby e tênis.

amistoso entre Argentina e Espanha um modesto 11.0⁵⁹. O que significa que a final com “Las Leonas” fora vista por mais de 7 milhões de pessoas, já que cada ponto do *rating* equivale a cem mil espectadores, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Audiência do Mundial de Hóquei na Grama Feminino⁶⁰

Partida	Audiência em pontos	Audiência em telespectadores
Argentina x África do Sul	9.8	980 mil
Argentina x Coreia	8.8	880 mil
Espanha	4.4	440 mil
China	9.9	990 mil
Inglaterra	9.1	910 mil
Alemanha	13.3	1.330 milhão
Holanda	20.6	2.060 milhões
Média do campeonato	10,85	1.085 milhão

Capas de jornais e revistas, pôsteres e matérias durante mais de uma semana trouxeram matérias que iam desde análises das partidas até biografias e curiosidades sobre as “chicas” que eram a nova mania nacional; lojas de material esportivo vendiam o uniforme oficial da equipe que era o assunto por todo o país, mas qual a razão de tamanho sucesso de um esporte que tradicionalmente não tem este tipo de apelo popular?

⁵⁹ Fonte: Diario Olé online, http://www.ole.com.ar/fuera-de-juego/Pasion-multitudes_0_334166702.html (consultado em 14/11/2010).

⁶⁰ Os dados se referem à Capital e Grande Buenos Aires. Fonte: Ibope.



Imagem 3: “Las Leonas” cercadas por torcedores em frente ao Monumento à Bandeira, em Rosário. Foto: Alejandro Guerrero – Diario Olé

Poderia ser pela beleza ou por usarem saias, como se pode notar estampado em alguns jornais⁶¹, ou até por serem simpáticas e carismáticas; o que nos parece, entretanto, é que foi pelo fato de terem conquistado o campeonato mundial em casa, após um considerável número de campanhas bem-sucedidas, inclusive em jogos olímpicos, que a atitude de gritar “hay que saltar por las leonas, el orgullo nacional” ganha novo sentido. Diferentemente do que acontece usualmente no esporte argentino, são mulheres, disputando um esporte que, como dissemos anteriormente, tinha até então pouco apelo popular na construção do nacionalismo esportivo daquele país acabando por ocupar o lugar que tradicionalmente era do futebol masculino.

Não podemos evidentemente afirmar que se trate de uma inversão de papéis que sustenta e naturaliza o lugar de homens e mulheres na hierarquia dos gêneros, mas talvez um significativo indicativo de novo “rearranjo” de determinados valores que sustentam historicamente uma identidade marcadamente masculina, que demonstra que o resgate do “orgulho nacional” através do esporte é de tamanha importância que possa ser acionado por modalidades e por mulheres com menor projeção simbólica no universo esportivo e não apenas por intermédio do futebol, sobretudo o futebol praticado por homens, uma arena tão marcadamente masculina e popular que está arraigado como parte daquilo que os próprios argentinos entendem como sua identidade nacional.

⁶¹ O diário Clarín, um dos mais populares da Argentina, foi um dos que deram destaque à vitória das “Leonas”, estampando matérias como a “Súper Leonas”, publicada em sua página na Internet em 12/09/2010. Disponível em: http://www.clarin.com/deportes/hockey/Super-Leonas_0_334166758.html

Creio ser algo semelhante ao que ocorreu recentemente no Brasil, no caso dos Jogos Pan-americanos de 2007, disputados no Rio de Janeiro. Em uma retrospectiva daquele ano, realizada pelo site *Gazetaesportiva.net*, estava claro que aquele havia sido um ano muito especial para o futebol feminino brasileiro. Como foi dito nesta e em muitas reportagens publicadas à época, após o fracasso da Seleção masculina na Copa do Mundo realizada no ano anterior na Alemanha, além da pífia campanha e precoce eliminação no próprio Pan do Rio, ficou a cargo das mulheres trazerem de volta esta sensação de orgulho nacional que tanto se esperava dos homens.

A campanha teve início com quatro goleadas na primeira fase, o que inicialmente não foi suficiente para atrair o público para as arquibancadas, um quadro que foi mudando nas fases seguintes e culminou com um público de mais de quase 70mil torcedores para assistir à final contra os EUA no Maracanã. As brasileiras conquistaram a medalha de ouro em uma irretocável campanha na qual não perderem nenhuma partida e não tomaram sequer um gol; foram 33 gols marcados e, se o hóquei na grama argentino tem Luciana Aymar, o Brasil tem em campo Marta, eleita a melhor do mundo por duas vezes até 2007⁶² e autora de 12 gols no Pan.

Do público presente no Maracanã, a maioria era composta por mulheres e crianças, mas com significativa participação de homens que, quando entrevistados antes do jogo diziam nunca terem imaginado que pagariam para ver mulheres jogando, que não tinham interesse no futebol feminino de uma maneira geral, mas que mesmo assim foram prestigiar a Seleção. O que se viu após a partida foi, contudo, um cenário bem diferente. Homens afirmavam contentes por não terem pago para ver o futebol masculino, declarando que aquilo sim era futebol arte e que gostaria de ter Marta jogando por sua equipe⁶³.

⁶² Em Janeiro de 2011, Marta recebeu o título de melhor jogadora do mundo de 2010 pela FIFA; foi a quinta vez que a jogadora recebeu o prêmio.

⁶³ Fonte: “Como nos bons tempos”. *Jornal O Dia*. Rio de Janeiro, 27/07/2007.



Imagem 4: Marta recebe o prêmio de Melhor Jogadora de Futebol do Mundo da FIFA pela segunda vez consecutiva em 2007. Foto: globoesporte.com

Marta atuava na época no futebol sueco, sendo posteriormente transferida para os EUA e atualmente tem contrato com o Santos. Entretanto, é uma exceção, pois a maioria das jogadoras da Seleção não joga no Brasil, já que até 2007 não existia uma liga profissional nacional. Seria por falta de interesse por parte das mulheres? Certamente que não. Uma pesquisa que veio a ser conhecida como “Dossiê Esporte”, encomendada pelo canal *SporTV*, o brasileiro é bastante adepto das práticas esportivas, sendo que o futebol não fica muito atrás das outras modalidades em relação ao número de mulheres que o têm como a prática preferida. Se o futebol representa 54% no total de esportes praticados, sendo destes 8% as mulheres, esse número é maior do que os 6% que praticam o ciclismo, 4% que praticam a natação, 3% o basquete, sendo apenas ultrapassado pelos 14% do vôlei.

Concordo, nesse aspecto, com a jornalista Soninha quando esta afirma que se o futebol masculino, como negócio, tem visto a mulher torcedora como um novo mercado, o futebol feminino não é, em si, um “bom negócio”, nem mesmo quando o esporte está em destaque:

Por que você tem momentos de destaque, no Pan-Americano, Olimpíada, de Copa do Mundo, de Mundial Feminino, você podia aproveitar. Mas aí não é nem só no futebol. você tem em vários momentos um atleta que participa de propaganda, de desodorante, de relógio, de tênis. A jogadora de futebol não. A Marta, brasileira, foi eleita a melhor jogadora do mundo! Poxa, ninguém faz um comercial com a Marta? Ela não vive só na Suécia, ela vem uma hora pro Brasil visitar a família. Ninguém fez um comercial de carro, de biscoito, margarina, iogurte... então quem deveria estar preocupado com o lado do esporte não se preocupa, e quem olha só

pro lado do negócio também não vê muito atrativo nas mulheres, é muito triste. (Soninha).

Vemos assim que 2007 foi um ano emblemático para o futebol feminino brasileiro, que ainda fez uma excelente campanha no mundial daquele ano. Assim como parece ter ocorrido com o hóquei na grama feminino na Argentina, a boa campanha teve grande visibilidade e foi amplamente celebrada pelos torcedores e pela mídia como a conquista que os homens não lograram obter no esporte como uma forma de resgate do “orgulho nacional”.

Ocorre que, se por um lado podemos observar que existem determinados momentos em que mulheres podem ser responsáveis por esse resgate do orgulho em países em que os valores estão profundamente arraigados na questão da construção da masculinidade, inclusive e especialmente através do esporte, temos também de notar que isso se deu em contextos bastante específicos que seguiam derrotas igualmente emblemáticas por parte dos homens, como foi o caso da Copa do Mundo de 2006 para o Brasil e a Copa do Mundo de 2010 para a Argentina. Nesse sentido, temos que a questão passa a ser o legado deixado por cada uma destas conquistas, avaliando se elas inserem a questão da construção de certa masculinidade em um contexto mais amplo, como não parece ser o caso. A seleção feminina que disputou o Torneio Cidade de São Paulo em dezembro de 2010 não lotou o estádio do Pacaembu em pleno domingo à tarde como ocorreu com o Maracanã em 2007. Caberia observar como isso se dará no caso argentino, mas me parece que processo semelhante começa a ocorrer.

O que podemos concluir, portanto, é que o tal “orgulho nacional” esportivo pode ser resgatado por mulheres apenas quando os homens falham. A questão nacional, cuja importância parece já se encontrar estabilizada no imaginário coletivo; a necessidade de vitória é maior do que a questão de gênero, que em momento nenhum é colocada ou problematizada. Mulheres podem dar orgulho também, ainda que momentaneamente, mas essa é uma prerrogativa essencialmente masculina e jamais será substituída por qualquer conquista feminina. Essa percepção masculinizante de identidade nacional não é colocada em xeque ou embaralhada, mas muito pelo contrário, as características **masculinas** das mulheres é que são exaltadas (uma atleta guerreira, ou a definição de Marta como “Pelé de saias”).

A resposta à pergunta proposta no título deste item parece assim ser que a conquista de um espaço nacional de determinadas modalidades esportivas por parte das mulheres é

um processo lento e que ocorre em contextos bastante específicos, ainda insuficientes para uma mudança de maior envergadura e significativa apenas em um estreito espectro de possibilidades de inserção em outros campos.

Parte II – As profissionais do esporte

Tratamos até aqui de um ponto de vista bastante específico de se observar e fruir o futebol, o das torcidas, que traçam narrativas e interpretam o futebol de uma maneira distinta dos outros atores de que trataremos a seguir. Esta separação em diferentes pontos de vista parte, como afirmamos anteriormente, da pesquisa de Toledo (2002), e que não é feita ao acaso:

Cheguei a esta proposta de modelo analítico, reconstituindo com base nessa generalização (*profissionais, especialistas e torcedores*) alguns níveis e sentidos que encerram a relevância deste futebol que se reconhece como ‘brasileiro’. [...] Trata-se, portanto, de uma divisão simbólica (recorrente, porém sempre instantânea, pois da ordem da temporalidade ritual) que possibilitou apresentar, para efeitos de organização do material e de indagações teóricas, um princípio classificatório de uma dinâmica cultural extremamente complexa que é o futebol na manutenção do futebol como índice identitário (Toledo, 2002: 27).

A partir disto, entendendo profissionais como aqueles que atuam diretamente no jogo e buscam resultados e especialistas como aqueles que produzem um discurso específico sobre a sua prática, não podemos deixar de imaginar que existe também uma série de mulheres que atuam nestas áreas e que tiveram suas dificuldades e estratégias para sair da periferia ao centro do universo futebolístico masculino.

Capítulo 3 – Dentro de campo

Neste capítulo, tratarei das profissionais diretamente envolvidas com o esporte de duas formas distintas: dentro de campo ou nos bastidores. Aquelas envolvidas nos bastidores dos clubes, especificamente naquilo que tange a preparação dos atletas em seu cotidiano. Trata-se das psicólogas, responsáveis por aquilo que se define como preparação mental e emocional dos jogadores. As outras profissionais de que trataremos neste capítulo são aquelas que compõem o grupo dos árbitros e auxiliares de arbitragem que vêm ganhando destaque e importância cada vez maior futebol.

3.1 – As psicólogas

Um dos aspectos fundamentais quando se trata dos profissionais envolvidos no futebol profissional é o treinamento e preparação dos jogadores propriamente ditos. Como mostram Toledo (2002), Damo (2007), Palmiéri (2009), entre outros, os jogadores brasileiros que antes se transferiam para o exterior o faziam por conta de seu talento e nível técnico,

Outras demandas podem ser observadas atualmente no que concerne às qualidades socialmente prestigiadas esperadas nesses atletas, tais como capacidade de adaptação em outras culturas, disciplina e manutenção técnica do saber futebolístico, pontualidade, assiduidade (Toledo, *op.cit.*, p.136).

Para tanto, o papel dos centros de treinamento, ou CT's passou a ser extremamente importante no que concerne a lapidação das características físicas, mentais e profissionais que fossem adequadas àquilo que se espera de um atleta profissional para além de suas qualidades técnicas. Os centros de treinamento, tal como os conhecemos hoje, é algo relativamente novo. A separação entre o espaço de jogo e o espaço de treino, que acabou por profissionalizar a maneira como os atletas se preparam, e é algo que surge no Brasil apenas na década de 1980. Com isso, a preparação e adestramento dos atletas ganha uma importância maior do que se observava anteriormente, aumentando a qualidade desta preparação e separando os jogadores do assédio das torcidas.

O trabalho de Palmiéri (2009) mostra que a entrada nos CT's de grandes clubes, como São Paulo F.C. ou S.E. Palmeiras é extremamente controlada, ninguém tem seu acesso liberado antes de ser cadastrado na única via de acesso ao CT e seguranças acompanham o tempo todo a movimentação em todos os setores do local. Em seu trabalho sobre a valorização e circulação de jogadores de futebol profissional, ele mostra que existem diversos fatores para além do talento que influem na maneira como um jogador é valorizado:

O cuidado com a alimentação, o comportamento durante o período de folgas e até mesmo a dedicação aos estudos foram sempre lembrados por dirigentes, agentes e até mesmo por jogadores [...]. Como dissemos acima, a estrutura do clube é muito importante, assim como o crédito que ele possui no universo do futebol brasileiro e até mundial. Aqueles que oferecem mais ao atleta são comprovadamente os maiores e mais vencedores clubes e, conseqüentemente, os que mais revelam jogadores. (Palmiéri, 2009: 110).

Toledo mostra ainda que a não-adaptação de diversos atletas especialmente no mercado europeu culminou na valorização destas características, o que demandou um investimento ainda maior nos centros de treinamento e preparação e a valorização de profissionais que de coadjuvantes passaram ao primeiro escalão nas comissões técnicas, como fisiologistas, fisioterapeutas e, mais recentemente, nutricionistas, psicólogos e até assistentes sociais.

Dentre as mudanças advindas desta profissionalização, podemos citar o questionamento⁶⁴ da eficácia das “concentrações”, momentos pré-jogo em que os atletas eram confinados com o objetivo de afastá-los de estímulos e contatos que estivessem para além do futebol, algo quase como uma “terapia de grupo” que visa, junto com outras técnicas, amoldar não apenas o corpo, mas o “espírito” do jogador às novas demandas. Entretanto, segundo o autor, as concentrações foram aos poucos (mas não completamente) sendo substituídas por métodos mais “psicológicos”:

⁶⁴ Este questionamento aparece, sobretudo, num movimento chamado “democracia corinthiana”, um movimento que teve início em 1983 numa disputa para eleger os novos diretores do clube. Um exemplo muito claro da opinião dos jogadores em relação especificamente às concentrações pode ser visto em uma declaração do ex-jogador Sócrates ao diário esportivo *Lance!*: “Nada é mais banal e letárgico que esse tipo de aprisionamento a que os jogadores são submetidos. Quais os motivos para a existência das concentrações? Evitar que os atletas se excedam em bebedeiras, noitadas ou mesmo relações sexuais? Na verdade, é mais uma conduta paternalista que persiste, levando, ao contrario do que se pensa, uma perda de concentração e de motivação, porque, estando os jogadores fora de seu hábitat natural, o sentimento corrente é de sonolência, mau humor e relaxamento, que em nada favorecem em suas performances [...] com esta prática, estamos reforçando a mentalidade juvenil, tornando nossos ociosos atletas em especialistas em jogos de carta e diminuindo a força anímica fundamental para este esporte” (*Lance*, 12/3/1998 *apud* Toledo, 2002: 144-145).

São valorizadas as palestras e atividades que versam sobre auto-ajuda e “inteligência emocional” como aditivos psicológicos na manutenção da motivação dos atletas para o convívio em grupo e preparação para as competições. Trata-se, na verdade, de uma outra configuração que, se não depende mais exclusivamente do confinamento nas concentrações como fundamentais para manter a disciplina dos jogadores, impõem-se a eles outros expedientes igualmente inibidores e disciplinadores. [...] Desse modo, o papel e ascensão dos psicólogos ou ainda outros profissionais difusamente identificados como ‘preparadores mentais’ fazem parte deste corolário de novas necessidades na preparação dos jogadores (Toledo, *op.cit.*, págs 146 e 147).

Trataremos aqui de três destas profissionais que vêm trabalhando já há algum tempo em clubes de grande expressão: Regina Brandão, Maria Helena Rodrigues e Suzy Fleury. O trabalho destas profissionais foi acompanhado durante a pesquisa primeiramente através de sua repercussão na mídia, por reportagens e entrevistas, sendo que pude realizar entrevistas diretamente com Suzy Fleury e Maria Helena Rodrigues.

Regina Brandão tem pós-graduação em Psicologia do Esporte pelo Instituto Superior de Cultura Física de Havana – Cuba. É mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (RS) e doutora em Ciências do Esporte pela Unicamp, São Paulo. Trabalha na área esportiva desde 1989, quando foi convidada para fazer avaliação psicológica e assessoria às atletas da seleção brasileira juvenil de vôlei feminino, então comandada pelo treinador José Roberto Guimarães. Seu trabalho com futebol profissional iniciou-se em 1995 no São Paulo F.C., trabalhando também com o S.C. Internacional de Porto Alegre, Grêmio FBPA, Santos F.C., e na S.E. Palmeiras com o técnico Luiz Felipe Scolari, com quem atuou na campanha do pentacampeonato na Copa do Mundo de 2002, além da preparação da seleção portuguesa de futebol para a Eurocopa 2004 e Copa do Mundo 2006.

Considerada por muitas pessoas uma das mais prestigiadas psicólogas do esporte nacional, ainda mais especificamente no futebol, Suzy Fleury é outra profissional que atuou em grandes times do futebol brasileiro e até com a Seleção. No entanto, ingressou na área esportiva um pouco por acaso a convite de Wanderley Luxemburgo, que a conheceu quando fazia trabalhos motivacionais especialmente com empresários. Dentre os trabalhos

mais expressivos com o futebol masculino, podemos destacar o trabalho com a seleção brasileira olímpica e profissional comandada pelo próprio Luxemburgo, além do Clube Atlético Paranaense, na época comandado por Geninho, e que foi o Campeão Brasileiro em 2001, além de Corinthians Paulista, Palmeiras, Santos, do Clube Atlético Mineiro e Goiás. Hoje, por motivos pessoais, faz apenas trabalhos que ela mesma chama “emergenciais”, em vez de trabalhar com um clube específico.

Finalmente, temos Maria Helena Rodrigues, que trabalha no C.R. Vasco da Gama há mais de vinte anos, também conhecida pelo trabalho que fez com a seleção brasileira de futebol feminino a preparação para os jogos olímpicos de Atenas em 2004, no qual conquistaram a medalha de prata.

Todas estas profissionais têm em comum a passagem por grandes clubes do futebol brasileiro, em trabalhos de maior ou menor duração, que consistem numa série de técnicas e métodos que visam extrair do jogador todo o seu potencial e maior rendimento possível dentro de campo, mas a partir de questões que vão muito além das quatro linhas.

Algumas destas técnicas foram resumidas por Maria Helena Rodrigues da seguinte maneira: Anamnese individual; Avaliação Psicológica; Avaliação Sociométrica; Dinâmicas de Grupo; Reunião com a Comissão Técnica; Palestras Informativas; Atendimento individual ao atleta e a família; Acompanhamento a treinos e jogos; Estratégias Motivacionais (vídeos e filmes); Devolução do resultado da Avaliação Sociométrica para a equipe e Comissão Técnica. Devolução da Avaliação Psicológica para cada atleta Técnicas de relaxamento e Treinamento Mental. As questões mais trabalhadas são: pressão familiar (conflitos, separação, alcoolismo) a relação com os empresários; as facilidades que os atletas tem nas noitadas.

A maneira pela qual se dá o trabalho de Maria Helena na prática também pode ser observada no livro do treinador René Simões sobre o trabalho com a Seleção Feminina de Futebol em 2004:

Os relatórios de análise psicológica de cada atleta eram discutidos pela Comissão Técnica, e estabelecíamos estratégias na aplicação de terapias para a melhora da jogadora. Eu gostei muito dessa integração total com a Maria Helena e as jogadoras vibraram por tê-la por perto. Ela criou um sistema genial de informação vindo das atletas. Nele, três cores eram determinantes.

– Todo os dias eu fazia uma chamada com as atletas, antes do café da manhã. Em vez de responderem simplesmente ‘presente’, elas usavam as cores verde, amarelo e vermelho para dizer como estavam emocionalmente. Chamávamos de ‘emociômetro’[...] explicou a psicóloga. (Simões, 2007:28-29).

Segundo o treinador, era este sistema que possibilitava a ele identificar a melhor maneira de interagir com as jogadoras e se aproximar delas durante os treinamentos. Os elogios e correções continuavam ocorrendo, mas de maneiras diferentes.

De maneira geral, todas concordam que o objetivo principal de seu trabalho com atletas é um treinamento mental que possibilite um pleno conhecimento de si mesmo e a adaptação a situações de “crise”, seja ela no campo profissional ou pessoal, como mostra o diagrama de Suzy Fleury:



Imagem 5: Fundamentos do treinamento emocional da Academia Emocional de Suzy Fleury.

Segundo as próprias profissionais me relataram, as formas de trabalhar variam um pouco de clube para clube e de treinador para treinador. No caso de Fleury, o trabalho é dividido em ciclos de sete sessões, que consistem em uma entrevista inicial (1ª. Sessão), perfil psicológico (2ª. Sessão), programa psicológico (3ª. Sessão), treinamento emocional (4ª. à 6ª. Sessões) e uma avaliação do ciclo na última sessão.

Minha primeira questão foi acerca da inserção de um trabalho psicológico na rotina dos atletas e a possível resistência que teriam de enfrentar. Segundo elas, atletas e

treinadores não costumam demonstrar resistência ao seu trabalho uma vez que são contratadas pelas diretorias com objetivos específicos:

O objetivo não é podar ninguém. Queremos é fazer com que o jogador se conheça melhor para poder render melhor dentro de campo, pois, quando está jogando, os pés e os braços não se viram sozinhos. A cabeça é que comanda tudo. Fizemos vários testes e traçamos o perfil psicológico. Através deles, mostramos o que já está bom e o que cada jogador pode melhorar. (Regina Brandão, em entrevista ao programa *Juca Entrevista* na ESPN Brasil⁶⁵)

Já segundo Fleury, as dificuldades do trabalho com os atletas não advinha apenas do fato de ela ser mulher, mas passava também por explicar-lhes qual a importância de se fazer um trabalho psicológico. Em sua experiência como mulher dentro de uma comissão técnica passou, como afirmamos, por aspectos que começavam com a aceitação da legitimidade de seu trabalho, mas este parece ser um empecilho cada vez menor. Hoje a maior parte dos clubes conta com algum tipo de apoio psicológico, sendo que mais recentemente o técnico Mano Menezes afirmou em sua primeira entrevista coletiva como técnico da Seleção Brasileira em julho de 2010 que seria de fundamental importância um trabalho de longa duração dessa natureza dentro da comissão técnica. A forma como este trabalho se daria na prática, contudo, ficou clara apenas em entrevista concedida em maio de 2011:

O ser humano tem muita aversão de quem alguém pode estar decidindo a vida dele, e ele se recusa muito a oferecer informações para isso. A gente sabe que tem profissionais muito bons na área, já fiz nos clubes trabalhos com psicólogos. Depois da escolha de um grupo, esse trabalho passa a ser mais interessante. Por que o jogador não vai ter mais o medo de ser tirado da seleção. (*Terra.com.br* 09/05/2011)⁶⁶.

Entretanto, como relata Fleury, esse não é um espaço preparado para receber a presença feminina. Exemplo disso é quando relata que os vestiários dos estádios sequer

⁶⁵ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ai4gTrNFHF0>

⁶⁶ Disponível em <http://esportes.terra.com.br/futebol/brasil2014/noticias/0,,OI5119861-EI10545,00-Mano+descart+a+trabalho+imediate+com+psicologo+na+Selecao.html>

possuíam um toailete feminino, de modo que ela tinha que utilizar o vestiário dos árbitros caso fosse necessário⁶⁷. Esse quadro se altera apenas quando se tem o aumento do número de árbitras e auxiliares de arbitragem mulheres, o que demandou uma reestruturação do espaço, já que agora o futebol contava com partícipes diretas dentro do campo de jogo. A psicóloga conta também que sua inserção passava até pela escolha das roupas que utilizava – agasalhos esportivos e não saias ou outras vestimentas mais, digamos, “femininas” –, pois sempre buscava não acentuar e por vezes até tentar disfarçar a sua feminilidade, para que não se tornasse uma questão.

Dentre os assuntos trabalhados com os jogadores, qualquer traço de sexualidade que não heterossexual jamais era discutido. Ela soube que havia jogadores homossexuais, mas isso jamais era assumido, muito pelo contrário. Parece-nos, portanto, que estas mulheres também trabalham no registro da masculinidade hegemônica. De uma maneira geral, parece que seu trabalho poderia ser feito também por homens da mesma maneira, ou seja, a questão de gênero não aparece claramente ou não é discutida. Na percepção daqueles que trabalham com o futebol, crê-se que a técnica não tem gênero e a diferença apareceria apenas naquele com quem o trabalho é feito, pois segundo Maria Helena Rodrigues, o trabalho com homens e mulheres apresenta diferenças exatamente porque as cobranças relativas a eles são diferentes:

Infelizmente ainda existem alguns preconceitos em acharem que o futebol é só para homem, mas com alguns resultados da seleção de futebol feminino isso já está começando a mudar. Outro fato é que o futebol feminino não tem o retorno financeiro rápido. Por isso que alguns clubes não demonstram interesse em ter o futebol feminino. [...] No início era um grupo com problemas de ordem psicossomática, psicomotora, a falta de um aperfeiçoamento individual e coletivo, e ansiedade elevada. No fim o amadurecimento grupal e individual, o equilíbrio emocional, e o fortalecimento da coesão grupal em prol de um objetivo comum “O SONHO OLÍMPICO”. A diferença é que com o futebol feminino são mais detalhistas, existe uma cobrança maior pelo fato de ser mulheres (preconceito) e isso faz com que elas procurem dar o melhor de si, para ser respeitada e aceita no contexto esportivo.

⁶⁷ Interessante notar aqui que a impressão que se tem é que os árbitros “não têm gênero”, ou seja, o vestiário dos árbitros não é um vestiário masculino como o dos jogadores, já que temos mulheres como árbitras e auxiliares de arbitragem. A questão de gênero, no que tange a atividade destes(as) profissionais será discutida mais adiante.

Podemos perceber que a presença da mulher no futebol profissional é em geral mais legitimada quando concernem aspectos que se afastam da dimensão da corporalidade presente no esporte, entrando no campo da daquilo que convencionalmente denomina-se de “preparação mental” dos atletas, no qual a visibilidade das psicólogas é mais pronunciada.

3.2 – As profissionais da arbitragem

Dentre todas as profissionais envolvidas no universo do futebol, existe um grupo que parece ter conseguido de fato “entrar em campo” de maneira mais bem-sucedida do que qualquer outro, qual seja, o das profissionais de arbitragem. Discretamente postadas à beira do gramado ou – menos frequentemente – dentro de campo com o apito na mão, essas mulheres conquistaram seu espaço nas divisões de elite do futebol brasileiro de uma maneira que não parece ocorrer em outros países.

Essa entrada não se deu, obviamente, sem alguma resistência por parte de todos os outros atores envolvidos no universo do futebol ou mesmo sem levantar polêmicas, mas o fato é que existe um número crescente de profissionais entre os chamados “homens de preto”. Tratando em números absolutos, a participação feminina ainda não é tão representativa, mas sua incorporação no futebol profissional levantou algumas questões de extrema relevância. Assim, abordaremos neste capítulo primeiramente quais são estas questões e de que forma se relacionam com a temática mais ampla da participação feminina no futebol masculino profissional. Em seguida, faremos um estudo de caso sobre a carreira da ex-auxiliar de arbitragem Ana Paula Oliveira, cuja carreira meteórica nos ajudará a esclarecer algumas das questões levantadas na presente pesquisa.

3.2.1 – A FPF e as mulheres do apito

É dispensável dizer que os árbitros são figuras polêmicas dentro do campo de futebol. Eles têm o poder de decidir uma partida a partir de sequências de decisões que nem sempre – na verdade, quase nunca – são partilhadas pelos espectadores de uma partida. Entretanto, os árbitros nem sempre figuraram como personagens importantes no futebol, sendo que o aumento dessa importância foi uma das diversas consequências da profissionalização do futebol não apenas no Brasil, mas no mundo todo.

Pode-se notar que em 1970, a introdução dos cartões amarelo e vermelho na Copa do Mundo foi um dos muitos mecanismos adotados para facilitar a comunicação entre árbitros e, juntamente com o apito, são instrumentos utilizado para reforçar e facilitar o exercício de sua autoridade dentro de campo. Segundo Franco Júnior, o apito, juntamente com o uniforme, permitem que se trace um paralelo entre a ideia de autoridade exercida pela policia com a autoridade dos árbitros:

A monocromia negra dos uniformes, utilizada a partir dessa aproximação, atribuiria um sentido de autoridade. Já o apito, utilizado também pelos policiais, se refere às atitudes de manutenção da ordem e ao cumprimento das leis. (Franco Júnior, 2007 *apud* Boschilia, Vlastuin e Marchi Jr., 2008: 62).

Os árbitros passam a ser, assim, os responsáveis pelo cumprimento das regras e manutenção da ordem dentro de campo, além de garantir a prática do *fair-play* no sentido como este é colocado pela Fédération Internationale de Football Association, a FIFA, e que envolve um *ethos* moralista e cortês de praticar futebol (Boschilia, Vlastuin e Marchi Jr., *op.cit.*). Nesse sentido, foram criadas no Brasil diversas escolas e arbitragem, com o intuito de padronizar a aplicação das regras nos campeonatos disputados aqui.

A Federação Paulista de Futebol criou uma escola de árbitros, a Escola Flávio Iazzetti, para capacitar profissionais que atendessem às necessidades da própria FPF. O curso tem a duração de 12 meses, 130 horas/aula divididas em aulas teóricas e práticas⁶⁸, uma fase teórica, na qual o aluno passa por duas avaliações, além de teste físico nos padrões da FIFA e, se aprovado, é considerado apto a candidatar-se para o estágio supervisionado, fundamental para a diplomação do candidato ao final do curso.

Os dados sobre os inscritos e aprovados nas primeiras duas fases da Escola de Arbitragem, tal como descritos na página da FPF, encontram-se sistematizados na tabela a seguir:

⁶⁸ A grade curricular do curso é composta pelas seguintes disciplinas: História do Futebol (3 horas/aula), Legislação e Código Desportivo (3 horas/aula), Processo decisório (6 horas/aula), Ética, Cultura e Clima (3 horas/aula), Português, Relatórios e Súmulas (6 horas/aula), Clínica de Arbitragem (9 horas/aula), Aptidão Física e Nutrição (3 horas/aula), Simulados Físicos (9 horas/aula), Atividades Práticas (12 horas/aula), Estrutura da Federação para os aprovados (6 horas/aula), Flexibilidade Curricular (10 horas/aula).

Tabela 2 – Escola de Arbitragem (2007/2008 e 2008/2009)

	Inscritos (2007/2008)	Aprovados para a prova prática (2007/2008)	Inscritos (2008/2009)	Aprovados para a prova prática (2008/2009)
Homens	129	75	134	73
Mulheres	7	2	12	1
Total	136	77	146	74

Existe também um ranking que classifica os/as árbitros e auxiliares de arbitragem da FPF e que é dividido nas categorias Ouro, Prata e Bronze, sendo que cada uma é subdividida em categorias A,B e C⁶⁹. Para cada categoria, são aplicados os seguintes critérios:

O ranking se inicia na Categoria Bronze, composto, em grande maioria, pelos árbitros recém-formados que precisam de dois anos de estágio para poder ingressar no ranqueamento. A arbitragem da Bronze atua nos campeonatos de categoria de base da FPF, principalmente nas competições Sub15 e Sub17.

Na categoria Prata, os árbitros já começam a apitar e bandeirar partidas do futebol profissional, como o Campeonato Paulista da Segunda Divisão e da Série A3, mas ainda se mantêm, em grande maioria, no torneio Sub20. Os nomes que se destacam nas subdivisões A e B da Categoria Prata podem ter algumas oportunidades em jogos da Série A2.

A principal categoria da arbitragem de São Paulo, a Ouro, possui 30 árbitros e 60 assistentes e é responsável por todo o trabalho na Série A1, além de jogos importantes nas outras competições. Os membros da Categoria Ouro são também os representantes do futebol paulista nos campeonatos nacionais. Em fevereiro de 2007, por exemplo, os primeiros 23 árbitros e 25 assistentes do ranking da FPF foram escalados para compor o quadro de arbitragem da CBF e atuar nas Séries A, B e C do Campeonato Brasileiro e na Copa do Brasil⁷⁰.

⁶⁹ A categoria árbitro ou auxiliar FIFA é uma categoria à parte, pois é restrito o número de profissionais federados.

⁷⁰ Dados da FPF. Disponível em www.futebolpaulista.com.br.

Para a aplicação destes critérios, são feitas avaliações periódicas que incluem informações dos Relatórios Técnicos de cada partida apitada pelos profissionais, além de avaliações físicas e escritas às quais estes são submetidos periodicamente.

O ranking do ano de 2009 inclui 259 profissionais entre os árbitros e 169 assistentes. Dentre os assistentes, são 17 mulheres, divididas entre as três categorias e dentre os árbitros (as) são apenas três mulheres, nenhuma na categoria Ouro ou FIFA. A distribuição das profissionais em 2009 encontra-se na tabela a seguir:

Tabela 3 – Ranking da arbitragem da FPF (2009)

	Categoria Ouro ⁷¹	Categoria Prata	Categoria Bronze	Total
Auxiliares	3	8	6	17
Árbitras	0	1	2	3

Em 2010, o ranking se altera, e a listagem disponibilizada na página da FPF divide as categorias em números e, dentro destas, os profissionais são listados por ordem alfabética, o que se repete em 2011. Neste ano, são também 17 profissionais, como em 2009, sendo cinco na categoria 1, seis na categoria 2, duas na categoria 3, três na categoria 4 e apenas 1 na categoria 5. O número de árbitras, sobe para quatro, ainda bastante inferior ao de auxiliares ou de árbitros homens, e nenhuma delas na categoria 1.

As auxiliares mulheres parecem vir construindo carreiras mais sólidas e bem-sucedidas do que as árbitras principais, como mostram os exemplos de Ana Paula Oliveira e Maria Eliza Barbosa, ambas auxiliares da FPF e que figuraram nos quadros da FIFA (Maria Eliza é auxiliar FIFA desde 2009), além de outras profissionais como Aline Lambert, ainda em atividade. A mais famosa árbitra mulher foi também a primeira a apitar uma partida de futebol profissional. Silvia Regina de Oliveira apitou sua primeira partida profissional masculina em 2002 e atuou principalmente em partidas do Campeonato Paulista de diversas divisões.

Além de Silvia Regina, existem outras profissionais apitando dentro e fora do Brasil, mas principalmente em partidas de futebol feminino. As Federações nacionais e

⁷¹ Inclui também na categoria ouro as classificadas na categoria FIFA.

estaduais ou mesmo a FIFA na admitem, mas existe ainda uma certa resistência em admitir que uma mulher possa imprimir a mesma disciplina em uma partida de futebol masculino, em especial vinda de jogadores e treinadores, o que parece não acontecer da mesma maneira no caso das auxiliares de arbitragem.

Não existe uma razão clara que explique a dificuldade em admitir uma mulher no comando de um trio de arbitragem, ou ainda, porque existe uma maior facilidade em admitir que trabalhem como auxiliares. Nossa hipótese é de que as mulheres sejam melhor aceitas numa posição que seja mais discreta e de menor enfrentamento direto com os personagens de uma partida. Segundo o presidente da Comissão de Arbitragem da FPF, Coronel Marinho, a própria procura pela formação como auxiliares de arbitragem é maior do que para árbitras, no caso das mulheres:

A procura por assistentes é grande, já para árbitras não há muita procura. Aqui na federação só temos quatro árbitras. [...] Primeiro por causa da parte física, o sacrifício é maior. Também há o receio de apitar um jogo masculino. A assistente não sofre tanta pressão, já a árbitra, sim. (*Trivela.com.br*, 09/02/2011).

Além disso, o senso comum de que as mulheres têm uma maior atenção aos detalhes enquanto os homens têm maior facilidade em observar as coisas em um panorama mais amplo⁷² justificaria o fato de as mulheres terem maior facilidade em marcar um impedimento do que uma falta à distância num lance de jogo. A ironia fica por conta do fato de que muitos homens sequer admitem que as mulheres entendam o que é um impedimento, mas estão restritas a uma função em que identificar os mesmos é um dos aspectos mais fundamentais.

⁷² “Quantas vezes saí da casa de amigos e minha mulher ou minhas filhas me perguntaram: ‘Você observou a cor linda daquela toalha, a textura daquela parede ou a decoração da sala?’ A resposta foi sempre a mesma: ‘Não, não vi; não observei qualquer toalha ou parede’. Nós, homens, vemos o todo; elas vêem as partes, os detalhes.” (Simões, *op.cit.*, p.10).



Imagem 6: Árbitras desfilam novo uniforme na Federação Paulista de Futebol em 12/2005. Foto: Reginaldo de Castro

Ser mulher dentro de uma arena rodeada por homens não parece ser tarefa fácil, mas uma vez inseridas neste contexto, o que se observou foi uma tentativa de exercer sua feminilidade de uma maneira que fosse “aceitável”, ou seja, algo que os homens admitissem não ser masculinizada e nem algo que as fizesse perder a “autoridade” dentro de campo. Isso ficou claro quando, no final de 2005, uma marca de equipamentos esportivos criou uma linha de uniformes para mulheres que atuavam no futebol masculino em todo o país. O uniforme consistia em um short-saia, com caimento mais feminino do que as bermudas utilizadas anteriormente, além de uma camiseta mais justa do que as dos homens e com mangas mais curtas. A preocupação com a adequação do novo uniforme àquilo que se esperava delas dentro de campo ficou claro na fala de Ana Paula Oliveira, à época uma das cotadas para integrar o trio de arbitragem brasileiro na Copa do Mundo de 2006:

Não podemos ter um modelo que seja masculinizado, nem um que chame muita atenção, já que temos de preservar a nossa imagem e utilizar um modelo discreto e confortável (*Terra.com.br*, 22/12/2005⁷³).

⁷³ Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/interna/0,,OI806993-EI1834,00-Arbitras+de+futebol+ganham+uniforme+sensual.html>

Esse tipo de preocupação mostra que o mesmo que ocorre com as mulheres nas arquibancadas ou nas redações ocorre de maneira muito clara dentro de campo: a feminilidade da mulher vira uma questão quando confrontada com o que se espera de uma mulher em um ambiente masculino. Exercer sua condição de mulher significa, neste contexto, correr o risco de perder sua autoridade perante aos seus pares do sexo oposto e sua capacidade de exercer uma determinada função, assim como sua legitimidade são colocadas à prova todo o tempo. Assim como observamos no caso das psicólogas, a técnica não tem (ou pelo menos não deve ter) gênero, mas ainda assim existe uma clara diferença quando se trata, por exemplo, da tolerância frente a um equívoco técnico de um homem ou uma mulher, como veremos a seguir.

3.2.2 – O silêncio do apito: Silvia Regina e Ana Paula Oliveira

Richard Keys: "Parece que é uma mulher que vai bandeirar hoje, de acordo com Steve, o cameraman."

Andy Gray: "Uma mulher bandeirinha?"

Richard Keys: "Foi o que ele [cameraman] disse. Ele falou que ela é boa. Mas não sei se a gente pode confiar."

Andy Gray: "Eu não confiaria. O que as mulheres sabem de impedimento?"

Este diálogo, entre o narrador Richard Keys e o comentarista Andy Gray, ambos da Sky Sports, da Inglaterra, aconteceu no dia 22 de janeiro de 2011 antes da transmissão do jogo entre Wolverhampton e Liverpool, pelo Campeonato Inglês. Falavam da auxiliar Sian Massey. Falavam tranquilamente sem se dar conta de que seus microfones estavam abertos e logo o diálogo se espalhou mundialmente pela Internet. O resultado foi a demissão sumária de Grey e à renúncia ao cargo de Keys.

Não é, infelizmente, um caso isolado. Quase uma década depois da estreia de uma mulher como árbitra no futebol masculino profissional, a quantidade de mulheres e sua aceitação ainda deixam claro que o preconceito existe, ainda que de maneira mais velada, como revela o Coronel Marinho, da FPF:

Existe o preconceito em jogos masculinos quando a árbitra é mulher. Ainda há resistência. Ninguém fala nada e não admite abertamente. Mas a gente sabe que tem uma resistência. Veladamente, eles [dirigentes,

técnicos] falam sobre isso e prefeririam que não fosse [escalado uma mulher]. (*Trivela.com.br, op.cit.*).

Assim, neste item discutiremos os casos de duas mulheres que passaram claramente pelo processo de aceitação no futebol masculino, de que maneira reagiram e qual o rumo de suas carreiras após sequências de eventos que as afastaram dos gramados.

Afirmamos anteriormente que Silvia Regina foi a primeira árbitra a participar de um jogo de futebol masculino profissional. Desde 2007, ela é a diretora da Escola de Árbitros da FPF e diz nunca ter sofrido preconceito:

Se fui alvo de machismo não sei. Não vi, não me incomodou e não fez nenhuma diferença na carreira. [...] fazer o que elas [profissionais da arbitragem] fazem pouquíssimas pessoas fazem. Isso é um privilégio. O preconceito não chega até elas. As mulheres que fazem futebol são privilegiadas e, se elas algum dia reclamam de preconceito, estão enganadas. Trabalhar em um Campeonato Brasileiro, no futebol pentacampeão, isso é uma conquista histórica. Qualquer pessoa que trabalha na arbitragem em um campeonato desses ou em um Paulista já conquistou o seu espaço no futebol e chegou ao máximo de uma carreira como árbitro do futebol. (*Trivela.com.br, op.cit.*).

A partir destas afirmações, poderíamos concluir que Silvia Regina teve uma carreira tranqüila e que o fato de ser mulher jamais representou um problema. Entretanto, apesar de afirmar que a aposentadoria foi uma opção dela, o fato é que sua carreira foi interrompida após um episódio ocorrido na Copa Federação Paulista. Na partida entre Santacruzense e Atlético de Sorocaba, em 11/09/2006, a árbitra validou um gol feito pelo goleiro do Santacruzense, aos 44 minutos do segundo tempo⁷⁴. De costas para o lance, a árbitra validou o lance ao ver que o auxiliar Marco Antônio de Andrade Motta corria para o centro do campo (o que sinaliza um gol válido). A bola sequer tinha entrado, mas por estar próxima à rede, Motta acreditou ter ocorrido o gol. Silvia Regina checkou a rede e, já que não encontrou nenhuma irregularidade, validou o tento.

⁷⁴ Cf. <http://esportes.terra.com.br/noticias/0,,OI1133746-EI2022,00-Arbitra+da+Fifa+valida+gol+de+gandula.html>

Ela não relatou o gol irregular na súmula da partida, mas afirmou ter recebido ameaças de jogadores e da comissão técnica da equipe adversária. A partir daí, a árbitra que figurava o quadro de profissionais de arbitragem da FIFA foi afastada e jamais apitou uma partida profissional novamente, anunciando oficialmente sua aposentadoria no ano seguinte, alegando não ter mais a idade apropriada para exercer adequadamente sua profissão.

Já o caso de Ana Paula Oliveira foi um pouco distinto. Sua carreira na elite do futebol brasileiro teve início no Campeonato Paulista da Série A-1, em 1998. Ficou rapidamente conhecida por ser considerada bonita e competente. Desde que começou a ganhar notoriedade, recebeu convites de diversas revistas masculinas para posar nua mas nunca os aceitou. Contudo, o ano de 2007 foi um ano marcante em sua carreira. Após cometer erros em diversas partidas de equipes como Palmeiras, Santos e São Paulo, a assistente começou a ser cada vez mais pressionada e, após uma partida entre Botafogo e Figueirense pela Copa do Brasil, foi afastada após anular dois gols da equipe do Botafogo – gols estes que viriam a custar a classificação da equipe à fase seguinte do campeonato.

O afastamento de quinze dias pareceu para ela a oportunidade perfeita para aceitar o convite da revista Playboy e Ana Paula assinou um contrato no qual aceitava ser a capa da edição de julho daquele ano.



Imagem 7: Ana Paula Oliveira assina contrato com a revista Playboy em 18/06/2007. Foto: Alf Vicente (divulgação).

A repercussão desta decisão foi imediata e dividida. Por um lado, o chefe da arbitragem paulista, Coronel Marinho, disse que a princípio não via nenhum motivo pelo qual o ensaio poderia afetar a carreira de Ana Paula. Por outro, o chefe da arbitragem da CBF, Edson

Rezende, afirmou que não era o tipo de atitude que deveria ser evitada por uma figura pública como ela.

Na prática, o ensaio marcou uma fase de declínio em sua carreira. Após o cumprimento de sua punição, ela apitou jogos da Série B (ou quarta divisão) do campeonato paulista e se lesionou, sendo reprovada no teste físico da FIFA. Mesmo tendo passado no teste no ano seguinte, deixou de figurar o quadro de profissionais daquela instituição⁷⁵. Quando questionada se tudo isso teria sido afetado pelo ensaio, ela nega, dizendo que jamais sentiu falta de respeito por parte de jogadores ou outros profissionais envolvidos com o futebol. Entretanto, diz que não recomenda às colegas que façam o mesmo que ela:

Algumas meninas já me ligaram dizendo que tinham recebido convite. Eu digo o seguinte: ‘O que você já conquistou no futebol? Você fez uma carreira sólida? Você provou que você é competente? Ou você quer só aparecer? Você conquistou tudo?’. Se ela já conquistou tudo, não tem problema algum.(Trivela.com.br, op.cit.).

Ela ainda participou de um *reality show* da rede Record e de jogos festivos de várzea, nos quais geralmente era a principal atração, mas não atua mais no futebol profissional. Voltar a apitar o futebol profissional, aliás, é seu principal objetivo, ainda que não seja nas divisões de elite do futebol masculino.

A partir destes exemplos podemos perceber, primeiramente, que de fato existe uma tolerância muito menor aos erros de uma mulher do que de um homem. Silvia Regina foi afastada ao legitimar um erro que não foi dela, mas de um auxiliar – homem – em um lance que ela sequer viu, por estar de costas; Ana Paula Oliveira foi caindo em descrédito e sofrendo pressões após uma sequência de equívocos em jogos de equipes de grande poder político, o que acarretou no seu afastamento. Em ambos os casos fica claro que se a técnica não tem gênero, como afirmamos anteriormente, a diferença está em quem a aplica, diferentemente do que acontece com as psicólogas (e de maneira semelhante ao que acontece com as jornalistas, como veremos a seguir).

⁷⁵ É interessante notar que se por um lado um(a) árbitro(a) não pode expor seu gênero, com jogadores isso é algo mais flexível. Diversos jogadores, como Vampeta, que à época atuava no Corinthians, posaram nus e não tiveram este tipo de problema nestas, digamos “aventuras de gênero”.

Finalmente, percebemos que “dentro de campo” o lugar do feminino parece estar assegurado apenas na medida em que não chame a atenção ou, ainda, na medida em que esteja constantemente provando que são profissionais capazes – técnica e fisicamente – de executar uma tarefa que é, ou deveria ser, essencialmente masculina. Ao expor e colocar em foco sua feminilidade num ensaio sensual, a profissional de arbitragem desafia a postura androcêntrica de que aquele não é um lugar que pode/deve ser acessado pelo feminino.

E digo androcêntrica e não masculina pois é uma postura que não é assumida apenas por homens, mas também por mulheres que se envolvem de alguma maneira com o futebol. A decisão de Ana Paula de posar nua não foi criticada apenas por seus superiores. Homens e mulheres se dividiram em manifestações de apoio e repúdio, como ficou claro no fórum de discussão da comunidade “Mulheres que Amam Futebol” no *Orkut*:

Poxa, mulheres, opinem sobre a decisão dela de posar nua. Não sei se já tem um tópico assim, se já tiver, me mostrem e apaguem esse. Eu achei ridículo. Ela é uma vergonha, principalmente pra nós, mulheres amantes do futebol. E daí q ela seja bonita? Ela tem é q trabalhar direito, afinal, ela escolheu ser bandeirinha, nao modelo ou atriz global! Ela ocupou um cargo no futebol q antes era "proibido" para as mulheres, colocou pose, mostrou q mulher pode entender sim de futebol, mostrou pros marmanjos q a autoridade ali é ela, mas...foi só receber uns elogios q foi se rendendo e agora vai satisfazer o desejo desses marmanjos de vê-la nua, reforçando a idéia de mulher como objeto sexual que a playboy fez questão de enraizar na sociedade. Ela tinha q se manter firme, ela nao está ali pra servir de colírio pros jogadores e torcedores, ela está ali pra se comportar com igualdade perante eles. Vagabunda. Já posou com menos roupa, agora sem nenhuma, aparece no Rockgol, Qual é a Música, enfim, a fama e o ego lhe subiram à cabeça. Mais um "Marcos Pontes" pra envergonhar o Brasil, pra dizer q "agora quer ser artista, e nao mais astronauta...". Fez a gente gastar milhoes pra mandá-lo pro espaço (e trazê-lo de volta, o q foi um erro) e ele dizer q desistiu da carreira pq o sucesso artístico é muito melhor...O mesmo essa piranha fez conosco, q podíamos estar ocupando o lugar dela com um (ou uma) bandeirinha decente, que se preocupe em fazer bem o seu trabalho e ganhar por ISSO. Dê-se o respeito, Ana Paula! Não duvido q daqui a

alguns dias ela apareça siliconada, lipoaspirada e fútil (mais do q já virou)! Ridícula, VERGONHA!!!! Desculpa, galera, mas precisava desabafar. (A., mulher).

Tem q pousar mesmo, o dinheiro é bom, esses dias eu vi q ela demoraria muito tempo pra juntar essa grana toda. (P., mulher).

Se é a profissão que ela ama, não importa quanto tempo demorasse pra juntar o dinheiro, afinal, quando amamos nossa profissão, as vezes o dinheiro até é secundário. Nem todos enriquecem fazendo aquilo que gostam, e muito enriquecem fazendo aquilo que não gostam. (B, homem).

Na minha opiniao , a mulher pode ser totalmente feminina ,andar de salto alto,mini-saia ,ou ate posar nua ,e saber ,gostar ,admirar futibol....nao é pq somos mulheres apaixonada por futibol que temos que ser masculinas....somos mulheres totalmentes femininas e amamos e entendemos tudo sobre futibol...(C., Mulher)

Acho que cada um deve fazer o que der na telha, se ela achou prudente posar nua e depois aguentar as piadinhas nos estadios tudo bem. Ela é bonita e merece ser fotografada, acho que o dinheiro que ela vai ganhar com isso vai valer muito mais para arrumar a vida dela do que qualquer comentario sobre sua vida que a partir de agora ela vai passar a ouvir. Não tenho nada contra! (J., homem)

Temos, portanto, se existem mulheres que trabalham diretamente com o futebol masculino, só lhes é permitido fazer dentro do registro da masculinidade hegemônica, que molda e conforma o feminino dentro de limites bastante específicos e que são o tempo todo reiterados na interação entre os diversos atores.

Capítulo 4 – As jornalistas

Trataremos aqui do caso das jornalistas esportivas, como vêm se inserindo no universo predominantemente masculino da crônica esportiva, alguns entraves à sua participação e a maneira como sua participação vem sendo expandida, para além da beira dos gramados em direção a lugares mais relevantes nas mesas redondas, programas de televisão nos quais se debate assuntos relacionados ao esporte. Entretanto, antes de falar especificamente do caso das mulheres, cabe fazer algumas considerações, em especial para definir o que trataremos aqui como a *crônica especializada* (Toledo, 2002):

Já no que concerne aos cronistas (comentaristas, locutores, repórteres, sobretudo), identificados, nomeados e auto-referidos ora por este mesmo termo, ora pela expressão *crônica especializada* ou simplesmente *especialistas*, suponho que construam, no plano das representações, um lugar simbólico equidistante entre os *profissionais* e os *torcedores*. Não jogam, mas também não se comprometem no nível da emoção partidária, ao menos em tese, do mesmo modo que o conjunto de torcedores. Mesmo quando isso ocorre, é compreendido como trabalho minucioso e estratégico de construção de determinado *estilo* de cobertura jornalística [...]. (Toledo, 2002: 17).

A partir daí o autor mostra que os jornalistas são aqueles responsáveis por produzir discursos acerca não apenas do futebol, mas do esporte de uma maneira geral, discursos estes que agregam, ao mesmo tempo um “profissionalismo competitivo ascético” e estruturas simbólicas que perpetuam as dimensões lúdicas do esporte e sustentam a sua popularidade (*idem*, p. 208). Existem, dentro deste campo, diferentes e fragmentados estilos tanto do fazer jornalístico como de sua veiculação, pontos de vista que retratam diferentes perspectivas. O autor não trata especificamente das mulheres, mas creio que podemos tomar essa ideia como ponto de partida para tratar de uma perspectiva peculiar e que vem ganhando cada vez mais espaço nas diferentes formas de mídia.

Para analisar especificamente o caso das mulheres, tomarei primeiramente como base um trecho do livro de Mauricio Stycer (2009) sobre a história do diário esportivo Lance! no final da década de 1990. Segundo o autor, as mulheres representam algo em torno de 30% a 40% dos profissionais nas redações das principais publicações do país;

entretanto, quando se trata do jornalismo esportivo, este número cai para algo em torno de 10%. As razões para tão pequena porcentagem passaria por motivos que não são exatamente novidades: mulheres sofrem, sim, preconceitos, sobre sua afinidade ou capacidade de compreender especialmente o futebol; são pouco respeitadas mesmo porque raramente são ouvidas, sendo, quando muito, resignadas a tratar de divisões de base ou outros esportes que não tenham um apelo tão fortemente masculino como o futebol. Nas palavras de Stycer:

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres na mídia estão longe de configurar um quadro original. Mas, por ser uma dessas áreas reservadas masculinas, o jornalismo esportivo acaba sendo um espaço em que a lógica da dominação masculina é encenada de forma explícita, sem a sutileza que a caracteriza em muitas outras situações. (Stycer, 2009: 255).

Ao fazer tal análise, Stycer recupera autores como Goffman (2002) e Bourdieu (2005) para demonstrar que a desigualdade entre os sexos é utilizada como justificativa para uma tomada de posição que subordina a mulher no ambiente de trabalho a uma posição subalterna e inferior à do homem. Em muitos casos, a própria mulher se coloca nesta posição, admitindo uma maior ou menor vocação para determinadas carreiras, pautando assim as suas escolhas. Desde a escolha do *staff* do jornal *Lance!* na época da sua fundação, o que se nota é que a apropriação daquele espaço como domínio masculino sempre foi reiterada.

O processo seletivo teve 1035 estudantes inscritos para 40 vagas – 20 no Rio de Janeiro e 20 em São Paulo. A primeira etapa consistia numa prova de conhecimentos gerais, na qual constavam perguntas eliminatórias (sem que os candidatos soubessem) para aferir o conhecimento futebolístico⁷⁶. A segunda etapa consistia em assistir a um jogo e escrever uma crônica em 30min logo após o final da partida, uma análise muito mais usual para um homem que convive com futebol desde criança do que para uma mulher. Finalmente, entrevista no dia seguinte. Segundo o autor, o processo se encerrava com uma entrevista e uma dinâmica de grupo inspirada em dinâmicas realizadas no exército, outro domínio visto como predominantemente masculino.

⁷⁶ Uma destas questões se referia a quando o Brasil havia sido eliminado pela Itália na Copa do Mundo, algo que seria, segundo o próprio autor, muito mais facilmente respondido por um homem do que para uma mulher.

Ao final do processo de contratação, dos 95 profissionais contratados pelo jornal, apenas 10 eram mulheres, distribuídos da seguinte maneira:

Tabela 4 – Profissionais do Lance! em 1997

Partida	Estagiários	Jornalistas	Fotógrafos	Diagramadores/ Infografistas	Responsáveis pelo jornal na internet	Pesquisa de imagens
Total	40	22	9	16	6	2
Homens	36	21	9	14	5	0
Mulheres	4	1	0	2	1	2

Deste modo, o resultado de um processo seletivo que o autor define como “inovador” apenas reforçou a ideia de que o jornalismo esportivo é um campo masculino.

Ainda segundo Stycer, ao ser questionada sobre sua área de preferência, Tânia Scaffa e Adura, uma das contratadas selecionou futebol e “outros esportes”. Por conta desta segunda opção, foi rapidamente designada para a área de esporte amador. A jornalista relata as pressões sofridas quando trabalhava com futebol na faculdade, pois uma mulher “séria” sente dificuldade de trabalhar com futebol, já que ela afirma existirem no meio diversas mulheres que trocam informações por encontros íntimos. Essas mulheres – como outras que se relacionam com jogadores por “vantagens” – são também conhecidas como *marias-chuteiras*. Segundo ela, mesmo mulheres “sérias” que “não entram nesse jogo” sofrem preconceito. As mulheres, como qualquer outro jornalista, homem ou mulher, que trabalhe ou não com esportes, está sempre em busca do “furo” de reportagem, ou seja, busca sempre ser o primeiro(a) a divulgar uma informação e isso passa, necessariamente, por um processo de relacionamento e negociações com suas fontes. O que Scaffa relata é que neste processo, muitas jornalistas são assediadas e por conta disso uma revelação bombástica feita a uma mulher e divulgada por ela é sempre vista como sendo uma troca por favor sexual, o que é confirmado pela jornalista Joanna Assis do canal de televisão por assinatura SporTV:

Eu já ouvi comentários sobre outras mulheres. Por exemplo, se uma repórter mulher conseguiu um furo e todo mundo queria dar essa informação, qual foi a primeira coisa que falaram? ‘Mas também, ela tem um caso com o jogador...’. Até o dia que aconteceu comigo. Por

exemplo, tem um jogador que me liga e conta que está se transferindo para a Alemanha. Vou lá e escrevo a matéria. No dia seguinte, as pessoas perguntam ‘Mas por que só a Joanna sabe?’. Sempre vai ter um maldoso que vai falar: ‘eles são amigos, têm um caso’. (*Trivela.com*, 09/02/2011)

Mas como isso opera em outros casos? Um dos casos mais notórios da atualidade é o da jornalista Soninha Francine, comentarista do canal de TV por assinatura ESPN Brasil e colunista da *Folha de S. Paulo*. Soninha graduou-se em cinema e trabalhava no canal musical MTV Brasil quando, por acaso, começou a comentar partidas de um campeonato de futebol promovido pela emissora entre músicos e bandas, no qual chamou a atenção pelo conhecimento demonstrado acerca do esporte. A partir daí passou a ser convidada como torcedora para mesas-redondas e comentários, até que em 1998 foi integrar o *staff* da ESPN e participar como convidada das mesas-redondas diárias comandadas por Tostão⁷⁷ na hora do almoço na Copa do Mundo de Futebol. O que começou com convites esporádicos acabou se tornando um convite oficial para trabalhar duas vezes por semana no programa Bate-Bola.

O caso de Soninha tornou-se paradigmático no jornalismo esportivo brasileiro porque foi uma das primeiras mulheres a se tornar comentarista em programas esportivos e ter uma voz que não apenas era ouvida, mas respeitada, segundo ela mesma. Foi uma das primeiras mulheres a marcar presença para além das reportagens à beira do gramado ou chamando reportagens. Soninha não assumia um papel comumente esperado para uma jornalista com seu jeito mais despojado, sem ostentar vestes e cuidados de si que revelassem uma beleza imediata e pautada por itens de beleza conhecidos e valorizados socialmente como altura superior a 1,70 metro, cabelos longos ou pernas torneadas e à mostra, atributos que se notam nas primeiras mulheres que se aventuraram no universo da mídia esportiva televisiva, e por conta disso passou a ser representante de toda uma nova geração de meninas que não necessariamente se importavam com questões estéticas e que se espelhavam nela e até pediam sua ajuda na orientação de trabalhos que envolviam o esporte. A jornalista reluta em dizer que abriu espaços para outras mulheres, pelo menos intencionalmente, mas o fato é que depois dela passou-se a prestar uma atenção diferente ao que mulheres tinham a dizer.

⁷⁷ Tostão é um ex-jogador de futebol que se destacou, entre outras coisas, pela conquista do tricampeonato na Copa do Mundo de 1970 ao lado de Pelé. Hoje, é comentarista esportivo, com colunas em diversos jornais do Brasil, como a *Folha de S. Paulo*.

No início, ela reporta que, assim como ocorre com as torcedoras de que tratamos anteriormente, sua opinião não era levada à sério ou mesmo seu interesse era tratado com surpresa:

Ah, no começo você é tratado como curiosidade, né? Meio como café-com-leite. Isso assim, na hipótese mais simpática. Aham graça, “que legal, ela gosta de futebol” ou “queria ter uma namorada assim”, essas coisas. Ou assim, se a pessoa já me conhecia e já gostava de mim por outros motivos, e ficava meio “ah não, mas gostar de futebol já é um pouco de mais, na melhor das hipóteses me tratava como café-com-leite, ou seja, expectativa zero. E qualquer coisa que eu dissesse, qualquer comentário óbvio que qualquer um faria igual era “Olha, não é que ela entende”. É até engraçado. (Soninha Francine, jornalista).

O fato de trabalhar num respeitado canal de televisão por assinatura, especializado em esportes não eliminou o risco de tornar-se um alvo de pesadas críticas por parte dos telespectadores; a jornalista afirmou que, na maioria dos casos, as críticas não a incomodavam, apesar de muitas delas enfatizarem o seu não-pertencimento àquele lugar por ser mulher, ao invés de concordar ou discordar de sua opinião:

Dependendo do grau da reação às vezes é difícil você não se incomodar. Tudo de graça, do nada. Por um comentário que mal é um juízo de valor, alguém fala “vai lavar roupa”, “volta pro fogão”, eu pensava “eu não acredito que eu to ouvindo isso”. Fosse o assunto que fosse, “vai lavar roupa”? Me chama de idiota, fala que eu sou uma toupeira, mas “vai lavar roupa” é o fim da picada. Porque pra um comentário de um homem você diria “você é um idiota”, você não fala “vai arrumar o motor do carro”, [risos](Idem).

Este comentário, acerca de uma retaliação que a jornalista recebeu por e-mail por conta de um comentário sobre o time do Botafogo mostra claramente que os preconceitos que as mulheres sofrem nas mais diversas áreas do futebol é muito semelhante, preconceito este que aparece de forma mais ou menos velada de acordo com o contexto. Por um lado, temos o preconceito velado na forma de alegação de falta de interesse das mulheres, no caso do universo profissional, como vimos pelos dados de Stycer. Quando se trata de algo

mais profundamente emocional, como a contrariedade a um comentário acerca do time de coração, a argumentação passa para o lado do machismo escancarado que visa diminuir a mulher simplesmente por sua condição biológica de gênero supostamente inferior, seja física ou intelectualmente.

Podemos exemplificar a questão do preconceito a partir de um episódio ocorrido após uma entrevista com a jornalista Milly Lacombe e com a própria Soninha Francine. Em vídeo postado pelo jornalista Benjamin Back em seu blog na página do jornal esportivo Lance!, chamado “Papo com o Benja” as jornalistas falaram de suas carreiras e de como chegaram ao esporte; o jornalista postou a chamada para o vídeo com o título “Mulher entende de futebol?”, respondendo afirmativamente à própria pergunta e buscando demonstrar de que maneira suas entrevistadas, assim como outras mulheres, fugiam ao senso comum de que era necessário ser homem para poder compreender e comentar futebol.

Dentre as diversas reações, na maioria desfavoráveis à participação de mulheres em programas esportivos ou comentando futebol de uma maneira geral, o que me chamou mais a atenção foi a quantidade de pessoas que buscavam “legitimar” seus argumentos com palavras de baixo calão, tratando da mulher como meros objetos e com a função exclusiva de dar prazer aos homens e/ou cuidar da casa, interessadas apenas em dinheiro e, mais que isso, afirmando que deveriam conformar-se com sua posição pois, como afirmou um dos comentadores, “quem mandou nascer com o equipamento errado”, o que não é de maneira nenhuma diferente do tratamento dado, por exemplo, às torcedoras ou outras mulheres que de alguma maneira imponham seu conhecimento e paixão pelo futebol de maneira aberta.

A grande maioria dos comentários se baseava nos seguintes argumentos: uma mulher, simplesmente por ser mulher, não entende e nem se interessa por futebol e aquele não é seu lugar:

VÊ SE SE ENCHERGAM, E VÃO LAVAR UMA TROXA DE ROUPA, POIS É NO TANQUE É QUE É O LUGAR DE VOCÊS, POIS NINGUEM MANDOU NASCER COM O BRINQUEDO ERRADO. (D., homem).

Não, por via de regra mulher não entende de futebol. Aliás não entende de quase nenhum assunto. (E., homem).

MULHER NÃO ENTENDE E NEM GOSTA DE FUTEBOL, O UNICO ESPORTE QUE A MULHERADA GOSTA É O KARATE: O CARATE DINHEIRO, O CARATE CARRO IMPORTADO, O CARATE MANSÃO, O CARATE IATE, O CARATE CONTA NA SUIÇA, O CARATE SE OTÁRIO. (M., homem).

Se uma mulher, em especial se for considerada bonita, é comentarista ou jornalista, é porque alguém – leia-se, um homem – escreve o que ela diz e chegou a esta função por sua beleza ou prestando favores sexuais a alguém:

Nada contra as mulheres, mas ainda não conheci nenhuma que me convencesse. A Renata Fan, por exemplo, tenho certeza que alguém escreve os textos para ela. A Soninha... pelo amor de Deus, ela é muito ruim, em tudo. Nem apresentar o programa ela sabe. (F., homem)

A Renata Fan só tem beleza, que cá entre nós é demais. Além de alguém escrever para ela deveriam dar um toque tbém para ela parar de gritar quando faz os comentários, é irritante. (H., homem);

Algumas, poucas, mulheres entendem de futebol. porém essas que se aventuram na arbitragem só querem aparecer na mídia, algumas para depois posarem em revistas masculinas. fico com a impressão que no comando da fpf, e da comissão de arbitragem tem pessoas recebendo favores dessas mulheres. (J.B., homem).

E a renata fan, por favor, pessoal, ela tá ali só por que é ex-miss. E se vocês prestarem atenção, pelo amor de deus, naquele programa é difícil se ver um comentário racional. (J., mulher)

Duas questões me chamaram a atenção ao analisar os comentários do blog em questão. A primeira delas foi que homens e mulheres usaram a beleza da apresentadora da Rede Bandeirantes, Renata Fan como o fator decisivo para chegar a ser apresentadora de programas esportivos, o que demonstra que o preconceito não é exclusivamente masculino e que as mulheres também internalizam argumentos que antes pareciam ser feitos apenas por homens. Mais que isso, ao mesmo tempo em que condenam o preconceito dos homens,

as mulheres parecem ter internalizado a ideia de que via de regra mulheres não entendem de futebol porque a grande maioria não se interessa como pude ver relatado em comunidades do *Orkut* ou mesmo nos comentários deste blog por duas mulheres diferentes, uma delas sendo a mesma que comentou sobre a beleza de Renata Fan:

A questão não é que mulher não entende de futebol. A questão é que a maioria das mulheres não tá nem aí pra futebol, e não procura saber. Poucas gostam. O ridículo é esse bando de otário achar que é mais inteligente só por que sabe conversar sobre o que gosta. Pior ainda é quando eles tentam justificar o fato de nenhuma mulher ter interesse neles, dizendo que é por que o que as mulheres gostam é de dinheiro. Tenho pena de vocês. (J., mulher).

Chega a ser ridículo esse preconceito. Bem machista. Sou mulher, acompanho futebol, vou ao estadio e sou feminina. Qual o problema? Mas quem deixou desenvolver esse preconceito foram as proprias mulheres. Muitas delas deixam expressar o horror que sentem por futebol. Minha mãe por exemplo tem aversão e acha um belo saco ter que assistir futebol. (L.O.,mulher).

A segunda questão que me chamou a atenção é que aqueles que fizeram os comentários mais exaltados e mais claramente preconceituosos optaram, sem exceção, por fazê-lo de maneira anônima, utilizando-se de pseudônimos e endereços de e-mail falsos⁷⁸ de modo a ocultar sua verdadeira identidade. Podemos perceber a partir daí que, se por um lado a violência simbólica de gênero está presente de maneira muito dentro do universo dos torcedores e que estes parecem se ver ameaçados por comentários femininos num universo que julgam ser apenas deles, por outro lado essa convicção não é forte o suficiente para que o façam de maneira aberta. Isso já havia sido observado em capítulo anterior quando tratávamos da questão da sociabilidade virtual através do *Orkut* e fica ainda mais claro quando trata-se de uma página aberta de um comentarista esportivo que parece ter chamado a atenção de um público mais amplo para a questão das mulheres do que as comunidades analisadas.

⁷⁸ A página do Lance! exigia o uso de um endereço de e-mail (válido ou não, como pudemos observar) para que o usuário poste um comentário em uma matéria ou blog.

Podemos citar outras mulheres que ganharam status de especialistas e ganharam espaço na mídia esportiva – falada, escrita e televisiva – como Marília Ruiz (Rede Record, Bandeirantes, Diário Lance!, entre outros) e Milly Lacombe (SporTV e Rede Record). Todas estas passam por uma série de “provações” que passam desde a legitimidade de sua paixão pelo esporte até a sua capacidade de compreender o esporte, sendo às vezes mal vistas não apenas pelo público, mas por seus próprios colegas de trabalho. Em citação de Goffman recuperada por Stycer, o autor afirma que:

As práticas institucionais profundamente enraizadas têm o efeito de transformar as situações em cenas onde os dois sexos representam comportamentos de gênero, de forma que inúmeras destas representações assumem uma forma ritual que exprime crenças sobre a natureza humana diferenciada dos dois sexos, oferecendo indicações sobre a maneira pela qual podemos esperar que os comportamentos entre os dois sexos sejam coordenados. (Goffman, 2002: 93 *apud* Stycer, 2009: 257).

Falamos anteriormente sobre a questão dos olhares “de fora” e “de dentro” como aspectos que legitimariam ou não a opinião de uma mulher sobre o futebol no caso das torcedoras e ao que me parece, algo muito semelhante ocorre com as jornalistas, sendo jornalista Milly Lacombe a protagonista de um caso que deixa bastante clara esta idéia.

Milly Lacombe era uma das comentaristas do programa diário *Arena Sportv* quando, ao vivo, afirmou que o goleiro Rogério Ceni do São Paulo F.C. teria forjado documentos com uma proposta de um clube inglês para conseguir uma renovação de contrato mais favorável com o São Paulo. O pai do jogador, que estava assistindo o programa avisou-o, que ligou para a produção e discutiu com a jornalista, por estar fazendo acusações sem provas. Logo depois do episódio, Milly Lacombe foi colocada “na geladeira” da emissora, ou seja, foi praticamente tirada do ar até o fim de seu contrato, além de o jogador ter entrado na justiça com uma representação contra ela.

Outros jornalistas já fizeram acusações semelhantes para jogadores, dirigentes, treinadores, etc., mas apesar de também sofrerem retaliações legais⁷⁹, raramente sofrem o mesmo tipo de retaliação que as mulheres, como a própria Soninha me afirmou em entrevista. Segundo ela, houve uma enxurrada de manifestações que chegaram ao seu e-

⁷⁹ Juca Kfour e Jorge Kajuru, assim como Milly Lacombe, são exemplos de alguns dos jornalistas que sabidamente já foram alvo de processos por calúnia, difamação, entre outros, além de serem considerados *persona non grata* em diversos círculos dentro do futebol, como o próprio presidente da CBF.

mail, de críticas como “viu o que vocês mulheres aprontam quando falam de futebol” até ressalvas como “só você mesmo que salva entre as mulheres”.

Não entrarei aqui no mérito de avaliar se o comentário de Lacombe era válido ou não, mas o fato é me parece que os erros cometidos por profissionais homens são muito mais “justificáveis” do que os erros cometidos por mulheres em situações semelhantes. Se um homem acusa sem provas, é polêmico, mas se uma mulher comete uma gafe, o faz porque é mulher. Isso serve para ressaltar como não importa a maneira, o olhar feminino é sempre muito mais sujeito a provações e reafirmações de sua legitimidade por conta simplesmente de ser mulher.

No nível profissional, podemos notar que o respeito pela participação feminina hoje vem ganhando novas cores com o aumento do número de profissionais e interessadas em trabalhar com o esporte nas mídias escrita, falada e televisiva. Existe um número considerável de repórteres de campo em todos os canais de televisão aberta ou por assinatura, no rádio, colunistas em periódicos esportivos ou não, apresentadoras e comentaristas, mas o que mais me chamou a atenção foi o recente investimento que a RedeTV! fez em um programa apresentado exclusivamente por mulheres.

No ar desde agosto de 2010, o *Belas na Rede* veio para substituir o *Bola na Rede*, apresentado por Fernando Vanucci e que vinha continuamente alcançando um público médio de 3 pontos de audiência. O diretor-geral de esportes da emissora, Terence Paiva, explicou em entrevista coletiva que não pretendia fazer qualquer tipo de revolução, mas considerando o número de marcas voltadas para o público feminino, apenas fazia sentido que o mesmo tipo de aposta fosse feito no campo esportivo: “quando me questionam o porquê de eu colocar no ar um programa com cinco mulheres, retruco com um 'por que não?' A sociedade hoje não é mais tão machista”, explica⁸⁰.

O programa, que vai ao ar aos domingos, é comandado pela jornalista Paloma Tocci e tem a participação da jornalista Marília Ruiz, das ex-jogadoras Milene Domingues e Juliana Cabral, além de Gabriela Pasqualin, responsável pelas reportagens esportivas. A idéia é reunir um grupo de mulheres que entenda de futebol para comentar as rodadas dos campeonatos de uma maneira que não seja caricata e não reforce estereótipos sobre mulheres falando sobre o assunto.

Apesar da proposta inovadora, o programa parece ainda não ter atingido o objetivo de seus idealizadores, de igualar ou superar os índices do programa anterior. Desde sua

⁸⁰ Fonte: <http://babado.ig.com.br/noticias/2010/08/09/belas+na+rede+da+redetv+9559615.html>, consultado em 04/01/2011.

estreia, o programa obteve médias baixas de audiência, na casa de um ponto, abaixo da maioria obtendo médias de um ponto de audiência e ficando abaixo da maioria dos outros programas. As tabelas a seguir ilustram os índices de audiência das mesas-redondas que foram ao ar nos dias das últimas três rodadas do Campeonato Brasileiro da Série A:

Tabelas 5 a 7. Índice de audiência de mesas-redondas dominicais na televisão aberta⁸¹.

Dia	Emissora	Início	Fim	Programa	Índice de audiência	Percentual de telespectadores
21.11.10	Band	13h24	16h30	Band Esporte Clube	3,0	6,7
21.11.10	Band	18h55	21h00	Terceiro Tempo	3,6	6,7
21.11.10	RedeTV!	19h00	20h00	Belas na Rede	1,0	2,0
22.11.10	RedeTV!	01h50	02h13	Bola Rede Segundo Tempo	0,3	1,3
21.11.10	Gazeta	21h30	23h48	Mesa Redonda	2,4	3,9
21.11.10	Band	16h01	16h30	Gol, o Grande Momento	5,2	11,3

Dia	Emissora	Início	Fim	Programa	Índice de audiência	Percentual de telespectadores
28.11.10	Band	13h20	16h27	Band Esporte Clube	2,7	6,3
28.11.10	Band	18h55	21h00	Terceiro Tempo	4,0	7,7
28.11.10	RedeTV!	19h02	19h55	Belas na Rede	0,6	1,2
29.11.10	RedeTV!	01h52	02h15	Bola Rede Segundo Tempo	0,9	4,6
28.11.10	Gazeta	21h29	23h46	Mesa Redonda	1,7	2,7
28.11.10	Band	15h55	16h28	Gol, o Grande Momento	4,4	9,6

Dia	Emissora	Início	Fim	Programa	Índice de audiência	Percentual de telespectadores
05.12.10	Band	12h33	16h30	Band Esporte Clube	2,8	6,5
05.12.10	Band	18h58	20h59	Terceiro Tempo	4,9	8,1
05.12.10	RedeTV!	18h59	19h59	Belas na Rede	1,1	1,8
06.12.10	RedeTV!	01h57	02h15	Bola Rede Segundo Tempo	1,0	4,9
05.12.10	Gazeta	21h29	00h00	Mesa Redonda	1,6	2,5
05.12.10	Band	16h04	16h30	Gol, o Grande Momento	5,6	10,6

⁸¹ Fonte: Media WorkStation/Ibope – Grande São Paulo

Ao acompanhar o programa, pude perceber que apesar da baixa audiência em relação a outros programas, a iniciativa em si é algo louvável, em especial pela postura das apresentadoras; a ideia não é fazer um programa que tenha apenas apelo ao público feminino, mas dar voz a mulheres falando sobre futebol sem que sua feminilidade seja uma questão. O (in)sucesso da empreitada, ao meu ver, depende mais da resposta de seus interlocutores e da própria emissora do que por uma questão de domínio das apresentadoras sobre o assunto.

De uma maneira mais ampla, podemos concluir que o espaço que a mulher vem ganhando dentro do jornalismo esportivo é algo que não pode ser ignorado, e observar a maneira como estas vem se inserindo, demandando e de fato conseguindo uma voz diz muito sobre a aceitação que a opinião feminina pode alcançar em outros campos, seja dentro do futebol profissional ou mesmo nas torcidas.

Considerações finais

“O que é um impedimento? Qual o nome do lateral esquerdo da seleção? Você sabe quem é o técnico do seu time? E a diferença entre uma chuteira *society* e de futebol de campo?”. Toda mulher que já revelou a um homem o seu interesse pelo futebol já foi questionada, uma ou muitas vezes sobre cada um destes aspectos do esporte. Vimos ao longo do texto que dizer que o Brasil é o “país do futebol” significa mais do que o senso comum de que temos alguns dos melhores jogadores do mundo, o campeonato nacional mais competitivo ou a seleção mais vencedora. Significa falar de características arraigadas em nosso imaginário social, e que vão além de nossas fronteiras.

Todavia, é preciso ressaltar que se partirmos da premissa que o Brasil é o país do futebol, cabe fazer uma ressalva: o Brasil é o país do futebol masculino. E é o país do futebol masculino porque o futebol aqui é – ou para muitos deveria ser – jogado, narrado, comentado, arbitrado e dirigido por e para homens. De fato, mesmo na literatura das Ciências Sociais sobre o futebol, a questão do feminino neste esporte deixa quase sempre a inserção das mulheres como partícipes do *ethos* esportivo de lado.

Seria por não compreenderem o jogo? Creio que não. Temos hoje no futebol feminino diversas técnicas que comandam equipes e seleções, como é o caso da brasileira Rose do Rio, a primeira mulher a comandar uma equipe de futebol profissional no nosso país. A questão da valorização do futebol feminino é histórica e cultural. Em vários países como os Estados Unidos, o futebol se constituiu como um esporte predominantemente feminino, praticado em escolas, universidades, etc., quase que exclusivamente por mulheres, sendo um esporte profissional que vem crescendo na modalidade masculina de uns anos para cá.

No Brasil, o que acontece é exatamente o contrário. Semelhante ao que ocorre na Argentina, foi durante muito tempo considerado um esporte masculinizante e pouco adequado a mulheres, seja pela exigência física, a maneira como conforma os corpos ou mesmo pela suposta violência do jogo. As que jogavam iam sempre contra a corrente, sendo que aquelas que queriam praticar como esporte de alto rendimento e se profissionalizar eram obrigadas a ir pra fora do país. Até poucos anos atrás, não existia sequer uma liga nacional de futebol feminino

Seria então por falta de competência das mulheres brasileiras como jogadoras? Certamente que não. Existe hoje uma quantidade cada vez maior de mulheres e meninas praticando o esporte, seja na modalidade campo ou salão. A Seleção Feminina foi medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim, em 2008, campeã pan-americana nos jogos do Rio de Janeiro em 2007, vice-campeã na Copa do Mundo em 2007, semifinalista em 2011 e é atualmente a 3^a colocada no *ranking* da FIFA. Vale lembrar que os homens hoje figuram a 5^a colocação, atrás de Espanha, Holanda, Alemanha e Inglaterra. Além disso, de 2007 a 2010 a FIFA elegeu uma brasileira, Marta, como a melhor jogadora do mundo e hoje ela é chamada “a Pelé de saias”. Entretanto, o futebol feminino ainda é visto como lento, as jogadoras em geral menos habilidosas e o jogo em si menos atrativo:

No país do futebol, pentacampeão mundial, as mulheres têm dificuldade de provar que são realmente boas de bola. Entre os clubes, torcedores e entendidos de futebol, existe uma espécie de consenso de que apenas os canarinhos machos sabem voar. E, como o esporte é um espelho da sociedade em que vivemos, nele existe uma comparação ‘natural’ da mulher com o homem”. (René Simões⁸², técnico da Seleção Feminina de Futebol medalhista de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas de 2004).

Poderíamos argumentar que existe uma falta de interesse, por parte das mulheres, em acompanhar as equipes e comparecer aos jogos. Os dados apresentados neste trabalho mostram que não apenas este interesse existe, mas que as mulheres demandam um espaço e uma voz cada vez maior nos estádios, mesas de bar e fóruns de discussão sobre futebol. Existem grupos de mulheres que se reúnem para assistir partidas (nos estádios ou não), para discutir contratações, resultados e *performances*, e a Internet representou um grande avanço na abertura de espaços para que estas discussões ocorram. A própria variedade de camisetas, uniformes e outros artigos relacionados a equipes e seleções de futebol voltados para o público feminino evidenciam que mesmo as fabricantes de material esportivo perceberam o aumento na quantidade de mulheres interessadas neste esporte e dispostas a investir consideráveis quantias de dinheiro em material oficial de seu clube de coração.

⁸² Simões, R. 2007: 7.

E o mesmo ocorre em todas as áreas que concernem o futebol masculino e feminino, seja como *torcedoras*, como *profissionais* (jogadoras, psicólogas e árbitras e auxiliares, como tratamos acima, ou ainda como treinadoras, agentes, fisioterapeutas e dirigentes) ou *especialistas*. A eleição de Patrícia Amorim como presidente do clube de maior torcida no país representa um grande avanço, principalmente por se tratar de um clube tão grande e de tamanha visibilidade como é o C.R. Flamengo. Entretanto, creio que a esperança de superação de um sexismo tão arraigado como é o caso do futebol dependerá como ela conduzirá a presidência, do tipo de postura adotada e, claro, se isso é de fato uma agenda que ela tenha. A sensação inicial é a de que ela foi eleita apesar de ser mulher e que erros não serão tolerados. É bastante provável que o fato de ela ser mulher passe despercebido, pois o próprio caso de Marlene Matheus, que foi dirigente do Corinthians é um exemplo de como nada se alterou em relação à imagem que se tem das mulheres dentro do futebol.

Me parece que, se houver algum efeito, este vai ser mais claramente percebido por mulheres do que por homens, como um exemplo àquelas que queiram seguir seus passos, participando mais ativamente de conselhos deliberativos e instâncias similares. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a contratação de jornalistas mulheres em mesas redondas e não apenas como apresentadoras ou repórteres de campo, ou mesmo com auxiliares de arbitragem, como a Ana Paula de Oliveira, que serviram de inspiração a outras mas não alteraram esta estrutura tão arraigada que temos no futebol brasileiro.

O maior empecilho a uma plena participação das mulheres no futebol – nas arquibancadas, ou em campo, profissional ou amador – é o fato que elas não são socializadas no futebol desde crianças como ocorre com os homens. A consequência disso é que o número de mulheres que praticam o esporte é comparativamente muito menor, e os homens continuam a argumentar que é por isso elas não são capazes de compreendê-lo, por não terem o olhar “de dentro” de que tratamos ao longo deste trabalho. Além disso, como já foi dito antes, existe toda uma questão física que julga uma não adequação do corpo da mulher para a prática do futebol. De um lado, o corpo frágil da mulher não suportaria um o forte contato e os choques intrínsecos ao futebol, e de outro uma suposta “masculinização” indesejada do corpo é uma consequência que também é usada como argumento para justificar porque uma mulher não pode, ou pelo menos não deveria, jogar futebol.

Alguma mudança só poderá ocorrer com alterações em valores que vão muito além do futebol, questões estas que passam pelo lugar que se acredita que a mulher pode ou deve ocupar na própria sociedade. A percepção de que as questões de gênero podem e devem ser colocadas visa colocar em xeque a naturalização da visão androcêntrica e heteronormativa

de que o espaço da mulher no futebol é restrito a uma margem tênue, em que sua feminilidade não “atrapalhe” o espetáculo.

Referências bibliográficas

- ALABARCES, Pablo. (org.) **Hinchadas**. Buenos Aires, Prometeo Libros, 2006.
- ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.
- BOSCHILIA, Bruno e MEURER, Sidmar dos S. “Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa.” **<http://www.efdeportes.com/> Revista Digital** - Buenos Aires - Año 11 - N° 97 - Junio de 2006.
- BOSCHILIA, Bruno, Vlastuin, Juliana e MARCHI Jr., WANDERLEY. “Algumas implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros de futebol”. **Revista Brasileira de Ciências do esporte**. Vol. 30 – No.01 – 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRIMSON, Douguie e Eddie. **Everywhere we go**. Londres: Headline, 1996.
- CARNEIRO, Maria Luiza B. **Um toque de bola em pés femininos: um estudo sobre o futebol feminino de Florianópolis**. Trabalho apresentado no GT 23 – “Antropologia do Esporte: práticas esportivas, lazer e corporeidades no Mercosul” da VII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre (RS), julho de 2007.
- CODDINGTON, Anne. **One of the Lads – Women Who follow football**. Londres: Harper Collins Publishers, 1997.
- CONDE, Mariana e RODRÍGUEZ, María Graciela. “Mujeres en el fútbol argentino: sobre prácticas y representaciones”. **Revista Alteridades**, ano 12, número 23, págs 93-106. Janeiro – Junho 2002. Universidad Autonoma Metropolitana – Unidad Iztapalapa.
- COSTA, Leda Maria. “O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol.” **Revista Esporte e Sociedade**, ano 2, número 4, Nov. 2006/Fev. 2007.
- COSTA, Carlos Eduardo e TOLEDO, Luiz Henrique (orgs.) **Visão de Jogo – Antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- COX, Barbara & THOMPSON, Shona. “Facing the Bogey: Women, Football and Sexuality.” **Football Studies**, vol. 4, n° 2, pp. 7-24, 2001. Disponível em <<http://www.aafra.org/Sports Library/ FootballStudies/2001/FS0402d.pdf>>
- DAMATTA, Roberto. “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. In: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro.** Rio de Janeiro: Rocco 1997a.

DAMATTA, Roberto e SOÁREZ, Elena. **Águias, Burros e Borboletas: Um Estudo Antropológico do Jogo do Bicho.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAMO, Arlei. **Do Dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França.** São Paulo, Editora Hucitec, 2007.

ELIAS, Norbert. e DUNNING, Eric. (Orgs.). **A Busca da Excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir – História da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDMAN, Márcio. “Antropologia contemporânea, sociedades complexas e outras questões.” In: **Alguma Antropologia.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

GUEDES, Simoni Lahud. “Lógicas da emoção. Resenha do Livro: ‘Lógicas do Futebol’, de Luiz Henrique de Toledo (São Paulo, Hucitec / FAPESP, 2002).” **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 18, nº51, 2003, pp. 179-183.

GUIMARÃES JR, M. J. L. **Sociabilidade no Ciberespaço: distinção entre plataformas e ambientes.** Disponível em: http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html. Trabalho apresentado na 51ª Reunião Anual da SBPC – PUC/RS, julho de 1999.

HERAS, Ana B. “La construccion social del cuerpo de la mujer en el deporte.” **Revista Española de Investigacion Sociológica**, nº 68, Octubre/ Diciembre de 1994, pp. 97-117.

KULICK, Don. **Travesti - Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. “Raça e História”. In: **Antropologia Estrutural Dois.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LOPES, J. Sérgio Leite. “O estilo brasileiro de futebol, seus dilemas e seus intérpretes” In: GARGANTA, Júlio, MURAD, Maurício & OLIVEIRA, José (orgs.). **Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo.** Cidade do Porto: Campo das Letras, 2004.
Lovisol, moura, bento e santos, 2009

LOVISOLO, Hugo, SOARES, Antonio J. & BARTHOLO, Tiago L. “Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas.” **Movimento Porto Alegre**, vol. 12, nº3, set./dez. 2006, pp. 165-191.

MAGNANI, José Guilherme C. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.” In: J. G. Magnani & Lílían Torres (orgs.). **Na Metrópole**. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.” **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, nº49, 2002.

MAUSS, M. “Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: **Sociologia e Antropologia** (vol. II). São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Novos caminhos de socialização na Internet: Um estudo das listas de eletrônicas de discussão**. Trabalho apresentado no Fórum de Pesquisa 19 “Cultura comunicação e vida cotidiana” da 22ª Reunião Brasileira de Antropologia. Brasília (DF), julho de 2000.

NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero.” **Revista Estudos Feministas**, vol. 8, nº2, pp. 9-43, 2000.

OLIVEIRA, Leonardo E. S. **O jogo dos gêneros e o gênero do jogo: o caso do voleibol**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2010.

PAIM, Maria Cristina C. “Visões estereotipadas sobre a mulher no esporte.” <http://www.efdeportes.com/> **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 10 - Nº 75 - Agosto de 2004.

PALMIÉRI, Júlio César J. **Quanto vale um talento? Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.

PISCITELLI, Adriana. “Re-criando a (categoria) mulher?.” In: Leila Algranti (org.) A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos didáticos**, nº48 pp.7-42. Campinas, IFCH – Unicamp, 2002.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

ROJO, Luiz Fernando. **Entre homens, mulheres e cavalos: um caso de igualdade no esporte olímpico**. 2006.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica.” **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 71-99, jul. / dez., 1995.

SIMÕES, René. **O dia em que as mulheres viraram a cabeça dos homens**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

SOUZA, Marcos Alves. **A “nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro**. 1996a. 64f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

STYCER, Mauricio. **História do *Lance!* Projeto e prática do jornalismo esportivo**. São Paulo: Alameda, 2009.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP / ANPOCS, 1996.

_____. “Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002)”. **BIB**, número 52, Bauru, Edusc, 2001.

_____. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002.

VERTINSKY, Patrícia A. “Gender Relations, Women’s History and Sport History: A Decade of Changing Enquiry, 1983-1993.” **Journal of Sport History**, vol.21, nº 1, pp. 1-24, Spring 1994.

VOGEL, Arno. “O Momento Feliz, Reflexões sobre o Futebol e o ethos nacional.” In: DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

WILLIAMS J. & WOODHOUSE D. **Offside: the Position of Women in Football**. South Street Press, 1999.

Sites da *Internet* consultados

Confederação Brasileira de Futebol:
<http://cbfnews.uol.com.br>

Diário Olé:
<http://www.ole.com.ar>

Dossiê Esporte:
www.globosat.globo.com/sportv/hotsite/dossie/dossie_esporte.htm

Federação Paulista de Futebol:
www.futebolpaulista.com.br

Globo.com:
http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Esporte_Espetacular/0,,MUL1494310-16321,00.html

IG:

<http://www.ig.com.br>

Portal Terra:

<http://www.terra.com.br>

Trivela:

<http://www.trivela.com.br>

Comunidades do *Orkut*:

Eu amo mulher que ama futebol: www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=864796

MAF*Mulheres que amam futebol: www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=435635

Mulheres que entendem de futebol:

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1177720>

Mulher também gosta de futebol: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=388650>

Mulher e futebol não combinam: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6851985>

Mulher não entende de futebol: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1010722>

Anexos

Anexo I - DECRETO-LEI N. 3.199 - DE 14 DE ABRIL DE 1941

Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição,

DECRETA:

CAPÍTULO I

DO CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS E DOS CONSELHOS REGIONAIS DE DESPORTOS

Art. 1º Fica instituído, no Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Desportos, destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática, dos desportos em todo o país.

Art. 2º O Conselho Nacional de Desportos compor-se-á de cinco membros, a serem nomeados pelo Presidente da República, dentre pessoas de elevada expressão cívica, e que representem, em seus vários aspectos, o movimento desportivo nacional.

Parágrafo único. A nomeação, de que trata este artigo, será feita por um ano, não sendo vedada a recondução.

Art. 3º Compete precipuamente ao Conselho Nacional de Desportos:

- a) estudar e promover medidas que tenham por objetivo assegurar uma conveniente e constante disciplina à organização e à administração das associações e demais entidades desportivas do país, bem como tornar os desportos, cada vez mais, um eficiente processo de educação física e espiritual da juventude e uma alta expressão da cultura e da energia nacionais;
- b) incentivar, por todos os meios, o desenvolvimento do amadorismo, como prática de desportos educativa por excelência, e ao mesmo tempo exercer rigorosa vigilância sobre o profissionalismo, com o objetivo de mantê-lo dentro de princípios de estrita moralidade;
- c) decidir quanto à participação de delegações dos desportos nacionais em jogos internacionais, ouvidas as competentes entidades de alta direção, e bem assim fiscalizar a constituição das mesmas;
- d) estudar a situação das entidades desportivas existentes no país para o fim de opinar quanto às subvenções que lhes devam ser concedidas pelo Governo Federal, e ainda fiscalizar a aplicação dessas subvenções.

Art. 4º Para participar das reuniões do Conselho Nacional de Desportos, em que houver de se tratar qualquer matéria relativa aos Jogos Olímpicos serão sempre convocados os delegados do Comité Internacional Olímpico.

Parágrafo único. Os delegados, de que trata o presente artigo, poderão designar, se o preferirem, uma só pessoa que sirva de ligação entre a representação do Comité Internacional Olímpico e o Conselho Nacional de Desportos.

Art. 5º A discriminação das atribuições do Conselho Nacional de Desportos, a forma de seu funcionamento e a organização de seus serviços burocráticos serão reguladas no respectivo regimento a ser baixado com o decreto do Presidente da República.

Art. 6º Haverá, em cada Estado ou Território, um conselho regional de desportos, que se comporá de cinco membros, nomeados pelo respectivo governo, pelo prazo de um ano, não sendo vedada a recondução.

Parágrafo único. Um dos membros, de que trata o presente artigo, será de indicação do Conselho Nacional de Desportos.

Art. 7º Compete essencialmente ao conselho regional de desportos cooperar com o Conselho Nacional de Desportos para a realização de suas finalidades, bem como funcionar como órgão consultivo do governo do Estado ou Território em tudo que disser respeito proteção a ser por este dada, aos desportos.

Parágrafo único. O Conselho Nacional de Desportos exercerá, relativamente à Prefeitura do Distrito Federal, as funções consultivas próprias do conselho regional de desportos.

Art. 8º O regime da organização e funcionamento de cada conselho regional de desportos constará de seu regimento, decretado pelo governo no respectivo Estado ou Território ouvido o Conselho Nacional de Desportos.

CAPÍTULO II

DA ORGANIZAÇÃO GERAL DOS DESPORTOS

Art. 9º A administração de cada ramo desportivo, ou de cada grupo de ramos desportivos reunidos por conveniência de ordem técnica ou financeira, far-se-á, sob a alta superintendência do Conselho Nacional de Desportos, nos termos do presente decreto-lei, pelas confederações, federações, ligas e associações desportivas.

Art. 10. Os desportos, que, por sua natureza especial ou pelo número ainda incipiente das associações que os pratiquem não possam organizar-se nos termos do artigo anterior, terão, de modo permanente ou transitório, um sistema de administração peculiar, ficando as respectivas entidades máximas ou associações autônomas vinculadas ao Conselho Nacional de Desportos, com ou sem reconhecimento internacional.

Art. 11. Terão organização à parte, relacionados entretanto com o Conselho Nacional de Desportos, e com as confederações e com as entidades especiais de que trata o artigo

anterior, os desportos universitários e os da Juventude Brasileira, bem como os da Marinha, os do Exército, e os das forças policiais.

CAPÍTULO III

DAS CONFEDERAÇÕES DESPORTIVAS

Art. 12. As confederações, imediatamente colocadas sob a alta superintendência do Conselho Nacional de Desportos, são as entidades máximas de direção dos desportos nacionais.

Art. 13. As confederações serão especializadas ou ecléticas, conforme tenham a seu cargo um só ramo desportivo ou um grupo de ramos desportivos reunidos por conveniência de ordem técnica ou financeira.

Art. 14. Não poderá organizar-se uma confederação especializada ou eclética, sem que concorram pelo menos três federações que tratem do desporto ou de cada um dos desportos, que ela pretenda dirigir; nem entrará a funcionar sem que haja obtido a correspondente filiação internacional.

Art. 15. Consideram-se, desde logo, constituídas, para todos os efeitos, as seguintes confederações:

I - Confederação Brasileira de Desportos.

II - Confederação Brasileira de Basket-ball.

III - Confederação Brasileira de Pugilismo.

IV - Confederação Brasileira de Vela e Motor.

V - Confederação Brasileira de Esgrima.

VI - Confederação Brasileira de Xadrez.

Parágrafo único. A Confederação Brasileira de Desportos, compreenderá o foot-ball, o tenis, o atletismo, o remo, a natação, os saltos, o water-polo, o volley-ball o hand-ball, e bem assim quaisquer outros desportos que não entrem a ser dirigidos por outra confederação especializada ou eclética ou não estejam vinculados a qualquer entidade de natureza especial nos termos do art. 10 deste decreto-lei; as demais confederações mencionadas no presente artigo teem a sua competência desportiva determinada na própria denominação.

Art. 16. Periodicamente, de três em três anos, contados da data da sua instalação, o Conselho Nacional de Desportos, por iniciativa própria ou mediante proposta da confederação ou da maioria das federações interessadas, examinará o quadro das confederações existentes e julgará da conveniência de propor ao Ministro da Educação e Saude quer a criação de uma ou mais confederações novas, quer a supressão de qualquer

das confederações existentes.

§ 1º A criação de uma nova confederação justificar-se-á sempre que o ramo desportivo ou o grupo de ramos desportivos, que entre a constituí-la, tenha alcançado no país grande desenvolvimento e não ocorra em contrário nenhum motivo relevante; a supressão de uma confederação existente só se fará quando ficar demonstrado que lhe faltam os elementos essenciais de proveitosa existência.

§ 2º No exercício da atribuição que lhe confere o presente artigo, o Conselho Nacional de Desportos terá em mira que o foot-ball constitue o desporto básico e essencial da Confederação Brasileira de Desportos.

§ 3º A criação de confederação nova ou a supressão de confederação existente far-se-á, por decreto do Presidente da República.

Art. 17. As atribuições de cada confederação, assim como sistema de sua organização e funcionamento, deverão ser definidos nos respectivos estatutos.

Parágrafo único. Os estatutos iniciais de cada confederação, e as suas sucessivas reformas, só entrarão a vigorar depois de aprovados pelo Conselho Nacional de Desportos, em parecer homologado pelo Ministro da Educação e Saude.

CAPÍTULO IV

DAS FEDERAÇÕES DESPORTIVAS

Art. 18. As federações, filiadas às confederações, são os órgãos de direção dos desportos em cada uma das unidades territoriais do país (Distrito Federal, Estados, Territórios).

Art. 19. Poderão as federações ser especializadas ou ecléticas, segundo tratem de um só, ou de dois ou mais desportos.

Art. 20. As confederações darão filiação, no Distrito Federal e em cada Estado ou Território, a uma única federação para cada desporto.

Art. 21. Sempre que existam, no Distrito Federal e em cada Estado ou Território, pelo menos três associações desportivas que tratem do mesmo desporto, ficarão elas sob a direção de uma federação, que poderá ser especializada ou eclética.

Art. 22. No caso de existirem, no Distrito Federal, ou em algum Estado ou Território, apenas uma ou duas associações desportivas que pratiquem certo e determinado desporto, filiar-se-ão à federação ou a uma das federações aí existentes, até que possa constituir-se a federação própria, salvo se tal desporto pertencer no número dos que, nos termos do art. 10 deste decreto-lei devam ter organização de caráter especial.

Art. 23. Os estatutos de cada federação regular-lhe-ão competência, organização e funcionamento, e deverão, no texto inicial e reformas posteriores, ser aprovados pelo Conselho Nacional de Desportos, em parecer homologado pelo Ministro da Educação e

Saude.

CAPÍTULO V

DAS LIGAS E DAS ASSOCIAÇÕES DESPORTIVAS

Art. 24. As associações desportivas, entidades básicas da organização nacional dos desportos, constituem os centros em que os desportos são ensinados e praticados. As ligas desportivas, que teem carater facultativo, são entidades de direção dos desportos, na órbita municipal.

Parágrafo único. As ligas, bem como as associações desportivas poderão ser especializadas ou ecléticas.

Art. 25. As associações desportivas, no Distrito Federal e nas capitais dos Estados e dos Territórios, filiar-se-ão diretamente à respectiva federação; nos demais municípios, duas ou mais associações desportivas poderão filiar-se a uma liga, que se vinculará, à federação correspondente.

Parágrafo único. As federações não poderão conceder, dentro de um mesmo município, filiação a mais de uma liga para o mesmo desporto.

Art. 26. Os estatutos das associações e das ligas desportivas deverão ser aprovados pela federação a que elas estiverem filiadas.

CAPÍTULO VI

DAS COMPETIÇÕES DESPORTIVAS

Art. 27. Nenhuma entidade desportiva nacional poderá, sem prévia autorização do Conselho Nacional de Desportos, participar de qualquer competição internacional.

Art. 28. Resolvida, pelo Conselho Nacional de Desportos, a participação do país em competição internacional, não poderão as confederações nem as entidades que lhes sejam direta ou indiretamente filiadas, se convocadas, dela abster-se.

Art. 29. Para participar de competição desportiva internacional de amadores, dentro ou fora do país, poderá o Conselho Nacional de Desportos, mediante prévia autorização do Presidente da República, requisitar à autoridade competente qualquer funcionário ou extranumerário, contratado ou mensalista, sem prejuizo das vantagens de seu cargo ou função.

Parágrafo único. Se se tratar do empregado em serviço particular poderá igualmente fazer-se a requisição, sem prejuizo do jogador, cumprindo todavia à confederação interessada indenizar o empregador do prejuizo correspondente ao salário por ele vencido.

Art. 30. Nenhuma associação desportiva poderá exigir qualquer indenização ou vantagem especial, em seu proveito, ou no de seus jogadores, quando estes estejam a serviço de uma

confederação, federação ou liga, para competição internacional, nacional ou regional, que não se revista de caráter amistoso.

Art. 31. Para a realização de competição internacional no país, poderá o Conselho Nacional de Desportos requisitar qualquer praça de desportos pertencentes à União, aos Estados ou aos Municípios e bem assim às entidades desportivas que lhe sejam direta ou indiretamente filiadas, sem reserva de direitos dos quadros sociais.

Art. 32. Nas exibições desportivas públicas de profissionais, nenhum quadro nacional poderá figurar com mais de um jogador estrangeiro.

Parágrafo único. O Conselho Nacional de Desportos poderá, em circunstâncias especiais, elevar até o máximo de três o número de estrangeiros de cada quadro nas exibições públicas.

Art. 33. Sempre que uma federação, liga ou associação desportiva deixar de tomar parte em mais de um campeonato, promovido pela entidade a que estiver filiada, perderá o direito de voto na assembléia, dessa entidade, e só o readquirirá no momento de participar ou depois que houver participação de novo campeonato.

Art. 34. Em toda praça de desportos, haverá lugar próprio para alojamento das autoridades policiais incumbidas de manter a ordem durante as competições.

Art. 35. Nenhuma pessoa estranha à competição desportiva, enquanto esta durar, poderá entrar ou ficar no local de sua realização.

Parágrafo único. Dar-se-á a intervenção da polícia, quando solicitada pelo juiz ou outra autoridade dirigente da competição.

Art. 36. Não poderão promover exibições públicas de qualquer modo remuneradas, as entidades desportivas que não sejam direta ou indiretamente vinculadas ao Conselho Nacional de Desportos.

CAPÍTULO VII

DAS MEDIDAS DE PROTEÇÃO AOS DESPORTOS

Art. 37. Incumbe à União, ao Distrito Federal, aos Estados e aos Municípios, isoladamente ou mediante conjunções de esforços, estimular e facilitar a edificação de praças de desportos pela iniciativa particular, e bem assim, na falta desta iniciativa, construí-las e montá-las, afim de que sirvam aos exercícios e competições das entidades desportivas.

Parágrafo único. Serão baixadas pelo Conselho Nacional de Desportos as necessárias instruções técnicas para organização de projetos, de praças de desportos.

Art. 38. A União, do Distrito Federal, os Estados e os Municípios deverão subvencionar as entidades desportivas filiadas direta ou indiretamente ao Conselho Nacional de Desportos, para o fim de possibilitar a manutenção e o desenvolvimento de suas atividades.

§ 1º A subvenção federal será concedida com observância do regime estabelecido pelos decretos-leis n. 527, de 1 de julho de 1938, n. 693, de 15 de setembro do mesmo ano, e n. 1.500, de 9 de agosto de 1939.

§ 2º Os conselhos regionais de desportos darão ciência ao Conselho Nacional de Desportos de todas as subvenções concedida às entidades desportivas, pelo governo do Estado ou Território, bem como pelas administrações municipais.

Art. 39. O Conselho Nacional de Desportos estudará um plano tendente o promover a realização do necessário seguro em benefício dos jogadores sujeitos a acidentes.

Art. 40. As exibições públicas, promovidas pelas entidades desportivas filiadas direta ou indiretamente ao Conselho Nacional de Desportos, serão isentas de quaisquer impostos ou taxas federais devendo as autoridades estaduais e municipais expedir os atos necessários a todas as isenções da mesma natureza.

Art. 41. O material importado pelas entidades desportivas filiadas direta ou indiretamente ao Conselho Nacional de Desportos e destinado à prática dos desportos gozará de isenção de direitos de importação para consumo e demais taxas aduaneiras, sempre que não haja similar na indústria nacional.

Art. 42. Os componentes de delegação, escalados para representar o país no estrangeiro, em competições ou congressos desportivos, terão passaportes isentos de impostos ou taxas de qualquer natureza.

Parágrafo único. Quando os membros de uma delegação excederem de dez, os passaportes serão concedidos em lista coletiva, acompanhada de mais de três via, constando em todas, debaixo de cada fotografia, o nome do desportista, sua nacionalidade e outras indicações necessárias.

CAPÍTULO VIII

DAS REGRAS, SÍMBOLOS E EXPRESSÕES DESPORTIVAS

Art. 43. Cada confederação adotará o código de regras desportivas de entidade internacional a que estiver filiada, fá-lo-á observar rigorosamente pelas entidades nacionais que lhe estejam direta ou indiretamente vinculadas.

Art. 44. O Conselho Nacional de Desportos fará elaborar projeto dos símbolos desportivos nacionais, a serem usados pelos competidores brasileiros nos Jogos Olímpicos, e os aprovará por decisão unânime.

Parágrafo único. Os símbolos das confederações, federações, ligas e associações desportivas serão definidos nos respectivos estatutos.

Art. 45. Será constituída, pelo Ministro da Educação e Saude, uma comissão de especialistas que estude e organize um plano de nacionalização e uniformização das expressões usadas nos desportos.

Parágrafo único. Os preceitos constantes do plano referido neste artigo entrarão a vigorar depois de aprovados pelo Conselho Nacional de Desportos, em parecer homologado pelo Ministro da Educação e Saúde.

CAPÍTULO IX

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 46. Toda a matéria relativa à organização desportiva do país deverá ser regulada por lei federal.

Art. 47. As confederações terão sede na Capital da República; as federações, salvo as do Distrito Federal, nas capitais dos Estados ou Territórios; e as ligas nas sedes dos Municípios.

Art. 48. A entidade desportiva exerce uma função de caráter patriótico. É proibido a organização e funcionamento de entidade desportiva, de que resulte lucro para os que nela empreguem capitais sob qualquer forma.

Art. 49. A função executiva, na administração de qualquer entidade desportiva, caberá ao respectivo presidente.

Art. 50. As funções de direção das entidades desportivas não poderão ser, de nenhum modo, remuneradas.

Art. 51. As diretorias das entidades desportivas serão compostas de brasileiros natos ou naturalizados; os seus conselhos deverão constituir-se de dois terços de brasileiros natos ou naturalizados pelo menos.

Parágrafo único. Poderá o Conselho Nacional de Desportos abrir exceção para o estrangeiro radicado no país, com relevantes serviços prestados à comunidade brasileira em geral ou aos desportos nacionais em particular.

Art. 52. Só poderão ser contratados técnicos estrangeiros em desportos, com autorização do Conselho Nacional de Desportos, salvo se se destinarem a qualquer serviço oficial.

Art. 53. É dever das entidades desportivas, que abranjam desportos de prática profissional, organizar a superintendência técnica das atividades amadoras correspondentes e realizar torneios e campeonatos exclusivamente de amadores.

Art. 54. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

Art. 55. O Conselho Nacional de Desportos estudará e promoverá a instituição de uma ou mais associações nacionais de árbitros.

Art. 56. O Conselho Nacional de Desportos estudará e proporá ao Ministro da Educação e

Saude nova forma de sua constituição, para o efeito de tornar mais definida a sua expressão representativa.

Art. 57. Dentro de um ano, a contar da data de sua instalação, poderá o Conselho Nacional de Desportos, uma vez que verifique estarem satisfeitas as condições mínimas exigidas, propor ao Ministro da Educação e Saude a instituição de uma ou mais confederações novas, destinadas à direção de desportos não mencionados no artigo 15 deste decreto-lei.

Parágrafo único. A declaração de existência de qualquer nova confederação será feita por decreto do Presidente da República.

Art. 58. Dentro do prazo de noventa dias contados da data da instalação do Conselho Nacional de Desportos, as confederações mencionadas no art. 15 deste decreto-lei deverão apresentar-lhe projeto de seus estatutos, bem como dos estatutos das federações a elas filiadas.

Parágrafo único. Imediatamente depois de instalado, deverá o Conselho Nacional de Desportos baixar instruções às confederações que trata o presente artigo relativamente à matéria de seus estatutos e dos estatutos das federações.

Art. 59. Dentro do prazo de sessenta dias depois de instalado o Conselho Nacional de Desportos, deverão estar organizados os conselhos regionais de desportos.

Art. 60. Os contratos relativos à matéria do art. 32 deste decreto-lei, vigente na data de sua publicação, serão válidos até à respectiva extinção.

Art. 61. Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1941, 120º da Independência e 53º da República.

GETULIO VARGAS.

Gustavo Capanema.

Francisco Campos.

A. de Souza Costa.

Eurico G. Dutra.

Henrique A. Guilhem.

João de Mendonça Lima.

Oswaldo Aranha.

Fernando Costa.

Waldemar Falcão.

J. F. Salgado Filho.

Anexo II – Apresentação e regras da comunidade *Mulheres que amam futebol do Orkut*

****REGRAS DA COMUNIDADE****

Início: 13.07.2010

1) Os tópicos deletados serão aqueles que:

- Contém propagandas de comunidades ou qualquer tipo de spam;
- Contém assuntos que fujam do tema da comunidade;
- Contém assuntos repetitivos e que estejam sendo abertos por membros que insistem sempre nos mesmos temas para discussões ou provocações;
- Contém ofensas entre membros da comunidade;
- Contém preconceitos e discriminação;
- Contém joguinhos ou pessoas pedindo para serem adicionadas;
- Causem tumulto e confusão entre os membros da comunidade;
- Contenham conteúdos que atentem à opção ou fama sexual de torcidas, clubes, jogadores e ex-jogadores. Assuntos do tipo nada acrescentam ao fórum e contrariam a natureza da comunidade.
- Que estejam direcionados a algum membro específico ou que cite alguém para que seja discutida a sua conduta. Este será deletado caso haja reclamação daquele que sofrer direcionamento ou cujo conteúdo for desrespeitoso e não contiver a palavra "OFF" em sua abertura;
- Que reclamem das moderadoras, de alguma situação ou de qualquer outra pessoa e que sugiram algo. Para isto, existe o scrap da moderação. Toda e qualquer reclamação ou sugestão deverá ser feita lá e não em tópicos que sejam abertos com esta finalidade ou que estejam em andamento. Qualquer tentativa de comunicação que não for realizada neste padrão, não será considerada e será imediatamente apagada!

***Tópicos OFF: Os tópicos OFF são destinados APENAS a assuntos considerados IMPORTANTES - mas que não tem a ver com futebol - e serão estes: eleições, programas de televisão, datas importantes e comemorativas, encontros e EVENTUALMENTE a narração de algum fato importante/pedido de ajuda por parte de algum membro. Reservamos o direito de deletar os tópicos OFF que tragam temas irrelevantes ou de pouca repercussão. Estes terão o seu conteúdo repostado pela moderação no tópico "Jornal da MAF". Também serão deletados aqueles que estiverem sendo abertos em excesso.**

2) Homens são bem-vindos, desde que não queiram ser o papel principal, isso pertence às mulheres, e desde que não queiram se sentir superiores. Pois estamos todos aqui pra discutir sobre a mesma coisa: futebol. Portanto, tópicos preconceituosos do tipo: "mulher não entende de futebol", não serão permitidos e

o dono do preconceito será expulso. Isso vale para mulheres preconceituosas também, pois não estamos aqui pra medir o nível de conhecimento futebolístico de ninguém.

3) Serão suspensos da comunidade:

- Pessoas que provocarem brigas, intrigas e tumultos através de posts ou tópicos;
- Pessoas que postarem qualquer assunto relacionado ao bairrismo;
- Membros que acusarem ou insinuarem que outros participantes sejam fakes ou proprietários deste tipo de perfil. Caso haja algum tipo de prova que consolide tal fato, esta deverá ser postada no scrap da moderação;
- Membros que fizerem referência indireta e desrespeitosa a qualquer membro da MAF, citando ou não o nome daquele que, supostamente, sofrer este tipo de menção;
- Membros que abrirem tópicos ou postarem conteúdos que levantem dúvidas sobre a sexualidade dos torcedores de cada equipe. A tolerância se restringirá apenas quando o assunto tratar sobre a preferência de atletas e mesmo assim, sem exageros!
- Pessoas que entram em tópicos para provocar, depois apagam o que postaram e reclamam com as moderadoras se fazendo de vitimas. Quando observarem isso, favor salvar em print screen que serão tomadas providencias;
- Ofensas diretas ou ato hostil e irônico a qualquer membro, seja ele novo ou ativo. Caso isto seja feito via scraps pessoais, favor tirar print que as devidas providências serão tomadas;
- Ofensas de qualquer espécie no scrap da moderação ou que denotem insinuação de má conduta de sua equipe.

- Pessoas que 'subirem' antigos tópicos com a finalidade de tumultuar a comunidade. Este tipo de atitude será tolerada com discussões que não tenham esta finalidade, porém, não serão aceitos excessos. Caso isto ocorra e seja detectado mais de um tópico antigo no fórum principal, os posts que os fizeram emergir serão deletados. Como no tópico acima, quem observar esse tipo de atitude, favor salvar em print screen;
- Pessoas que fizerem propagandas de outras comunidades, blogs, sites ou jogos;
- Pessoas que utilizarem imagens ou ilustrações grosseiras, ofensivas ou que contenham conotação sexual, pois estas atentam contra a natureza ea proposta da comunidade. Serão suspensos também aqueles que associarem estas e também, reportagens jornalísticas, links ou vídeos que atentarem contra a reputação de uma coletividade de torcedores;
- Pessoas que hostilizarem membros, através de comentários diretos ou feitos sob ato de brincadeira, devido a possíveis erros ortográficos. Isto expõe negativamente o prejudicado perante os demais componentes da comunidade.

APLICAÇÃO DAS SUSPENSÕES: As suspensões serão aplicadas em caráter progressivo. Ou seja, a primeira recebida por um membro, será contada dentro do período de 1 semana. A segunda, dentro do período de 2 semanas e assim, sucessivamente.

4) Serão expulsos da comunidade:

- Fakes não identificados;

- Membros que abrirem tópicos ou efetuarem posts de conteúdo machista ou preconceituoso em qualquer tipo de referência;
- Pessoas que cometerem ato hostil ou irônico ao fazer referência as condições física, social e intelectual de outro membro.

- Pessoas que incentivarem qualquer ato ilícito previsto em lei. Portanto, atitudes de incentivo a violência de qualquer espécie, uso de entorpecentes, pedofilia e demais possibilidades criminosas não serão toleradas.
- Pessoas que, devido ao histórico problemático de recebimento de suspensões ou de conduta dentro da comunidade, não apresentarem mais condições de continuarem participando de nosso fórum de discussões em decorrência do contínuo desrespeito as regras e aos demais membros.

A decisão de afastamento definitivo caberá única e exclusivamente a equipe de moderação e sua aplicação será irrevogável!

5) Não serão aceitos na comunidade:

- Perfis falsos;
- Membros sem fotos.

6) Cada um é inteiramente responsável por aquilo que escreve. Por isso, vale lembrar que, ainda que estejamos 'protegidos' pelo falso anonimato que a Internet nos proporciona, somos autores das nossas idéias e por elas somos responsabilizados. Lembramos também que, em casos graves (que envolvam crimes, por exemplo), existem formas de descobrir quem está por trás da tela, coisa que as autoridades competentes possuem condições de realizar. Portanto, a moderação NÃO SE RESPONSABILIZA pela opinião dos membros da comunidade, bastando à ela fazer cumprir as punições relacionadas à comunidade aqui determinadas.

Bairrismo: O bairrismo, dentro do proposto pela comunidade, é todo e qualquer assunto que configure discussão entre estados, mas como tema principal, comparações sociológicas, econômicas e geográficas. As discussões abertas, que possuam conteúdo futebolístico, serão toleradas.

Avatares: Os membros que usarem avatares ofensivos, ou seja, que contenham imagens de conotação vulgar e sexual, serão notificados para que voltem a participar somente quando estiverem com algo que não agrida os demais participantes e a proposta da comunidade. Pessoas que utilizarem este artifício de seus perfis para provocarem em grupo, estarão sujeitas as sanções impostas pela regra, podendo variar de suspensão ou expulsão definitiva.

Fakes: Donos de fakes que utilizarem este perfil enquanto estiverem suspensos, terão os mesmos banidos!

Ofensas entre membros: Serão consideradas ofensas todo e qualquer comentário que for direcionado explicitamente a qualquer participante e cujo conteúdo seja desrespeitoso.

Participação de novos membros ou não ativos: Caso um membro inicie sua participação violando algo que esteja disposto nestas regras, receberá chamada da moderação para que leia o que aqui está disposto. Após o aviso, já estará sujeito a todas as punições previstas.

Em casos de posts ou tópicos machistas e preconceituosos, o membro será automaticamente banido, assim como disposto na redação de expulsão.

APELIDOS PROIBIDOS

Bichas, bixa, bicharada
Gay (e qualquer derivado)
Mongo (e qualquer derivado)
Piranha, piranhada
Galinha, galinhada
Penosas
Cachorra, cachorrada
Favela, favelado (a)
Mendigos
Viado
Burro (a)
Idiota
Marginal
Chifrudo (a)
Bandido (a)
Pedinte
Mulambo

Considerações finais: As regras aqui apresentadas terão, como única finalidade, a manutenção da ordem e da qualidade do fórum de discussões da comunidade "Mulheres que amam futebol".

Elas foram criadas, serão aplicadas e poderão ser modificadas única e exclusivamente pela moderação e por seus componentes, escolhidos somente por quem a compuser.

*** Homens, não queiram aparecer mais do que as mulheres. Vocês são apenas coadjuvantes. Não queremos chegar ao extremo de ter que proibir a participação de vocês. Para o que muitos procuram (se aparecer e tumultuar), essa comunidade não é indicada.

Diante de inúmeras reclamações procedentes das participantes femininas, grupo majoritário e destinatárias principais do objetivo desta comunidade, pedimos aos homens que se comportem no que cerne a comentários machistas, preconceituosos e com imagens cujo cunho é o de mostrar a mulher como objeto sexual.

Qualquer manifestação do tipo será punida com expulsão definitiva do nosso quadro de membros.

Recepção de novos membros: não quer ser educado ou achou o tópico inútil?
NÃO POSTE!

Em casos de abertura de tópicos cuja discussão não seja comum na comunidade, como por exemplo, "Que time vc torce?", pedimos aos membros que evitem comentários. Caso haja postagem em que o participante cite o nome de alguma equipe, mesmo que não seja o dele, a mesma não será considerada.

Contamos com a compreensão e colaboração de todos.

Moderadores.

Atenção para este ponto:

***** Homens, não queiram aparecer mais do que as mulheres. Vocês são apenas coadjuvantes. Não queremos chegar ao extremo de ter que proibir a participação de vocês. Para o que muitos procuram (se aparecer e tumultuar), essa comunidade não é indicada.**

Diante de inúmeras reclamações procedentes das participantes femininas, grupo majoritário e destinatárias principais do objetivo desta comunidade, pedimos aos homens que se comportem no que cerne a comentários machistas, preconceituosos e com imagens cujo cunho é o de mostrar a mulher como objeto sexual.

Qualquer manifestação do tipo será punida com expulsão definitiva do nosso quadro de membros.

Padronização de tópicos - os tópicos abertos para comentários sobre os jogos da rodada deverão ter a seguinte formação: [Nome/Sigla do torneio + ano] nome da equipe local x nome da equipe visitante. Ambos os clubes deverão ter os seus nomes escrito com a primeira letra na forma maiúscula. Não será aceito caps lock e a minimização total da nomenclatura de uma das entidades.

Aqueles que não seguirem o padrão serão deletados e o autor será punido - no pós advertência - com suspensão em caso de insistência.